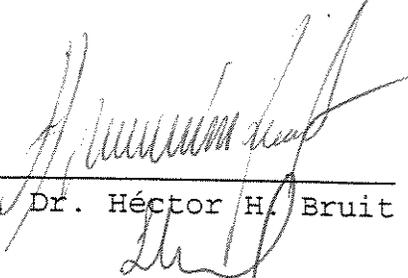


Claudia Regina Ferreira Santos

Yo el Supremo, romance, história...
Historiografia e literatura paraguaias sobre o
ditador Francia

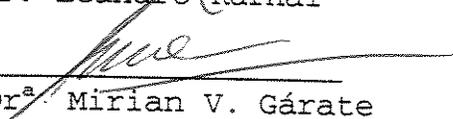
Dissertação de mestrado
apresentada ao Departamento de
História do Instituto de
Filosofia e Ciências Humanas da
Universidade Estadual de
Campinas, sob orientação do
Prof. Dr. Héctor Hernán Bruit

Este exemplar corresponde à
redação final da dissertação
defendida e aprovada pela
comissão julgadora em 28/04/00.



Prof. Dr. Héctor H. Bruit

Prof. Dr. Leandro Karnal



Prof^a. Dr^a. Mirian V. Gárate

Prof. Dr. Edgar de Decca (suplente)

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

Março / 2000



UNIDADE 30
N.º CHAMADA:
T/UNICAMP
Sa 59 s
V. _____ Ex. _____
TOMBO BC/ 42004
PROC. 16-278/00
C D
PREC. R\$ 11,00
DATA 31/08/00
N.º CPD _____

CM-00144787-2

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP

Santos, Claudia Regina Ferreira
Sa 59 s Yo el Supremo, romance, história...: historiografia e literatura
paraguaias sobre o ditador Francia / Claudia Regina Ferreira
Santos . - - Campinas, SP : [s.n.], 2000.

Orientador: Héctor Hernán Bruit.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas,
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Roa Bastos, Augusto. 2. Historiografia - Paraguai.
3. Literatura hispano-americana. I. Bruit, Héctor Hernán.
II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e
Ciências Humanas. III. Título.

Sumário

AGRADECIMENTOS	3
INTRODUÇÃO	6
CAPÍTULO 1: Francia e o romance	14
I. A realidade e o romance: caminhos possíveis	18
II. Ditadores e ditaduras na literatura hispano-americana ..	28
III. Roa Bastos, o escritor, o exílio	32
IV. <i>Yo el Supremo</i> , romance?	38
V. A crítica à escrita da história	53
VI. A história do Paraguai, pelo literato	66
CAPÍTULO 2: A historiografia paraguaia sobre Francia	80
I. O fascínio por Francia e o revisionismo	83
II. A "importância" do indivíduo no movimento da história ..	96
III. A história do Paraguai, pelos historiadores	107
IV. A memória de Francia e a historiografia	123
CAPÍTULO 3: História e literatura: irreconciliáveis?	127
I. O encontro entre a história e a literatura	130
CONSIDERAÇÕES FINAIS	159
BIBLIOGRAFIA	165

Dedico este trabalho a Florival
F. Santos e Vera L. R. Santos,
meus pais

Agradecimentos

Não sei bem precisar quando, mas desde há muito tempo o Paraguai exerce um fascínio sobre mim. Paixão difícil de explicar, aliás como todas, acho que começou a despertar minha atenção pelas belíssimas músicas, que faziam minha fantasia buscar um lugar que eu não conhecia, mas que parecia tão belo, tentando decifrar aquele idioma misterioso. As guarânicas, polcas, cantadas de forma melancólica, embalavam meus sonhos de realizar um trabalho sobre aquele país.

Um dia, e também já faz bastante tempo, deparei-me com um dos ditadores paraguaios, que sendo um "fantasma", protestava, lançando questões sobre como a história é escrita, e sobre o próprio ofício do historiador, chamando-nos de profetas do passado, e acusando-nos de escrever pasquins. Mas era de tal forma sedutor, que fui capturada pelo seu encanto e pelo seu mistério. A tentativa de me desvencilhar resultou neste trabalho, e agora é o momento de agradecer àqueles que estiveram de alguma forma comigo nestes anos, que não agüentavam mais ouvir falar do *Karai Guasú*, nem de Roa Bastos, e nem suportavam meu já famoso mau-humor, exacerbado terrivelmente com a redação da dissertação. De antemão, desculpo-me por eventuais esquecimentos.

Aquele encontro com o ditador que mencionei acima aconteceu em uma das reuniões com a Alessandra e a Laila, lá no Centro de Memória, onde pudemos nos aproximar cada vez mais da fantástica literatura hispano-americana, quase sempre esquecida por nós, aqui no Brasil. Salvo raras exceções, é como se ela não existisse. Em meio aos nossos devaneios e delírios sobre aquelas obras, podíamos perceber o riquíssimo material que tínhamos em mãos, para a realização de trabalhos que poderiam ser originalíssimos.

O Prof. Héctor Bruit nos orientava pelos "labirintos" desta história hispano-americana que ele conhece tão bem, e aceitou também o encargo da orientação do meu projeto de mestrado.

À sua maneira, ele sempre soube conduzir a todos pelos caminhos da história desta América. A ele, então, meus agradecimentos.

Do Centro de Memória não posso deixar de mencionar o Prof. José Roberto do Amaral Lapa, com quem, ainda na graduação, iniciei a pesquisa em história. Da biblioteca, não posso esquecer do Luciano, que parece fazer mágica para encontrar os livros "desaparecidos".

A FAPESP financiou o projeto.

Agradeço também aos professores Leandro Karnal e Edgard de Decca pela leitura crítica e sugestões por ocasião do exame de qualificação, e também à professora Mirian Gárate, por ter aceito participar da banca da defesa da dissertação.

Laila Brichta, companheira de paixão pelo tema da história da América, e que agora ela própria está às voltas com seu mestrado, também envolvendo a literatura hispano-americana, não há como deixar de registrar que nossas discussões sempre foram enriquecedoras, e muitas das vezes me apontavam novos caminhos.

Agradecer Cristiany Miranda Rocha e Alessandra Ferreira Zorzetto por terem compartilhado comigo mais este trabalho ficaria muito aquém do real. A despeito de todas as previsões contrárias, estamos juntas desde o primeiro semestre da graduação, há muitos "séculos" atrás. Não há como descrever a importância delas em minha vida no decorrer destes anos, e não somente em termos profissionais. Com elas eu pude me tornar uma pessoa melhor...

Agradeço também a amigos, da graduação e de agora, por tanto que os amigos sempre fazem, mesmo sem saber: Endrica Geraldo, Sharyse Amaral, Orivaldo Biagi, André Itaparica, Fábio Gutemberg, Paula Palamarthuck.

Para os familiares, é difícil agradecer, pois o que quer que se diga, será sempre muito menos do que o merecido. Quero registrar então a minha tentativa de agradecer a meus pais, por terem sempre me apoiado incondicionalmente, mesmo quando eu decidi mudar meu rumo profissional. E por tudo!

Finalmente, um agradecimento que é mais do que especial. Álvaro Pereira do Nascimento conhece nos mínimos detalhes o meu

mau-humor, e só por isto já mereceria uma menção distinta. Mas, também leu várias versões deste trabalho, fazendo suas críticas e sugestões, foi "obrigado" a ouvir guarânicas por horas sem fim, e me "pegou pela mão", mostrando algum caminho, quando eu duvidava que isto poderia ter um fim. A ele, "todo o sentimento"...

Introdução

Janeiro na capital paraguaia. A cidade está praticamente deserta, é hora da *siesta*. Apesar do calor insano, alguns poucos sonolentos aguardam a hora de voltar ao trabalho, sentados nos bancos da *Plaza de la Republica*. Neste local, no século passado, ficava a casa do *Karai Guasú*¹. Em 1820 a cidade certamente também estava deserta, mas não por causa do calor ou da *siesta*. Ao longe já se podia ouvir o barulho da escolta e todos procuravam se esconder. Era ele que vinha em seu passeio a cavalo pelas ruas da cidade, e ninguém podia estar nelas sob pena de acabar em uma das temíveis prisões do estado².

Aqueles que estão sentados na praça agora com certeza têm alguma idéia de quem era o *Karai Guasú*. Francia é considerado o primeiro ditador da América após a emancipação política das colônias e singular é o termo que melhor lhe pode ser aplicado. Seu domínio pessoal no Paraguai foi de 1814 a 1840, caso de longevidade política incomum, principalmente se for considerado que, desde 1811, data da independência, ele esteve no governo juntamente com outros membros. Para a ditadura, foi eleito por um congresso de deputados, convocados em todo o país. Pode-se discutir, como aliás já foi feito, se estes deputados tinham conhecimento do que seria uma ditadura³, o fato é que, desta forma, Francia não ascendeu ao poder através de golpe, como tantos outros⁴. Não proveio do exército, nem participou de batalhas como

¹ *Karai Guasú* é a denominação em guarani de José Gaspar Rodríguez de Francia, também conhecido por Doutor Francia, ou *El Supremo*.

² Johan Rengger. *Ensayo Histórico sobre la Revolución del Paraguay y el gobierno dictatorial del Doctor Francia*. In: *El Doctor Francia*. Asunción: El Lector, 1996. p.28.

³ Carlyle acredita que nestes congressos provavelmente muitos dos deputados não conseguissem diferenciar a mão esquerda da direita, mas, de qualquer forma, não havia notícia de tal fato na América então. Apud Thomas Carlyle. *El Doctor Francia*. Buenos Aires: Anales de la Facultad de Derecho y Ciencias, 1908. p.98.

⁴ O primeiro governo constituído no Paraguai independente foi o Triunvirato, com o ex-governador Velazco, Francia e Juan Valeriano de Zeballos. O primeiro Congresso, em 1811, elegeu a Junta Superior

vários libertadores latino-americanos. Era doutor em teologia, por Córdoba, tendo atuado como advogado e professor de filosofia. É dito também que apreciava astronomia.

Isolou o Paraguai de tal forma que em Buenos Aires não se sabia o que acontecia por lá. Ninguém poderia entrar ou sair do país, sem sua expressa autorização (mesmo para mover-se dentro dele era necessária). Centralizou de tal forma a administração que seu controle chegava até os locais mais longínquos do país. Não permitia imprensa, e não há conhecimento de obra que tenha sido publicada no país na época. O culto ditador Francia enfrentou em seu governo apenas uma conspiração, em 1820, cruelmente reprimida. Após 1820 empreendeu uma reforma na cidade, cortando árvores e abrindo e alargando ruas, dizem que por medo de novas conspirações. Morreu em 1840.

Poucas são as fontes e muitas são as lendas sobre o período. Já foi dito que nesta América tão cheia de contradições e contrastes, um dos grandes problemas de quem quer que se disponha a escrever sobre ela é tornar acreditável sua realidade, que por vezes se mostra muito mais delirante do que qualquer criação literária. Francia é um destes personagens de nossa história que provoca a imaginação. Dele já foi dito que era um demente, um hipocondríaco, que seu humor se alterava com o vento, que realizava perseguições por vingança. Após sua morte, seu túmulo foi profanado, e não se sabe ao certo onde foram parar seus restos mortais. Dizem que pouco após sepultado, um cartaz apareceu colado

Governativa, composta por 5 membros: Fernando de la Mora, Fulgencio Yegros, Pedro Juan Caballero, Francisco Bogarín e Francia. Após esta junta, há o consulado, eleito em novo congresso, do qual fazem parte Francia e Yegros. Em 1814 reuniu-se um terceiro congresso em Assunção para renovar o governo, que estava a cargo de Francia e de Fulgencio Yegros. Neste congresso, chamado dos Mil Deputados, decidiu-se por conferir o poder de mando a uma única pessoa, sendo que Francia foi o escolhido e eleito ditador por um período de 3 anos. *"Por ultimo acordaran todos conformemente, que en este mismo acto, el ciudadano José Gaspar de Francia jure cumplir fielmente com las obligaciones del mando e importante encargo que se le há confiado como Dictador Supremo de la Republica..."*. Em 1816, antes do tempo previsto, reuniu-se novamente um congresso, no qual Francia conseguiu ser nomeado ditador perpétuo. **Apud:**

na porta da igreja, como se tivesse sido enviado por Francia, desde o inferno, suplicando que o retirassem dali. Ele, um ateu, sepultado em solo sagrado. A igreja, de *La Encarnación*, onde ficava seu túmulo, foi destruída em um incêndio. Sua casa também foi derrubada.

A documentação original disponível sobre o período compõe-se basicamente do que escreveu o próprio ditador, ou seja, reduz-se à documentação administrativa composta de cartas, produzidas pelo próprio Francia e alguns poucos subalternos dispersos pelo país, aos quais ele enviava correspondências com as ordens; os livros de Caixa, nos quais o ditador registrava a contabilidade, alguns relatos de viajantes e uns poucos relatos de contemporâneos do ditador.

Certamente, muito da documentação do período francista perdeu-se com a guerra da Tríplice Aliança, em sua peregrinação pelo interior do país e em arquivos no exterior. Sabe-se que Solano López, quando de sua fuga desesperada, transferiu a capital de Asunción para Luque e de lá para Piribebuy, e levou juntamente consigo e com sua tropa o arquivo asunceno, em carretas⁵. Após sua morte, boa parte dos documentos foi recolhida como despojo de guerra, principalmente pelo Brasil, e grande quantidade de ofícios e decretos originais do período francista ainda se encontra na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Com relação aos motivos do ditador paraguaio para carregar consigo o arquivo, muito se pode inferir, pouco se pode saber de fato, mas nossa hipótese é de que os documentos são essenciais para a preservação da memória de uma nação e resvala inclusive na questão de sua identidade.

Com relação aos viajantes, o primeiro relato sobre o período francista é a obra escrita pelo suíço Johan Rengger, que juntamente com seu conterrâneo Marcélin Longchamp viveu em Assunção de 1819 até 1825. Atuaram como médicos para Francia e para seu exército. Seu ensaio, intitulado *Ensayo Histórico sobre*

José Antonio Vázquez. *El Doctor Francia visto y oído por sus contemporáneos*. Buenos Aires: EUDEBA, 1975. p. 106.

⁵ Ibidem, p.42.

*la Revolución del Paraguay y el gobierno dictatorial del Doctor Francia*⁶, foi publicado em 1827. Estes autores sugerem que o Paraguai de Francia seria um "reino do terror". Apesar disto esta idéia é creditada pela historiografia aos irmãos Robertson, responsáveis pela segunda interpretação sobre a ditadura perpétua. Os irmãos Robertson, comerciantes britânicos, estiveram no Paraguai antes de Rengger e Longchamp, de 1811 a 1815, mas sua obra foi publicada posteriormente. Escreveram *Letters on Paraguay* (1838) e *Francia's Reign of Terror* (1839), que se encontram sob o título *La Argentina en la época de la revolución*⁷. Estes quatro viajantes travaram contato direto com El Supremo.

Outras duas obras importantes são relatos de pessoas que estiveram nos calabouços do Paraguai. Assim é a obra de Mariano Antonio Molas, advogado, que atuou na revolução da independência ao lado de Francia. Mais tarde foi preso por ordem de *El Supremo*, e somente saiu do cárcere após a morte do ditador. Escreveu na prisão *Descripción Histórica de la antigua provincia del Paraguay*. Este ensaio, que procura ser de cunho mais geográfico, foi escrito entre 1838 e 1839, tendo sido publicado pela primeira vez em 1868. Outro relato que vale a pena ressaltar, embora não tenha sido escrito na época da ditadura é o de Ramón Gil Navarro, *Veinte años en un calabozo*⁸. Esta obra compõe-se de depoimentos de argentinos que viveram e sobreviveram aos cárceres da ditadura perpétua.

Apesar das poucas fontes originais, a produção sobre Francia e seu período é copiosa. Do século XIX, podemos ressaltar o estudo que o ditador mereceu de Carlyle, situando-o na sua galeria de heróis (1842); Juan Andrés Gelly, diplomata de Carlos López, que publicou em 1849, *El Paraguay, lo que fue, lo que es y*

⁶ Johan Rengger. *Ensayo Histórico sobre la Revolución del Paraguay y el gobierno dictatorial del Doctor Francia*. In: *El Doctor Francia*. Asunción: El Lector, 1996. P.09-125.

⁷ J.P. Robertson e G.P. Robertson. *La Argentina en la época de la revolución*. Buenos Aires: L. J. Rosso & Cia, s.d.

⁸ Ramón Gil Navarro. *Veinte años en un calabozo*, o sea, la desgraciada historia de veinte y tantos argentinos muertos o envejecidos en los calabozos del Paraguay. Rosário: Imprenta del Ferrocarril, 1863.

lo que será⁹, Alfred Demersay, um estudioso francês que chegou ao Paraguai em 1845, tendo publicado sua obra, *El Doctor Francia, dictador del Paraguay*¹⁰, em 1856 em Paris; Ramos Mejia, um médico, político e literato argentino, dedicou um dos capítulos de sua obra *Las Neurosis de los Hombres Célebres en la Historia Argentina*¹¹, escrita entre os anos de 1876 e 1878, à personalidade de Francia.

Recuperamos rapidamente estas obras do século XIX para ressaltar que elas serão amplamente utilizadas pelos autores que escreverão posteriormente, principalmente no século XX. Embora elas, à exceção do ensaio de Carlyle, apresentem juízos bastante desfavoráveis sobre o ditador, a produção do século XX se caracterizará pela dicotomia. Há os detratores de Francia e seus apologistas. Estes autores, no intuito de melhor construir a imagem do ditador segundo sua posição, qual seja, de partidário ou não, levam às últimas conseqüências sua instrumentalização do período francista, muitas vezes abusando de lendas de difícil comprovação.

Se Francia foi o primeiro ditador paraguaio, sabemos que este regime é uma marca constante na história daquele país, tendo vivido poucos momentos de governo livre desde a sua independência. Este fator certamente influenciará a produção sobre o ditador, havendo aqueles que o buscarão como herói e anti-herói.

Na década de 1970, período no qual uma vez mais a liberdade de muitos encontra-se "vigiada" pela violência da longa ditadura Stroessner, um literato paraguaio que se encontra no desterro há mais de vinte anos, publica obra insólita acerca de

⁹ Juan Andrés Gelly. *El Paraguay, lo que fué, lo que es y lo que será*. Asunción: El Lector, 1996. Obra composta de cartas, como se fossem escritas por um estrangeiro falando do Paraguai (o autor é paraguaio), publicada em primeiramente no Brasil, em 1849 e depois no Assunção, em 1849. Uma destas cartas é dedicada a comentar o governo de Francia.

¹⁰ Alfred Demersay. *El doctor Francia, dictador del Paraguay*. In: *El Doctor Francia*. Asunción: El Lector, 1996. A obra de Demersay segue diretamente a já citada de Rengger, havendo trechos que o autor a utiliza literalmente.

uma ditadura. Intitulando-se compilador de documentos, o autor compõe um trabalho recheado de relatos históricos e de trechos de historiadores e evoca o "fantasma" de José Gaspar Rodríguez de Francia para contar a história de seu país.

Assim, utilizando-se do material histórico disponível Augusto Roa Bastos escreveu *Yo el Supremo*, em 1974. Como já ressaltamos a vida de Francia apresenta riquíssimo material para um romance, e quando travamos contato com esta obra, observamos que o autor, utilizando-se principalmente daquela historiografia que ressaltamos, que peca pela excessiva louvação ou pelo desprezo total ao ditador, satiriza quase tudo que foi escrito sobre ele, criticando a construção da memória de um dado personagem, e mais, fornecendo uma original interpretação acerca da história de seu país.

Então, através desta belíssima e instigante obra literária, e da historiografia sobre o ditador, resolvemos trazer novamente à tona a já longa discussão entre história e literatura, para tentarmos entender, especialmente no caso paraguaio, o que a literatura e a história poderiam oferecer para o conhecimento de um dado tema, e quais as suas peculiaridades.

Com relação à utilização da literatura pela história, muito já se discutiu, mas ainda pouco consenso existe. No entanto, muitos já se atiram a explorar seu potencial, que é riquíssimo. Utilizando-se muitas vezes da literatura como fonte, trabalhos bastante significativos já foram realizados. Mas, com relação à interpretação produzida por um romance de um dado contexto histórico não contemporâneo a ele, ainda há muito a ser revelado. Se à História sempre coube o papel da investigação exaustiva, de uma busca incessante pela mais adequada interpretação dos fatos, a literatura sempre pareceu mais livre para invenções, para construções imaginativas. Como saber se o romance não passa de um delírio do autor, apenas utilizando-se do recurso histórico? Sendo

¹¹ José Maria Ramos Mejia. *Las Neurosis de los Hombres Célebres en la Historia Argentina*. Buenos Aires: Ed. Científica y Literaria Argentina, 1927.

assim, volta e meia a questão da objetividade do texto sempre vem a tona.

Partindo desta constatação, buscamos estabelecer nossa questão, que refere-se às diferenças e semelhanças entre estas representações, da historiografia e literatura, no caso do Paraguai. Mais especificamente relativos ao período francista.

Sendo assim, no primeiro capítulo, faremos uma análise do romance de Roa Bastos. Uma possível compreensão de uma obra literária necessita que esta seja devidamente contextualizada, bem como seu autor. O romance *Yo el Supremo* foi publicado pela primeira vez na Argentina, em 1974, época em que o Paraguai encontrava-se sob a ditadura Stroessner e foi concebido em um período no qual os literatos deste continente cada vez mais proclamavam a atuação de seus pares dentro da política hispano-americana. Neste sentido o leitor encontrará primeiramente uma discussão acerca da presença da história na literatura hispano-americana, bem como a expressão de seus autores ressaltando a necessidade de atuação política. Logo após estaremos discutindo alguns pontos sobre a atuação de Roa Bastos. Verificaremos que é patente a sua preocupação com seu povo mesmo em outras de suas obras¹². Prosseguindo, o leitor encontrará a análise do texto do romance. O livro de Roa Bastos não se constitui em um simples romance histórico tal qual ele geralmente é descrito. O autor, ao escrever sobre um personagem histórico, esteve preso à documentação, tal qual um historiador. Mas, não procuramos apenas reconhecer os referenciais, mas sim analisá-lo à luz da história social, e pudemos encontrar uma original interpretação da história paraguaia.

¹² Há que se ressaltar que Roa Bastos não escreveu somente romances, mas também ensaios sobre outros temas que não somente a literatura, quase todos circunscrevendo a realidade paraguaia. Podemos citar o Prólogo à obra de Rafael Barret, *El dolor paraguayo* (1978), intitulado *Rafael Barret, descubridor de la realidad social del Paraguay*, no qual o autor, além de comentar a obra de Barret, também tece aguçada crítica à realidade de seu país; *Las culturas condenadas* (1978), compilação de textos sobre as populações indígenas do Paraguai.

No segundo capítulo partiremos para a análise de historiografia específica sobre o ditador, destacando obras dos dois grupos, de seus detratores e de seus apologistas. Procuramos utilizar as obras que foram mais utilizadas por Roa Bastos na construção de seu romance. Estas obras situam-se principalmente na primeira metade do século XX, e pudemos constatar que ela, de maneira geral, está demasiadamente presa a objetivos específicos dos autores, em detrimento de uma possível cientificidade da obra. Há que se destacar que a maioria destes autores esteve, de alguma forma, envolvida na política paraguaia.

No terceiro capítulo procuramos traçar um breve panorama das discussões atuais sobre o debate literatura e história. Optamos por situar esta polêmica neste capítulo, que é o último, pois queríamos entendê-la à luz de nosso problema, qual seja, a utilização da historiografia e literatura paraguaias. Se os romancistas também se utilizam de documentos históricos para a construção de suas obras, bem como sabemos que o historiador trabalha com representações dos fatos ou processos através de documentos, que de alguma forma modificam o real, e assim por vezes devem fazer inferências pela talvez escassa documentação, que um poderia oferecer que o outro não? Partindo das análises dos capítulos anteriores estaremos discutindo sobre a validade destes acirrados debates entre profissionais das duas disciplinas para acentuar as possíveis diferenças e ou semelhanças entre as duas. Mais particularmente no caso da literatura e historiografia paraguaias, estaremos verificando que a construção e manutenção da memória de um período estão fortemente vinculadas nesta discussão¹³.

¹³ As citações no início de cada capítulo, foram retiradas do livro de Roa Bastos, *Yo el Supremo*, e se encontram, respectivamente, nas páginas 214, 38, 269.

Capítulo 1

Francia e o romance

"Puede también que nada haya sucedido realmente salvo en esta escritura-imagen que va tejiendo sus alucinaciones sobre el papel. Lo que es enteramente visible nunca es visto enteramente. Siempre ofrece alguna otra cosa que exige aún ser mirada. Nunca se llega al fin"

Francia e o romance

Paraguai, 1974. Assim como tantos outros de seus vizinhos latino-americanos, este pequeno país enfrentava uma sangrenta ditadura. O general Alfredo Stroessner havia, como tantos outros militares, ascendido ao poder em 1954 através de um golpe, e desde então determinava os rumos da nação.

Neste ano um escritor paraguaio, exilado de seu país desde 1947, publica uma obra sobre um ditador paraguaio do século XIX, sem nunca citar seu nome, mas dando todos os indícios para que se saiba a quem se refere. A obra, *Yo El Supremo*¹. O ditador do século XIX, José Gaspar Rodríguez de Francia.

A idéia de se escrever sobre este ditador parece não ser nova, e pode remeter-se a 1962, quando o escritor mexicano Carlos Fuentes idealizou um projeto que seria um romance coletivo, no qual cada capítulo seria escrito por um diferente romancista latino-americano². Sobre o ditador paraguaio, Fuentes tentou convencer Roa Bastos. O projeto, pelo visto, frustrou-se, mas, doze anos depois, o escritor paraguaio publica na Argentina, a que será sua mais famosa obra.

Uma obra hermética, repleta de neologismos e jogos de palavras, histórias fantásticas, metáforas, aparentemente com poucos personagens, com um autor que se nomeia compilador. O romance, no entanto, torna-se importante para uma análise à luz da historiografia. O Paraguai é um país marcado por ditaduras³, e a

¹ Augusto Roa Bastos. *Yo el Supremo*. Espanha, Siglo XXI, 1982. 3ª ed. Espanha. p.214. Daqui em diante, utilizaremos **YES** para nos referirmos a esta obra.

² Thomas Eloy Martinez. "The day I met Carlos Fuentes". Texto publicado na Internet, no dia 13/06/97, retirado de *New York Times* Special Features, 1996. Na Argentina, José Bianco escreveria sobre Juan Manuel Rosas, ou Perón; no Chile, José Donoso sobre Balmaceda e Jorge Edwards sobre Melgarejo; na Colômbia, Gabriel García Márquez sobre Juan Vicente Gómez; no México, o próprio Fuentes, sobre Antonio López de Santa Ana; e no Paraguai, Augusto Roa Bastos, sobre José Gaspar Rodríguez de Francia.

³ Após a época da independência, em 1811, poucos foram os períodos em que o país pôde considerar-se em uma democracia. Basta que lembremos que de 1811 até o final da Guerra da Tríplice Aliança, três foram os governos.

lembrança de Francia é corriqueiramente resgatada e usada pelos ditadores que se revezaram a frente dos governos. Francia, em suma, é um monumento da história paraguaia, o primeiro líder do país independente.

Figura enigmática, Francia não deixou muitas fontes escritas e nem permitia em sua ditadura a circulação de jornais, menos ainda a existência de opositores. Poucas fontes são encontradas em arquivos⁴ para o resgate de sua história, que é marcada por opiniões conflituosas, em textos de viajantes⁵, crônicas, textos de história política⁶, o que revela muito mais dúvidas do que consensos acerca do Paraguai do começo do século passado e de seu primeiro ditador. Roa Bastos procura utilizar todos esses escritos para, através da literatura, entender o Paraguai, a sua própria vida de exilado político, a presença do ditador na história do país e o próprio povo paraguaio. A figura de Francia, como o gestor desse país, torna-se central no romance.

Não é à toa que a obra de Roa Bastos é entendida de múltiplas formas (biografia, romance histórico, história romanceada, e outros). Neste sentido, a análise da representação de memorialistas e historiadores comparada à representação de Yo

Após a Guerra, uma sucessão de golpes fez com que dezenas de presidentes se revezassem no poder, até que em 1954 Stroessner ascendeu ao poder, estando no governo até 1989. Omar Díaz de Arce. "El Paraguay contemporáneo". In: *América Latina: Historia de Medio Siglo*. México: Siglo XXI, 1979.

⁴ Estas fontes se referem geralmente a atos administrativos, e se encontram na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e no *Archivo Nacional de Asunción*.

⁵ Dentre os viajantes, podemos destacar as obras de J. P. Robertson & G. P. Robertson, *Cartas de Sud-América: episodios, historia, vida y costumbres (1810-1817)*. Buenos Aires: Emecé, 1950 e *La Argentina en la epoca de la revolucion*. Buenos Aires: L.J. Rosso, s.d. e a obra de J. Rengger & M. Longchamp, *Ensayo sobre la Revolucion del Paraguay y el gobierno dictatorial del Doctor Francia*. In: *El Doctor Francia*. Asunción: El Lector, 1996.

⁶ Poderíamos citar como exemplo, a de Cecilio Báez, *Ensayo sobre el doctor Francia y la dictadura en Sud-América*. Asunción, 1910; a de Justo Pastor Benítez, *La vida solitaria del Doctor José Gaspar de Francia, dictador del Paraguay*. Buenos Aires: El Ateneo, 1937; e a de Julio César Chaves, *El Supremo Dictador: biografia de José Gaspar de Francia*. Buenos Aires: Editorial Ayacucho, 1946.

El Supremo abre uma rara oportunidade de dialogarmos com a teoria da história que se refere às relações entre história e literatura.

Para efetuarmos essa análise, faremos uma sumária inserção da obra de Roa Bastos na literatura latino americana, por sabermos que esta mesma literatura é marcada por ditadores e/ou ditaduras, reflexo imediato da realidade dos países desse continente. Logo em seguida, analisaremos a obra, revelando sua estrutura, sua trama e como Roa Bastos estabelece e se relaciona com a história em seu texto.

I. A realidade e o romance: caminhos possíveis

Uma obra literária certamente estabelece outros laços com a realidade que não somente a questão do testemunho ou da representação desta mesma realidade. Como obra de arte, ela tem seu valor estético, está inserida em um movimento literário, que tem tal ou qual característica. Mas, assumindo-se que é representativa das sociedades, avaliá-la como se fosse um produto inexplicável de genialidades⁷, que devem ser analisadas fora de seu tempo e espaço, devido à sua categoria de obra de arte, pode fazer com que ela perca muito de seu testemunho. Torná-la um texto intocável, como se fora algo autônomo, pode não ter muito sentido para uma avaliação em termos historiográficos. Tomando-a como um caráter de expressão de um dado período, ela deve ser devidamente historicizada.

Neste sentido, uma obra literária pode ser tomada como um fato social, e dessa forma, tal como fatos sociais, para que possa ser analisada em sua totalidade, deve ser inserida em seu meio histórico, qual seja, seu tempo e seu espaço determinados. Necessita ser devidamente interrogada, sobre suas condições de produção, sua penetração, qual o caráter de sua aceitação, onde foi publicada, e outros. Além disso, por ser uma obra literária, cabe saber sobre seu autor, de que forma ele entende sua relação com a realidade. Pois, como afirma Dominick Lacapra:

"textos mais complexos, tais como romances significativos, têm uma relação com os códigos mais enredada. Uma consideração convincente é que uma ideologia ou código, especialmente quando envolve desejos profundos ou preconceitos, exerce constrangimentos sobre o discurso, e nenhum texto, ainda que excepcional, está inteiramente imune deste processo ou lúcido sobre sua operação"⁸

⁷ Sidney Chalhoub & Leonardo Affonso de Miranda Pereira (orgs.) *A história contada: capítulos de história social da literatura.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998. pp. 07-13.

⁸ Dominick Lacapra. "História e o romance". *RH Revista de História.* Campinas, Unicamp, n^{os}. 2 e 3, 1991. p.121.

Sendo assim, mesmo seu autor pode não ter total consciência do que sua obra pode representar como discurso. Ou seja, ela está impregnada de símbolos e códigos que para o próprio autor podem ser ininteligíveis. Para nós historiadores, esta pode ser uma tarefa muito instigante e recompensadora. Ora, se não somos nós que a todo momento estamos tentando buscar nas profundezas de um texto quais são os seus mistérios, quais são suas redes de ligações. Sondando pistas e indícios para que eles possam se configurar em peças que possam tornar inteligível um dado tempo.

Neste sentido, a análise de um romance por um historiador pode ser bastante profícua e seria desnecessário nos alongarmos sobre a importância da avaliação de um romance para "montar" o quebra-cabeças de um dado período. Assim, tentar desenredar seus códigos, percorrer o emaranhado de suas linhas, desvendar suas ideologias e compreender estes 'constrangimentos' sobre o texto seria uma operação mais que esperada deste profissional.

O romance como forma literária surgiu na Inglaterra, por volta do início do século XVIII, segundo afirma Ian Watt, sendo a melhor resposta à tentativa de representação da nova sociedade que estava se engendrando. O autor destaca como principal diferença em relação à ficção anterior, a correspondência entre a obra literária e a realidade que ela imita. O romance refletiria de forma mais completa a orientação individual e inovadora, tendo seus laços com o realismo filosófico. Neste, o método racional e individual de busca da verdade proposto por Descartes, seria o mais adequado para responder às questões da nova sociedade, na qual o individual assumia valores nunca antes experimentados. O que antes era geral e universal, passou a ser centrado no indivíduo⁹.

⁹ Ian Watt. *A Ascensão do Romance*. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

Para Alejo Carpentier¹⁰, o romance, tal como o entendemos, tem sua origem na Espanha, pois para este autor, para que se fale em gênero, há que se falar de tradição, de movimento, e isto, para Carpentier, deu-se naquele país com a literatura picaresca. Diferentes posturas a de Carpentier e de Watt, mas que têm algo em comum em suas definições: o romance como uma descrição e interpretação da realidade.

"Lendo a picaresca espanhola encontramos-nos perante um romance que exprime não somente a sua época, mas que interpreta sua época, cheia de prodígios geográficos, astronômicos, científicos, sem que os seus autores tenham tido que forçar a linguagem da sua época"¹¹

Atentemos para a questão que Carpentier destaca, de que os autores da literatura picaresca não forçaram a linguagem de sua época. Podemos entender que estes autores estavam perfeitamente imersos em seu cotidiano, e não necessitaram de inovação lingüística (embora muitas vezes tenham feito isto) para a perfeita descrição de seu período, ou episódio narrado. Carpentier sugere que para os contemporâneos destes autores a picaresca era perfeitamente inteligível, dado que a linguagem utilizada na escrita seria a mesma da fala.

Muito tempo já se passou desde o período do surgimento do romance, e certamente, como a sociedade é dinâmica, e se ele representa a realidade, muitas foram suas alterações. Como destaca Lacapra, o romance é um representativo importante da sociedade moderna, tendo, em sua evolução "assimilado outros gêneros e testado os limites de sua própria definição"¹². Além disto, ao romance é possível a imitação, ou absorção de qualquer outro discurso, como da história, da filosofia, da psicologia. Se à história importa compreender o homem e sua realidade, não pode

¹⁰ Alejo Carpentier. *Literatura e Consciência Política na América Latina*. São Paulo: Global, s.d.

¹¹ *Ibidem*, p.83. Da literatura picaresca podemos citar *El Lazarillo de Tormes* (1554), *El Guzmán de Alfarache* (Mateo Alemán), *La vida del escudero Marcos de Obregón* (Vicente Espinel, 1550-1624).

então menosprezar este importante fator de conhecimento de seu objeto.

No caso da América Latina, parece-nos que o romance tem sido uma importante e especial forma de conhecimento. Nossa história é riquíssima, cheia de contradições e desequilíbrios, com episódios que por vezes desbordam ao sentido do real. Uma história na qual vários tempos convivem em um mesmo espaço, onde conquistadores e conquistados acabam por constituir uma sociedade e têm de sobreviver lado a lado. Então, fornece material variadíssimo e brilhante para as viagens literárias dos mais variados autores.

Mas, como forma de conhecimento, nem só de vãos literários é feito o romance. Como já ressaltamos, como um fato social ele deve ser devidamente historicizado, o que o leva a refletir e interpretar a realidade na qual está inserido. Ao longo da história deste continente vários problemas têm se apresentado aos intelectuais. Com uma parcela tão grande de analfabetos, isto delega a estes intelectuais um papel sumamente importante, de interpretação e mesmo de construção desta realidade. Não é de se estranhar então que uma grande parcela de intelectuais tenha chegado ao poder político em quase todos os países, pois eles estariam, em princípio, melhor capacitados para uma possível definição de rumos.

Neste sentido, fica claro o entendimento de por quê a história está sempre tão presente nas obras literárias latino-americanas. Para que se tente um entendimento das questões que se colocam em pauta, é necessário que se conheça a história. Só que a história, muitas das vezes foi contada a partir da perspectiva oficial. Assim, à literatura caberia mostrar a porção oculta desta realidade.

Especialmente no período de elaboração de *Yo el Supremo*, em fins da década de 1960 e começo da de 1970, a busca pela história é um traço bem característico da literatura. Como destaca

¹² Dominick Lacapra, *op. cit.*, p.122.

Jorge Rufinelli, muitas razões podem ser procuradas para isto, como busca de origens, crise de identidade, insatisfação com o presente e outros. Estas questões volta e meia ressurgem e provocam debates candentes. Mas, para este autor

"el discurso literario alteró profundamente al histórico, lo 'reprodujó', lo parodió, y al modificarlo intencionalmente, pareció querer destruirlo o producir sobre él un nuevo discurso corrosivo"¹³

Como já havíamos sugerido, a literatura produziu um novo discurso, alterando a história já estabelecida. De onde podemos concluir que a história narrada nos romances apresenta uma interpretação no mínimo divergente da historiografia oficial. Assim, dentro desta perspectiva, o escritor latino-americano se atribui um papel social bastante importante de luta em uma realidade que muitas vezes pode ser bárbara. Alejo Carpentier afirma que, como testemunha de uma época, o romancista deveria, com sua obra, fixar, traduzir, exprimir sua realidade. Ou seja, o escritor deveria desempenhar uma ação escrita¹⁴, utilizando as palavras tal como se fossem suas armas, usando como munição a história que se desenvolve em torno dele.

"ocupar-se desse mundo (...) é a tarefa do romancista atual. Entender-se com ele, com esse povo combatente, criticá-lo, exaltá-lo, pintá-lo, amá-lo, tentar compreendê-lo, tentar falar-lhe, falar dele, mostrar nele o âmago, os erros, as grandezas e as misérias; falar dele mais e mais aos que permanecem sentados à beira do caminho, inertes, esperando não sei o quê, ou talvez nada, mas que têm, no entanto, necessidade que se lhes diga alguma coisa para os demover"¹⁵

É claro que poderíamos nos perguntar de que adiantaria isto em um continente de analfabetos. Pode parecer um contra-senso

¹³ Jorge Rufinelli. "Después de la ruptura, la ficción". In: Ana Pizarro (org.). *América Latina: Literatura, Palavra e Cultura*. São Paulo: Memorial da América Latina, Campinas: UNICAMP, 1995. 3v. p.386.

¹⁴ Alejo Carpentier, *op. cit.*, p.89.

atribuir um peso tão importante no conhecimento da realidade latino-americana à literatura, se pensarmos nestes índices de analfabetismo. Como afirma Antônio Cândido¹⁶, este sempre foi um dos mais importantes fatores a se relacionar com o desenvolvimento da literatura na América Latina. Sendo assim, o escritor latino-americano estaria sempre fadado a escrever para minorias. Minorias estas que não significariam pessoas qualificadas para a realização de uma dada leitura, mas sim que estariam dispostas a ler ou que poderiam ter acesso a esta leitura¹⁷.

Acreditamos, no entanto, que mesmo que as obras possam não atingir um grande público, a preocupação está diretamente ligada ao papel social que o escritor se atribui na América Latina. Ele chama a si a responsabilidade de definir e fixar os quadros humanos e naturais. Assim tem o compromisso com a história. Como o próprio Carpentier afirma, o literato escreve para quem sabe ler. De alguma forma alguém será tocado, alguém compreenderá a mensagem.

Se pensarmos nas décadas de 1960 e 1970, quando movimentos de libertação (guerrilhas, exércitos revolucionários e outros) percorreram todo o continente, podemos pensar que a política também estava envolvida na tessitura destes romances. Basta lembrarmos da revolução cubana, e a poderosa influência que exerceu nos intelectuais. O mexicano Carlos Fuentes, impressionado com a revolução, chegou a dizer que falar de literatura é falar de política.

"después de la Revolución, él ya no consentía hablar en público más que de política, jamás de literatura; que en Latinoamérica ambas eran

¹⁵ *Ibidem*, p.95.

¹⁶ Antônio Cândido. "Literatura e subdesenvolvimento". In: *Argumento: revista mensal de cultura*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1973. ano 1, nº.1. pp. 07-24.

¹⁷ Esta afirmação de Antônio Cândido deve ser relativizada se considerarmos que o Boletim Econômico da CEPAL para a América Latina revelava que em 1950 a média de analfabetos era de 40,9%, sendo que para a população urbana este número era de 19,76%.

*inseparables y que ahora Latinoamérica sólo podía mirar hacia Cuba*¹⁸

É claro que nem todos se empolgaram tanto como Fuentes, todavia a situação era gritante, e a realidade aparecia fervilhante aos olhos. Difícil não assumir um posicionamento. E para esta tomada de consciência a importância do conhecimento da história. Que importaria escrever um romance se não fosse para fixar e criticar sua época? Para incitar as pessoas ao combate? O que se passa então, com tais escritores, é um discurso político imanente à tessitura do texto. Muitos romancistas latino americanos possuíam esse discurso, envolveram-se em lutas político partidárias, principalmente através do Partido Comunista, foram cassados, exilaram-se ou foram exilados de seus países de origem. Nosso autor, Roa Bastos, é mais um dentre estes exilados de sua terra.

Um dado importante é necessário que se destaque. Embora a literatura assuma este papel de mostrar variações da história que por vezes não aparecem no discurso oficial, ela pode ser acusada de ficcionalizar demais os eventos. Fuentes registra então seu descontentamento, e lembra que alguém que realiza este tipo de crítica não conhece de fato a história fantástica da América Latina:

*¿cómo puede un novelista inventar personajes ficticios superiores a los personajes de nuestra historia? ¿Como puede la novela ganarle la partida a la historia en Hispanoamérica? ¿Quién puede inventar a un personaje más pintoresco que Antonio López de Santa Anna*¹⁹

¹⁸ José Donoso. *História personal del "boom"*. Apud: Jorge Ruffinelli, *op. cit.*, p.379.

¹⁹ Carlos Fuentes. *Valiente mundo nuevo*: épica, utopía y mito en la novela hispanoamericana. México: Fondo de cultura Económica, 1992. 1ª. reimpressão. 1ª. ed. em 1990. Além dos exemplos mencionados por Fuentes, poderíamos ressaltar também Orillie-Antoine Tounens, francês que em 1851 coroou-se rei da Araucania; general Melgarejo, presidente da Bolívia, que tinha intenção de lutar contra Napoleão, mas sem imaginar que teria um oceano a atravessar para concretizar seu intento.

Como poderia a literatura conseguir construir personagens mais fictícios que estes, que são reais? O que se percebe então é que quanto mais imersos estejamos na história do continente, menos ficção encontraremos no romance. Não estamos aqui dizendo que o romance se configura em verdade, apenas que os personagens e eventos da história podem parecer tão ficcionais quanto os da literatura.

Dessa forma, para que possam conhecer a história do continente, nossos literatos realizam árduas pesquisas. Para que possam mostrar algo mais que a versão oficial, devem conhecê-la a fundo. Neste sentido, com relação às pesquisas executadas por eles, acreditamos que não resta dúvida de que se configuram em um elemento mais do que essencial para a construção de um romance. Ao romancista não lhe basta a fixação de uma realidade, ele precisa conhecê-la a fundo para aí sim criar seus personagens, os locais narrados, os diálogos possíveis e imagináveis. Tudo isso é básico para que o romancista crie uma obra sem provocar erros grosseiros ou anacronismos, sem que seja seu desejo provocá-los.

Podemos lembrar García Márquez, com *O general em seu labirinto*²⁰, romance no qual o escritor colombiano relata os últimos dias de Bolívar, em viagem pelo rio Magdalena. Embora o autor destaque que este é o período menos documentado da vida de Bolívar, esteve envolvido em difícil pesquisa, chegando a detalhes que seguramente, poucos historiadores teriam disposição. Assim, vejamos um trecho de seus *Agradecimentos*:

"Durante dois longos anos fui me afundando nas areias movediças de uma documentação torrencial, contraditória, e muitas vezes incerta...este livro não teria sido possível sem a ajuda dos que trilharam antes de mim estes territórios, durante século e meio, e me tornaram mais fácil a temeridade literária de contar uma vida com uma documentação tirânica, sem renunciar aos foros desaforados do romance"²¹

²⁰ Gabriel García Márquez. *O general em seu labirinto*. Rio de Janeiro: Record, sd.

²¹ *Ibidem*, p.268.

O primeiro dado que surge dessa citação é a identidade que sentimos, como historiadores que somos, quando lembramos dos dias de pesquisa nos arquivos. Somos aqueles que investigamos a vida de outros homens e mulheres de "século e meio atrás" ou mais, na esperança de resgatarmos a história que alimenta a memória. Contudo, é possível sentir as amarras que se colocam às mãos daqueles que necessitam escrever uma "vida com uma documentação tirânica". A documentação, em suma, é um peso "tirânico" que sobrecarrega as mãos do escritor, amansando seu gênio literário, criativo, quando despojado de uma memória documental viva a ser resgatada. Podemos ainda pensar que o literato é um desaforado, atrevido, pode até não agir com honestidade. Mas esse caminho pode ser profícuo, se o autor não colocar uma máscara sobre a memória. Pode criar seus personagens de todos os tipos, mas para termos uma grande obra, o tempo, o espaço e a memória têm de ser preservados.

García Márquez, na continuação de seus *Agradecimentos* nomeia a todos que o auxiliaram, e algo que muito nos despertou a atenção, agradece à Academia de Ciências de Cuba pelo inventário das noites de lua cheia nos primeiros 30 anos do século passado²². É claro que a necessidade de um texto historiográfico não chega a estas raias, o que estamos tentando destacar é a minuciosidade de pesquisa para a escrita de um romance. Mais que isto, um romance sobre um personagem histórico enfrenta maiores dificuldades, pois, de algum modo o literato terá de estar preso à documentação.

Poderíamos destacar muitos romancistas latino-americanos que se utilizam do recurso de pesquisa sistemática, seja em arquivos, seja de testemunhos orais para a construção de sua obras. Muitas vezes, inserem documentos em suas narrativas, como se fossem mesmo parte delas, para com eles mostrar uma outra versão. Continuemos com García Márquez, que, em *Cem Anos de Solidão*, faz um personagem da família Buendía participar de uma greve de trabalhadores em uma região bananeira. Entretanto,

²² *Ibidem*, p.269.

refere-se a uma greve ocorrida na região do rio Magdalena, na Colômbia, contra a United Fruit Co., e para isto utiliza-se de documentos policiais²³.

"A versão oficial, mil vezes repetida e repisada em todo país por quanto meio de divulgação o Governo encontrou ao seu alcance, terminou por se impor: não houve mortos, os trabalhadores satisfeitos tinham voltado para o seio de suas famílias, e a companhia bananeira suspendia suas atividades até passar a chuva(...)de noite, depois do toque de recolher, derrubavam as portas a coronhadas, arrancavam os suspeitos das casas e os levavam para uma viagem sem regresso. Era ainda a busca e o extermínio dos malfeitores, assassinos, incendiários e revoltosos do Decreto Número Quatro, mas os militares os negavam aos próprios parentes de suas vítimas(...) "Claro que foi um sonho", insistiam os oficiais"²⁴

Lutavam por melhores condições de trabalho, mas foram massacrados, tendo restado milhares de mortos, dos quais não se teve notícia. García Márquez destaca esta greve, na sua ficção, utilizando-se de documentação para mostrar a manipulação de interesses, feita pelo governo. Não houve mortos. O governo desapareceu com todos eles, e muitos certamente sob pressão jamais contaram. Outros, que não haviam presenciado, jamais acreditaram. Se não houve mortos, não houve luta, então não houve greve. Uma página inteira de História, arrancada dos livros oficiais. Tal qual mandava fazer o Patriarca, um outro personagem das histórias do colombiano²⁵, que representa um ditador hispano-americano, e que acreditava que a História depois dele pararia. Somente enquanto ele durasse ela também duraria.

²³ Héctor H. Bruit. "Crônica de um Massacre - uma greve operário-camponesa contra a United Fruit Co". In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo: Ed. Marco Zero, 1985. V.5, nº 10.

²⁴ Gabriel García Márquez. *Cem anos de solidão*. Rio de Janeiro: Record, 1996. pp.294-5.

²⁵ Gabriel García Márquez. *O outono do patriarca*. Rio de Janeiro: Record, s.d.

II. Ditadores e ditaduras na literatura hispano-americana

O romance por vezes desborda ao seu conteúdo ficcional e atinge as raias do discurso historiográfico. Isto, é perfeitamente possível pois o texto literário pode assumir as mais variadas facetas, se apropriando de discursos pertencentes a outras ciências ou disciplinas²⁶. O literato não tem um compromisso com a verdade dos fatos tal qual se fosse um outro profissional, como um antropólogo ou historiador. Ainda que utilize procedimentos de pesquisa tais como se fosse um historiador. Está claro também a tentativa de leitura da realidade realizada por estes literatos.

Cabe destacar agora o papel influenciador do tema da ditadura na literatura da América Latina. Como sabemos, esta é uma marca indelével nas várias épocas e países, sendo que o tema parece ter mesmo brotado neste continente mestiço, dada a quantidade de vezes que ele se repetiu nos mais diferentes tempos e lugares, desde a independência da Espanha.

Miguel Martinez e Jorge Castellanos²⁷ fazem um levantamento do desenvolvimento desta literatura que retrata regimes de exceção, percebendo a estreita ligação entre a evolução dos processos sociais dos países e desta literatura. Como sabemos, a realidade nunca deixou de fornecer subsídios para este desenvolvimento no continente. Assim, desde *Amália* (1851-1855), de José Mármol²⁸, até *Yo el Supremo* (1974), muito se escreveu sobre ditadores e ditaduras, desde romances que podem ser considerados muito mais como panfletos, até outros de elevado valor literário.

²⁶ Esta discussão de caráter mais teórico será vista em detalhes no terceiro capítulo.

²⁷ Miguel Martinez & Jorge Castellanos. "El dictador hispanoamericano como personaje literario". In: *Latin American Research Review*. 1981, v.XVI.

²⁸ *Amália* é considerado o melhor perfil político e psicológico de Rosas por alguns críticos hispano-americanos. Para Bella Josef é um libelo contra a tirania do ditador argentino, romance que tomou forma de documento. Bella Josef. *Historia da literatura hispano-americana*. Rio de Janeiro: F. Alves, Brasília: INL, 1982. pp.74-7.

Para Martinez e Castellanos existem dois segmentos que aludem aos regimes de exceção, quais sejam, os de ditadura e os de ditadores.

Os romances de ditadura têm como tema central a ditadura em si. O personagem do ditador aparece sempre como uma sombra, que afeta a todas as atividades da vida, mas nunca aparece como protagonista. Estas obras, em geral, caracterizam o bem e o mal de forma bastante distinta. Não há meio termo. Não há possibilidades de perdão ou de reconciliação. Os que estão do lado da ditadura são maus, e os outros são bons. Muitas vezes estes romances não apresentam qualquer tipo de solução ou esperança. Apenas denunciam.

Um belíssimo exemplo de romance de ditadura é *O Senhor Presidente*, de Miguel Ángel Asturias²⁹, que foi publicado em 1946, e trata da ditadura de Estrada Cabrera, que esteve no poder desde o final do século XIX até 1920, na Guatemala. Uma de suas características é que ele não tem um caráter tão panfletário, mas tenta, através de recursos literários, fazer com que o leitor "sinta", ou viva a ditadura. Tem um enredo bastante simples, que facilita a leitura. O ditador é um mito, que tem pouca definição na obra: sabe-se que ele veio do interior, é mestiço, advogado, e a única pessoa por quem parece ter alguma consideração é com sua mãe. O que aparece realmente na obra é sua sombra, ou seu poder, amedrontando as pessoas a cada momento. É um poder cruel, que mata, persegue e humilha por motivos fúteis.

Apesar desta aparente simplicidade, o livro é de uma riqueza lingüística que impressiona. Foi uma das primeiras obras a superar a debilidade lingüística dos romances de ditadura. Sua metáforas, neologismos, e a maneira quase musical que o autor tem de escrever contribuem para torná-lo uma peça literária de grande valor³⁰. Ou seja, a obra se supera, pois, além de toda a sua

²⁹ Miguel Ángel Asturias. *O Senhor Presidente*. São Paulo: Brasiliense, 1967.

³⁰Alguns exemplos devem ser citados. Um deles pode ser o início da obra: "...Ilumina, luz de alume, Lúcifer de pedralume! Como zumbido nos ouvidos persistia o rumor dos sinos chamando para a reza, duplo malestar da luz na sombra, da sombra na luz. Ilumina luz de alume, Lúcifer de pedralume

autores utilizam-se de recursos que não permitem ao leitor admirar o ditador ou o seu regime. A condenação que fazem dos regimes - sempre categórica - é feita mostrando, em alguns casos o interior dos personagens, de maneira a revelá-los fracos e medrosos de seu povo, por isso a necessidade do distanciamento e da violência. É como se os autores perguntassem "como nos deixamos subjugar por homens assim?" Dentro do panorama destacado por Martinez e Castellanos, a obra de Roa Bastos enquadra-se como um romance de ditadores. Escrevendo estes romances estão nomes do grandes escritores latino-americanos como o cubano Alejo Carpentier, com *O Recurso do Método* (1974), e o colombiano Gabriel García Márquez, com *O Outono do Patriarca* (1975).

Neste sentido, a figura do ditador na obra destes autores está muito bem definida, mas enquanto García Márquez e Carpentier compõem seus ditadores, respectivamente *O Patriarca* e *o Primeiro Magistrado*, a partir de vários perfis, criando ditadores inteiramente ficcionais, Roa Bastos compõe o seu *El Supremo* a partir de um ditador real, José Gaspar Rodríguez de Francia. Mas, quem é Francia, e por que fascina Roa Bastos? É o que veremos em seguida.

³¹ Miguel Ángel Astúrias, *op. cit.*, índice, p.07-8.

III. Roa Bastos, o escritor, o exílio

Talvez somente uma pessoa que tenha vivido um exílio forçado possa entender as vicissitudes que ocorre em um ser afastado de seu lugar. Distante de sua terra, às vezes dos seus, longe dos elementos aos quais sua memória está ligada, que a provocam, que a alimentam...

Roa Bastos, nosso autor, é contemporâneo de vários destes literatos que estivemos citando. Também ele viveu desterrado de seu país por mais de quatro décadas. Nasceu em 1917 e passou boa parte de sua infância no interior do Paraguai, tendo inclusive participado da Guerra do Chaco, conflito fratricida entre Paraguai e Bolívia (1932-1935), que envolveu poderosos interesses internacionais, ligados ao petróleo. Escreveu contos, poesias, romances, ensaios, todos eles centrados na realidade paraguaia. Por sua obra literária, ganhou vários prêmios, e é certamente o autor paraguaio de maior destaque.

Neste sentido, é interessante observar que alguns de seus contos, como *Cuerpo Presente*, *Nonato*, *Lucha hasta el alba*³², têm como narrador um menino que observa o mundo e o descreve com aguçada sensibilidade, de alguém que tenta entender as atitudes de seus semelhantes e as vicissitudes do cotidiano. Ou de alguém que tenta fixar um registro em sua memória para evitar o esquecimento...

Mas no menino sensível, que tenta entender, e assim descreve e interpreta os costumes, comportamentos e agruras de sua gente, está o escritor que tem um posicionamento claro e contundente acerca do ofício de escritor, e de forma mais aguda ainda, sobre a função do escritor latino-americano em sua comunidade e em termos universais. Certamente a própria condição de exilado tenha contribuído neste sentido

³² Estes contos encontram-se em Augusto Roa Bastos. *Antologia Personal*. México: Editorial Nueva Imagen, 1980. Prólogo de Rubén Bareiro Saguier.

"sou um escritor comprometido porque acredito que todo escritor simplesmente deve se comprometer, simplesmente deve se sentir obrigado a alguma coisa; de outro modo poderá ser um esteta, mas não um escritor"³³

"também não posso negar que nesta América diariamente tenho de presenciar e padecer como se diminui, como se humilha, como se avilta o homem"³⁴

Se não estiver comprometido com alguma causa em sua atuação como literato, este será apenas um construtor de obras primas de inestimável valor estético, mas não será um escritor. Roa Bastos defende seu ofício, e mais, põe na berlinda todos os escritores, mais ainda os latino-americanos. Mas será que nesta América tão aviltada um escritor poderia não assumir responsabilidades? Como vivenciar uma realidade que expõe as pessoas à submissão, sem ao menos se referir a ela? Se os escritores têm realmente "um sentido de observação superior ao da maioria de seus semelhantes"³⁵, seria impossível contentar-se em ser apenas um esteta, especialmente em meados da década de 1970, período em que fervilhavam as idéias de mudanças e as ditaduras se tornavam mais e mais restritivas. Seria possível não se comprometer de alguma forma? Seja com os oprimidos ou para salvar seus interesses ou sua 'arte'? Veremos.

Embora a obra literária tenha outros laços com a realidade que não somente o do testemunho histórico, a afirmação anterior de Roa Bastos nos dá liberdade para que a sua obra seja analisada de maneira profunda pelo seu sentido de atuação e interpretação da realidade, sendo assim, um testemunho dela. É como se o autor dissesse que as obras não devem ser analisadas como alheias ao seu tempo e espaço, como se fossem autônomas. Como se ele defendesse que elas devam ser tomadas como testemunho histórico.

³³ Günter W. Lorenz. *Diálogo com a América Latina: panorama de uma literatura do futuro*. São Paulo: EPU, 1973. p.268. Este livro é uma coletânea de três entrevistas com escritores latino-americanos, dentre eles Roa Bastos.

³⁴ *Ibidem*, p.270.

O autor considera o romance um dos instrumentos que apreendem a realidade e a analisam de modo natural, sendo assim o gênero que melhor refletiria a mudança de uma sociedade e também a consciência desta mudança³⁶. Portanto, a literatura latino-americana estaria já, desde o seu nascimento, comprometida com a realidade social, o que levaria os escritores a se tornarem militantes.

Nas obras de Roa Bastos, como já ressaltamos, o testemunho da realidade de seu país, de seu povo muitas vezes injuriado e submisso, que se deixa levar por mártires e por tiranos, que sofre, mas que se revolta e luta está presente. É a realidade paraguaia, o duelo entre a cultura do vencedor e a do vencido, que é mostrado ao mundo. É o escritor travando uma batalha consigo mesmo para entender esta duplicidade, para mostrá-la ao mundo, através de sua arma, que é a escrita, a linguagem.

Seu primeiro romance, *Hijo de Hombre*, datado de 1960, trata da Guerra do Chaco³⁷. O autor abarca um período extremamente longo, que vai desde os tempos de Francia, que entra na história na rememoração de um personagem que seria o filho de um criado do ditador, até a referida guerra. Em termos de composição o livro compõe-se de histórias que parecem não ter ligação, mas mostra que se unem pelo sofrimento das pessoas com relação à guerra. Escreve a obra da perspectiva do interior do país, o sofrimento do povo em campos de erva mate, das famílias exploradas, do sofrimento dos soldados em uma guerra absurda. O tom de denúncia é constante, e está presente de maneira acentuada. É como se o autor chamasse a

³⁵ Alejo Carpentier, *op. cit.*, p.89.

³⁶ Augusto Roa Bastos. "Imagen y perspectiva de la narrativa latinoamericana". In: Leopoldo Zea (comp.). *Fuentes de la cultura latinoamericana*. México: Fondo de Cultura Económica, 1993. v. 3. p.113.

³⁷ Há também na literatura boliviana obra sobre o conflito, *Sangre de Mestizos* (1936), de Augusto Céspedes, que era historiador e romancista. Para Bella Josef os romances da guerra do Chaco constituem-se em documentos denunciatórios das realidades sociais dos países envolvidos no conflito, e somente este aspecto já seria suficiente para outorgar-lhes lugar de destaque na literatura hispano-americana. Bella Josef, *op. cit.*, p.264.

atenção para o que as pessoas que lutaram e se consumiram nesta guerra pensassem sobre ela.

Uma outra obra que vale destacar, devido aos elementos que vão reaparecer em *Yo el Supremo é Lucha hasta el alba*³⁸, um conto escrito ainda na juventude por Roa Bastos, mas publicado somente na década de 1970. Nesta obra um menino conta sobre sua relação com as histórias bíblicas que a mãe lhe conta - em guarani -, o seu relacionamento com o pai, e com a questão de ter uma alma dupla, pois ele tem um irmão gêmeo. O clímax do conto é uma passagem na qual o menino perdido no meio da escuridão, tem uma luta de morte com uma figura em quem ele identifica o *Karai Guasú*. Só que depois de matá-lo, o menino percebe que matou foi a seu pai.

*"Algo o alguien le saltó por detrás clavándole uñas como garras en la nuca. El muchacho giró y comenzó a luchar contra su invisible adversario con toda la furia y con la tristeza que llevaba adentro (...) la voz dijo: "¡déjame, que el alba sube!" Y el muchacho gritó fuerte, no como un ruego, sino como una orden: "¡no te dejaré si no me bendices!" La voz dijo: "¡no puedo bendecirte porque estás maldito para siempre"!...el muchacho siguió luchando hasta que se dió cuenta de que había estrangulado a su adversario (...) y en esa cabeza descubrió el rostro de filudo perfil de ave de rapiña del Karai Guasú (...) pero también vió en la cabeza muerta el rostro de su padre"*³⁹

A descrição da luta é esplêndida, e a transcrevemos porque possui elementos essenciais na narrativa de Roa Bastos. Neste pequeno trecho de um conto de juventude estão muitas das questões que vão nortear a obra de Roa Bastos. A imagem de uma criança lutando com uma força terrivelmente grande que poderia significar as mais variadas coisas, desde o pequeno Paraguai lutando contra seus algozes gigantescos, até o povo lutando contra a herança pesadíssima do primeiro ditador. Esta luta contra a herança do

³⁸ Augusto Roa Bastos. *Lucha hasta el alba*. Asunción: Ed.Arte Nuevo, 1979.

³⁹ *Ibidem*, p.29.

ditador confirma-se mais ainda quando a voz diz que o menino está maldito para sempre. Será que o povo estaria condenado sempre a sofrer? Não conseguiria se libertar desta dolorosa herança? Condenado desde o berço, por aquele que o engendrou? Pode se falar da relação do mito do pai⁴⁰ que o latino-americano é acusado de sempre precisar. Governantes que sejam como pais, que os ditadores e tiranos sempre souberam usar e tirar o maior proveito. Alguém que cuide de todos e tome todas as decisões e iniciativas.

Embora nosso objetivo seja outro, o de investigar de que forma a história é instrumentalizada e re-interpretada na obra *Yo el Supremo*, convém destacar que a figura do *Karai Guasú* está presente em muitas das obras de Roa Bastos, refletindo, em um primeiro olhar, que esta figura da história paraguaia, se não fascina, pelo menos incomoda o autor. Por outro lado, este incômodo revelado nos textos de Roa Bastos pode refletir uma relação do paraguaio referente ao seu primeiro governante. Especialmente para os contemporâneos de Roa Bastos, que como já ressaltamos, nasceu na década de 1910, tendo participado da guerra do Chaco. Foi uma geração que, surgida após a guerra, acompanhou a ascensão do exército. Mais, viu ditaduras com os mais diferentes rostos e nomes, e foi expulsa de seu país, no que alguns chamam o êxodo de 1947. Viu muitos governantes utilizarem a imagem de Francia, embora com ditaduras de perfis opostos.

Esta utilização da lembrança de Francia parece não ter sido em vão. Como afirma Roa Bastos, sua influência estava presente para todos os paraguaios de sua geração.

"em meu lar, em minha família, como com certeza em quase todos os lares paraguaios, a hierática presença do *Karai Guasú* era essa marca

⁴⁰ O mito da maldição paterna já foi suficientemente avaliado na dissertação de Silvia Inés Cárcamo, *Busca das origens e história: estudo sobre a narrativa de Augusto Roa Bastos*. Dissertação (mestrado), UFRJ, Rio de Janeiro, 1984. Cap. 2.

inalterável que, para o bem ou para o mal, nos tinha carimbado"⁴¹

Vejamos, o menino em luta com alguém que entende ser o *Karai Guasú* e é condenado. Maldito para sempre, lhe diz a figura. O menino poderia representar o paraguaio de forma geral. Condenado por Francia, ou seja, teria sido condenado historicamente a ser maldito para sempre. Uma das justificativas para suportar tantas e tantas ditaduras. Criação de Roa Bastos: será que o Paraguai estaria condenado para sempre?? Se na gênese da nação suportou uma ditadura larga e cruel, isto não seria a condenação do conto: *estás maldito para siempre???*

E é a representação deste ditador, criada pela pena de Roa Bastos que analisaremos agora.

⁴¹ Entrevista com Beatriz Rodríguez-Alcalá, 1976. **Apud:** Silvia Inés Cárcamo, *op. cit.*, p.98. *Karai Guasú* era a denominação em guarani do ditador paraguaio, cuja tradução aproximada pode ser Senhor Supremo.

IV. *Yo El Supremo*, romance?

Yo El Supremo é obra de difícil leitura, que nos leva a pensar sobre a questão da denúncia que muitas vezes se espera ao ler romances de ditadores. Os escritores latino-americanos se sentem impelidos a atuar com sua arma, que é a escrita. Mas, que tipo de efeito tem uma obra tão complexa como a de Roa Bastos? Se como afirmamos anteriormente, uma grande parcela da população latino-americana é analfabeta, podemos acreditar que os leitores fazem parte das elites. Por que se importariam então? Conseqüentemente, a tentativa de entendimento desta realidade, oferecendo possíveis interpretações para "os que sabem ler", pode ser um eficiente recurso. Através da ação escrita, o romancista pode re-interpretar esta história e tentar revelar o presente que soa tão contraditório para ele e seu público leitor.

Roa Bastos tem um entendimento muito claro da história que se desenvolve à sua volta e da que se encontra registrada nos livros. Neste sentido, ele revela o método utilizado para entendê-la, revê-la e, talvez, interpretá-la:

*"yo creo que la manera de leer la historia exige una serie de exploraciones nuevas a cada lectura. Creo que la historia esta compuesta de procesos y lo que importa en ellos son las estructuras significativas: para encontrarlas hay que ir contra la historia misma. Eso es lo que he intentado hacer y es lo que más me costo en la elaboración del texto: este duelo, un poco a muerte, com las constancias documentales, para que sin destruir o anular del todo los referentes históricos, pudiera si, limpiarlos de las adherencias que van acumulando sobre ellos las cronicas, a veces hechos con buena voluntad pero con mucha ceguera"*⁴²

⁴² Roa Bastos, apud: Márcia Hoppe Navarro. *Aspects of power and history in the dictator novels by Alejo Carpentier, Augusto Roa Bastos and Gabriel García Márquez.* Tese (doutorado), University of London, Londres, 1985. p.278.

O autor se posiciona com relação à história de forma bastante definida e estabelece as suas dificuldades com relação à elaboração de *Yo el Supremo*. A cada nova leitura algo novo pode ser encontrado nas páginas dos livros de história sobre Francia, e deve ser explorado. Entendendo a história como um processo, Roa Bastos enfatiza que os pormenores podem não ser tão significativos para que se apreenda o sentido dos acontecimentos. Daí o duelo travado com a documentação, que se por um lado poderia limitar seus impulsos literários - afinal, ele está utilizando a vida de um personagem real para compor seu romance, por outro, esta limitação leva a soluções inimagináveis para um historiador, para preencher as sempre existentes lacunas documentais. É desnecessário afirmar que este entendimento da história vai perpassar todo o seu texto.

Seria conveniente neste momento esboçar a estrutura da obra, mas para isso, necessitamos tecer alguns comentários sobre sua trama, que, em princípio, não parece muito bem definida. À primeira vista, parece um diário, no qual o proprietário registra e discute os acontecimentos de sua vida, sua obra e seus feitos durante o governo de um país no século XIX. A principal questão que surge e circunscreve todo o romance, levando o Ditador⁴³ a rever e avaliar sua administração, gira em torno da tentativa de descobrir quem foi que escreveu e afixou na porta da catedral um panfleto contrário ao governo, através de uma conversa com seu amanuense, Patiño.⁴⁴

A obra, em sua estrutura, não está dividida em capítulos, mas podemos definir alguns itens básicos. O Ditador é a primeira pessoa, que conversa com seu escrevente e lhe dita um documento, com o objetivo de que seja enviado para seus subalternos em todo o país, que é uma narração de acontecimentos da história do Paraguai

⁴³ Daqui em diante, utilizaremos Ditador, com a primeira letra maiúscula para nos referirmos ao personagem da obra *Yo El Supremo*.

⁴⁴ Policarpo Patiño era de fato escrevente de Francia. Após a morte do ditador, tentou assumir o governo, mas tendo sido preso pela nova junta de governo, acabou por cometer suicídio, enforcando-se em sua cela. *Apud:*

intitulada *Circular Perpétua*. Há uma segunda parte chamada *Caderno Particular*, no qual o Ditador faz anotações sobre sua vida e seu governo, sobre os episódios que dita na *Circular Perpétua*, só que de uma perspectiva individual, como se o *Caderno* fosse um diário. Além disto, neste mesmo *Caderno*, uma outra 'pessoa', de "letra desconhecida", também escreve, tecendo aguçada crítica ao que o Ditador fala/escreve. Uma das hipóteses para esta "letra desconhecida" é a de que ela seja o duplo do Ditador. Esta possibilidade se dá no romance após uma queda do cavalo sofrida em meio a uma tormenta, que produziu nele algo que, como se fosse uma diplopia, faz com que ele, a partir de então, se veja duplo, o Yo e o ÉL

*"Resbala en un charco [o cavalo]. Cae; me arroja lejos de sí. A mi turno me revuelco en el barro en busca de no sé qué cosa perdida. Perdido en dos por la concusión de la caída. Me encontré en el caso de quien ya no puede decir Yo porque no está solo, sintiéndose más solo do que nunca en esas dos mitades, sin saber a cuál de ellas pertenece"*⁴⁵

Esta perspectiva do duplo vai possibilitar ao autor a análise do governo de Francia em pelo menos dois planos, quais sejam, o individual (Yo) e o público (ÉL). Como se fossem duas pessoas que tiveram uma existência em comum, estas duas metades podem se ver. Mas o Yo é a figura corpórea, que envelhece, se trona decrépita ante seus próprios olhos, e observa ÉL sempre forte, viçoso e astuto, confundindo-se consigo mesmo.

*"Yo afirmo: tras esta generación vendrá outra. Si no estoy Yo, estará ÉL, que tampoco tiene antigüedad"*⁴⁶

"YO no soy siempre YO. El único que no cambia es EL. (...) Sólo EL permanece sin perder un ápice"

Juan Andrés Gelly. *El Paraguay, lo que fue, lo que es y lo que será*. Asunción, Ed. El Lector, 1996. p.45.

⁴⁵ YES, p.62.

⁴⁶ YES, p.18.

de su forma, de su dimensión; más vale, creciendo-acreciéndose de sí propio"⁴⁷

O *Él* pode se configurar como o poder em toda a sua magnitude, que não tem começo ou final; que nunca morre, e que vai persistir por muitos anos no mundo. Só que existe também o indivíduo, aquele que vai acabar. Como percebemos, o Yo 'prevê' que seu povo, geração após geração, ainda por muitos anos estará submetido a um poder forte, que não se materializará mais em sua figura, mas em muitas outras.

No entanto, nas primeiras páginas da obra, uma data nos é fornecida, que mostra que a conversa inicial do Ditador com seu escrevente se dá em 21 de outubro de 1840⁴⁸. Esta data aparece em um ofício, que lhe foi enviado por um comandante do interior, contando como foram as exéquias pelo seu falecimento. Ora, Francia morreu em 20 de setembro de 1840, ou seja, um mês antes da referida data. Só que ao final do ofício o comandante diz que ficou sabendo que o Ditador, de fato, não havia morrido, ao que ele suplica um esclarecimento. *El Supremo*, então, replica:

*"Contesta al comandante de Villa Franca que no he muerto aún, si estar muerto significa yacer simplemente bajo una lápida donde algun idiota bribón escribirá un epitafio (...) Lápida será mi ausencia sobre este pobre pueblo, que tendrá que seguir respirando bajo ella sin haber muerto por no haber podido nacer"*⁴⁹

Sendo assim, a narrativa se dá nesta perspectiva do Ditador morto. Dessa forma, como "*vivo/muerto*"⁵⁰, ele pode atravessar os tempos, contando e revisitando a história paraguaia, desde episódios da colônia, como a Revolução Comunera (1717), até outros que acontecerão depois da morte do ditador real, como a Guerra da Tríplice Aliança (1865-1870), a Guerra do Chaco (1932-1935), a construção de Itaipu. Em todo o texto, várias referências

⁴⁷ *YES*, p.52.

⁴⁸ *YES*, p.18.

⁴⁹ *YES*, p.18.

serão apresentadas para que se confirme esta perspectiva temporal arrevesada, ou seja, que o Ditador conversa conosco de um tempo após a morte. Como se fosse uma alma, um espírito sempre presente na história paraguaia, um elo entre o passado, o presente e o futuro. Ainda não sabemos disto no início da leitura, mas logo percebemos através deste trecho, como um prenúncio, um dos objetivos da obra de Roa Bastos. Não bastou que o ditador Francia morresse, para que fosse esquecido, pois sua marca parece ser indelével na própria formação do povo paraguaio: sua memória, seus feitos, seus erros e acertos percorrem toda a história do país. Para efeito do enredo, este trecho funciona como um aviso, pois o Ditador ainda tem muito a contar antes que tudo se acabe. Mas da perspectiva da história paraguaia como um todo, é um aviso funesto, de que não adiantará enterrá-lo (nem isto!) para que se livrem dele, ou que ele seja deixado em paz.

Há uma figura que se denomina o *Compilador*⁵¹ da obra, como se fosse o escritor do livro, um biógrafo ou historiador, que anos depois procura resgatar a história de Francia, dando-lhe voz própria. Ao *Compilador* se atribuem, além da compilação da obra, notas de pé de página explicativas, com referências sobre Francia e seu governo, citando documentos históricos reais (historiografia, viajantes, e outros), bem como fatos de sua própria vida. Ao final da obra, nos é apresentada uma nota explicativa, atribuída a ele, para expor os caminhos percorridos para a realização da compilação.

Estas partes se mesclam, criando uma estrutura que parece um emaranhado de pensamentos e conversas, do Ditador consigo mesmo, com seu escrevente, com seu duplo, e com seus fantasmas, como veremos. Além disto, para que se complique um pouco mais a história, ao final da obra, depois de terminada a trama, o *Compilador* (ou o autor) insere um apêndice, no qual cita pesquisas feitas por historiadores na década de 1960 (Júlio César Chaves,

⁵⁰ *YES*, p.19.

⁵¹ Utilizaremos o termo *Compilador* com a letra inicial maiúscula, como se fosse o nome de um personagem.

Marco Antônio Laconich, Benigno Riquelme García) com o objetivo de descobrir onde se encontram os restos mortais do ditador real, Francia. Como se sabe, o túmulo de Francia foi profanado após sua morte, e não se tem muita certeza de onde foram parar seus ossos. Algumas hipóteses são que eles foram destroçados por seus inimigos e jogados no rio Paraguai; ou que eles foram retirados do túmulo justamente para protegê-los de seus inimigos.

Ou seja, desde o início somos expostos a um texto, no mínimo diferente. Notas de historiadores, trechos de documentos reais, personagens históricos dialogando com o Ditador, cães discorrendo sobre teorias da linguagem, enfim um labirinto no qual temos a impressão de estarmos perdidos. Onde estaremos? Sob a terra? Em que tempo estaremos? Na colônia? Na Guerra da Tríplice Aliança? Na época da independência? Ou estaremos irremediavelmente amarrados ao tronco dos fuzilamentos do ano 1821, enquanto Francia passeia à nossa frente, e dessa forma vamos morrer sem conseguir desvendar nada? Será que ele pode ser parado? Talvez sim, pois temos o círculo do tempo em nossas mãos. Um caminho podemos perceber, uma saída deste labirinto, que, em suma, não é tão simples. Quanto mais imersos estivermos na história paraguaia, mais chances teremos de ver, ou compreender a luz no final do caminho...

O panfleto contrário ao governo com que Roa Bastos abre o texto talvez possa nos auxiliar a entender a jornada que vamos empreender

*"Yo El Supremo Dictador de la República
Ordeno que al acaecer mi muerte mi cadáver sea
decapitado; la cabeza puesta en una pica por tres
días en la Plaza de la República donde se
convocará al pueblo al son de las campanas
echadas a vuelo.
Todos mis servidores civiles y militares sufrirán
pena de horca. Sus cadáveres serán enterrados en
potreros de extramuros sin cruz ni marca que
memore sus nombres.*

*Al término del dicho plazo, mando que mis restos sean quemados y las cenizas arrojadas al río...*⁵²

Seja quem for o autor do dito panfleto dentro da história do romance — na verdade isto não tem importância — parece que a determinação é que se envie ao esquecimento o governo de Francia, com tudo que teve de mal ou de bom. Que se matem seus servidores para que não sobrem testemunhas. Para que não fique registro. Que se corte a cabeça do cadáver, que era a cabeça da república, ou a própria república. E que as cinzas sejam jogadas no rio...

O esquecimento, a memória: acreditamos que aqui está o mote de Roa Bastos. Escreve o livro para, em primeiro lugar, que se saiba quem foi Francia. Uma obra literária bastante complexa, pelos seus neologismos, pelas suas referências, pelo vai e vem do pensamento do Ditador. Uma obra extremamente hermética, mas que de qualquer maneira fixa, seja qual (ou quais) for a memória deste ditador⁵³.

Mas, por quais motivos Roa Bastos quererá fixar a memória deste ditador em especial? Ou de um ditador? Afinal, o autor estava exilado por ocasião justamente de uma ditadura. Seria para lembrar ao povo paraguaio de um período sangrento tal qual o país estava vivendo naquele momento? Ou para mostrar que as ditaduras não são necessariamente debilitantes para o país? Seria para lembrar a formação do Paraguai? Da "infância" desse país? Como destaca Umberto Eco⁵⁴, os escritores muitas vezes têm necessidade de voltar à infância de seus países para tentar entender os problemas atuais. No caso da Europa, a busca seria pela Idade Média. E qual seria a infância do Paraguai? A resposta a esta questão certamente está diretamente ligada ao governo de Francia. Juntamente com outros líderes ele esteve a frente do governo paraguaio desde seu início, passada a independência. Antes disso, era uma colônia espanhola submetida a Buenos Aires. Então, só se

⁵² *YES*, p.07.

⁵³ Basta dizer que, ainda hoje, quando se toca no nome de Francia para um paraguaio, ele certamente se recordará de alguma lenda sobre o ditador.

pode falar do Paraguai, se não como nação, mas como país, não somente independente, mas isolado dos demais vizinhos, com a ascensão de Francia ao poder.

Será que a possibilidade da liberdade para o povo foi 'jogada' no rio juntamente com as cinzas do corpo do ditador, o que fez com que o país até o período em que a obra foi escrita vivesse sob ditadura, com poucos momentos de governo livre? Inúmeras perguntas vão surgindo a cada nova leitura que se faça desta obra. Roa Bastos tem a facilidade de escrever o romance da perspectiva do ditador assim como também da perspectiva de pessoas que conviveram com ele. Não somente da perspectiva dos contemporâneos de Francia, mas da perspectiva de nossos contemporâneos.

Além do objetivo mais visível de se recuperar a memória de Francia, de livrá-lo, seja por quais motivos do esquecimento, o autor revela um sentimento muito maior que é desvendar os meandros de como uma memória é construída. Ou de como uma história é contada. Não somente fixar a memória mas mostrar de que forma ela pode ser fixada. Recuperando a figura deste esquecido ditador do século XIX, mostra várias formas utilizadas para a escrita da história. Passemos então ao desenvolvimento da obra para que possamos entender a trilha percorrida pelo autor.

O Compilador, em nossa hipótese, pode ser considerado também como mais um personagem, devido ao fato de que nas notas explicativas narra fatos de sua vida, da sua infância, do período de compilação da obra e outros. Dialoga com o próprio autor, Roa Bastos, chamando-o de medíocre escriba, em uma nota, quando copia inteiramente um trecho de outra obra do autor, *Hijo de Hombre*⁵⁵, sem citá-lo. Isto nos leva a crer que ele se configure em uma instância diferente da do autor. Como se Roa Bastos criasse um

⁵⁴ Umberto Eco. *Pós-escrito a O Nome da Rosa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. p.62.

⁵⁵ "...el viejo Macario de Itapé, relató el episodio a un mediocre escriba, que lo transcribe de este modo:..." O trecho que se segue, é uma parte da obra *Hijo de Hombre*, publicada em 1960, em que Macario conta

duplo para o Ditador - o *EL* - e outro para si próprio - o Compilador. Além disso, se o Ditador pode viajar pelo tempo, pode também dialogar com o Compilador enquanto este faz a compilação da obra. Isso fica mais claro, quando o Ditador manda o Compilador procurar uma palavra no dicionário.

*"Pueden encontrarla (a palavra) en cualquier diccionario portátil sobre los mitos. Si para entonces el mío no está consumido por el fuego, acucioso Compilador-acopiador de cenizas, acude a las pp.70-7, donde hallarás marcada con una cruz"*⁵⁶

Será o Compilador um personagem que Roa Bastos criou com o objetivo de se esconder? Será ele o duplo do autor? Já pudemos perceber que o duplo exerce uma fascinação sobre o autor. Ou foi necessário para que na leitura se imaginasse que quem está realmente narrando os fatos é *El Supremo*, sendo o Compilador uma figura que tivesse copiado 'fielmente' as informações? Se a hipótese de que o Compilador seja mais um personagem estiver correta, poderíamos sugerir que ele tem o objetivo de escrever um relato historiográfico sobre Francia. Relato historiográfico inserido no romance escrito por Roa Bastos.

O fato é que em algumas passagens as explicações sobre sua vida que o Compilador nos conta se confundem com a de Roa Bastos. Esta tática pode nos ajudar a compreender - ou pelo menos inferir - muito mais acerca dos objetivos de Roa Bastos ao escrever essa obra. Ao mesmo tempo que existe um duplo para o *Yo*, que o critica e o menospreza pelos atos administrativos mal realizados, parece haver um duplo - o Compilador - para Roa Bastos, que critica historiadores de Francia e tece comentários ácidos aos caminhos percorridos por esse paraguaio na época do êxodo de 1947. Ou seja, Roa Bastos parece fazer uma auto-crítica de sua própria vida. Se para o *Yo* havia o *EL* - ou seja, um espelho que revelava o reflexo

sobre um encontro com o naturalista Amadeo Bonpland, que esteve no Paraguai, e foi amigo de Francia. *YES*, pp.291-2.

⁵⁶ *YES*, p.54.

de Yo, a sua consciência crítica – para Roa Bastos há o Compilador – que permite ao autor expor sua própria história, seus próprios erros, suas próprias desventuras. Isto parece ficar mais claro em um episódio, referente à pena-lembança, uma pena especial que teria pertencido, segundo o Compilador, a Francia. Em uma longa nota conta como conseguiu a dita pena, pouco antes do que ele chama de êxodo de 1947, quando muitos paraguaios saíram do país exilados. Quem a possuía então era um amigo de infância. Vejamos um interessante trecho, do amigo se referindo ao Compilador:

*"te esperan muy malos tiempos (...) Te vas a convertir en migrante, en traidor, en desertor. Te van a declarar infame traidor a la patria. El único remedio que te queda es llegar hasta el fin. No quedarte en el medio"*⁵⁷

O Compilador um traidor da pátria? E se este Compilador for o duplo de Roa Bastos, seria ele o desertor? Por ter deixado o país? Ou por outros atos não tão 'inocentes'? Será que Roa Bastos não estava fazendo sua própria auto-crítica? Bem, seja como for, foi dito que ele escreveu um poema elogiando Stroessner, em 1955, o que lhe proporcionou meios para estudar na Europa⁵⁸. Infelizmente não conseguimos encontrar outras informações acerca deste episódio. O que sabemos, e isto todas as reportagens sobre ele o dizem, é que o autor após ter saído na década de 1940, somente voltou ao Paraguai após a queda de Stroessner. De qualquer forma, muitos intelectuais se aliaram a governos ditatoriais para a obtenção de verbas para seus estudos. Estudos estes que, muitas vezes, criticavam os próprios governos que os financiavam. O que nos espanta, no entanto, é a publicação de tal poema elogiando o ditador Stroessner, quando o próprio Roa Bastos se encontrava no exílio. Leva a pensar na questão destacada pelo amigo de infância sobre trair a pátria, sobre trair os seus. Será que o romance foi

⁵⁷ YES, p.217.

⁵⁸ Guido Rodríguez-Alcalá. "Fascismo e Revisionismo". In: *Folha de São Paulo*, 09/11/1997. Caderno Mais!

escrito da perspectiva de entender o estranho fascínio que o poder pode exercer sobre uma pessoa? Ou sobre todo um povo?

Sendo o Compilador um duplo do autor ou não, na "Nota final del Compilador", nos é dito que o romance que acabamos de ler se trata de uma compilação.

"Esta compilación ha sido entresacada - más honrado sería decir sonsacada - de unos veinte mil legajos, éditos e inéditos; de otros tantos volúmenes, folletos, periódicos, correspondencias y toda suerte de testimonios ocultados, consultados, espigados, espiados, en bibliotecas y archivos privados y oficiales. Hay que agregar a esto las versiones recogidas en las fuentes de la tradición oral"⁵⁹

Certamente não se trata apenas de uma compilação. No entanto, esta idéia de que é uma compilação faz com que a leitura do romance se torne ainda mais assombrosa, pois parece que estamos lendo as palavras do próprio *El Supremo*. Este efeito se completa em uma nota de rodapé na qual o autor/compilador explica que *El Supremo*, pouco antes de morrer, ateou fogo às suas coisas, o que de fato ocorreu. Então, muitas vezes o compilador pára a história e diz que não pode prosseguir porque o fólio do qual copia as palavras que está narrando estava queimado, ou que estava rasgado. Através deste Compilador e das dezenas de notas de rodapé presentes no livro a crítica a historiadores (e também a romancistas⁶⁰) será contundente. As palavras do Compilador vão se misturar às palavras de *El Supremo* para tentar desvendar as construções da historiografia, dos memorialistas e mesmo dos viajantes acerca de sua pessoa e do seu país. *El Supremo* pode fazer isto porque é um fantasma, uma sombra, ou uma entidade que, vagando pelos tempos, pode dialogar com todos os personagens da

⁵⁹ *YES*, p.467.

⁶⁰ A crítica literária diz que Francia foi uma das figuras históricas que serviram como base para que Ramón del Valle Inclán criasse o seu *Tirano Banderas*. No entanto, como trata-se de um romance de ditadura, as características do ditador não são aprofundadas, razão pela qual o desconsideramos.

obra de Roa Bastos, pode percorrer a linha do tempo. Ou talvez o círculo do tempo...

Mas, embora Roa Bastos se utilize da história de Francia, as suas conclusões podem ser aplicadas ao geral, aos procedimentos mesmo de se realizar história na América Latina. Tecendo sua crítica, o autor projeta suas opiniões de forma sutil. Assim, quando descreve sua obra como uma compilação de documentos, inclusive orais, e mais, com sua insistência em dizer que está copiando o dito por *El Supremo*, dá a ela um caráter de narrativa de testemunho, gênero que aflorou na América Latina, principalmente na segunda metade deste século. Como destaca Mabel Moraña, o autor destas narrativas re-elaborava testemunhos, baseado em entrevistas, memórias, reportagens. No entanto, este tipo de narrativa respondia muito mais ao desejo de representar setores subalternos, que por quais motivos fossem, não tinham voz dentro do processo social em que estavam inseridos⁶¹. Neste sentido, percebemos que Roa Bastos 'brinca' com esta característica da literatura de testemunho, como se estivesse, ainda que distante no tempo, testemunhando os feitos do ditador. E mais, este pode ser tomado como um representante de setores menos favorecidos. Pode ser o representante do paraguaio comum, e não o seu ditador. Pode representar o caráter geral, que duvida de seu país, de sua história.

Mais, pode ser uma sugestão de como avaliar o romance. Se Roa Bastos nos dá indícios para que de alguma forma sua narrativa lembre um testemunho, e estes indícios são exaustivos, podemos pensar nele então como uma perspectiva de mostrar, através de vários elementos da narrativa, o povo paraguaio. Oprimido sob as garras de *El Supremo*. Oprimido sob as garras de tantas outras ditaduras. Inerte. Será mesmo? Na *Nota final del compilador*, uma provocação aos historiadores. No entanto, percebemos aqui que esta nota não foi escrita pelo Compilador, mas por uma terceira pessoa

⁶¹ Mabel Moraña. "Documentalismo y ficción: Testimonio y narrativa testimonial hispanoamericana en el siglo XX." In: Ana Pizarro.(org.), *op. cit.*, pp.479-515.

(ya habrá, no há hecho). Sendo assim, podemos assumir que o desafio parte diretamente do autor.

"Ya habrá advertido el lector que, al revés de los textos usuales, este ha sido leído primero y escrito después. En lugar de decir y escribir cosa nueva, no há hecho más que copiar fielmente lo ya dicho y compuesto por otros"⁶²

O autor prossegue dizendo que no texto não há nada que não tenha sido escrito desta forma. Ou seja, provoca, diz que a história narrada é cópia de outras. Ele afirma que o compilador primeiro leu a história, para depois escrevê-la. Novamente, não foi isto o feito na obra, foi uma original re-interpretação. Mas parece que o Compilador, ou o autor desta história, após ter lido sobre ela os milhares de documentos que diz que leu, nos dissesse que desta forma é construída a memória de um dado personagem: histórias que são cópias umas das outras. Dissemos crítica aos historiadores, pois, como poderemos ver no segundo capítulo, a historiografia sobre Francia parece se nutrir de um mesmo conjunto de fontes e informações. Ou seja, são consonantes com a observação feita acima sobre cópias. Assim, embora demonstrem a leitura de fontes, e tenham seus pressupostos teórico metodológicos, parecem recompilação umas das outras.

Para *El Supremo*, historiadores e romancistas são profetas do passado. Maus profetas, pois distorcem o ocorrido

"después vendrán los que escribirán pasquines más voluminosos. Los llamarán Libros de Historia, novelas, relaciones de hechos imaginarios adobados al gusto del momento o de sus intereses. Profetas del pasado, contarán en ellos sus inventadas patrañas, la historia de lo que no ha pasado. Lo que no seria de todo malo, si su imaginación fuese pasablemente buena. Historiadores y novelistas encuadernarán sus embustes y los venderán a muy buen precio. A ellos no les interesa contar los hechos sino contar que los cuentan"⁶³

⁶² YES, p.467. Grifo nosso.

⁶³ YES, p.38

Como já dissemos, *El Supremo* está em busca, no romance, de quem escreveu um panfleto contrário ao governo, e desta forma, faz, logo no início de sua conversa, uma longa crítica àqueles que escrevem panfletos, pasquins, pois estes não atentariam para o verdadeiro sentido dos fatos, somente se preocupando em maldizer o governo, sem conhecer suas reais intenções. Pois bem, segue dizendo que surgirão os que escreverão pasquins mais volumosos, que serão os livros de história e os romances. Ou seja, já se deduz que *El Supremo* considera as histórias verdadeiras falácias. Histórias inventadas de acordo com os interesses de quem as escreve e de acordo com o momento em que estiverem vivendo. Ora, sustentamos que Roa Bastos leu exaustivamente a bibliografia sobre Francia, e, nesta bibliografia (principalmente nas obras da historiografia), o partidarismo está muito presente, como veremos no próximo capítulo. Considerando-se que a documentação primária sobre o ditador não é muito extensa, podemos imaginar que estes autores consultaram um conjunto de informações razoavelmente semelhante, e construíram sua história sobre o ditador. O que poderemos perceber é que estas histórias divergem radicalmente. Ou seja, Roa Bastos, por um lado, desqualifica as histórias escritas sobre o ditador, dizendo, e mostrando, como ela pode ser distorcida. Ou seja, parece que Roa Bastos está dizendo que quanto mais se distanciar no tempo, mais um dado fato ou episódio histórico estará envolvido pelas possibilidades da ficção.

Assim, esta crítica ao escrever a história é um dos objetivos principais do autor na construção de seu texto. Dessa forma, no desenvolver da obra seremos informados das várias possibilidades de interpretação que existem sobre Francia, com críticas mordazes sobre elas, como se nada do dito ou escrito, pudesse, de alguma forma, aproximar-se da verdade. Mais ainda, que cada história contada envolve muito mais interesse daqueles que escrevem do que um objetivo de revelar uma interpretação mais correta. Dessa forma, o Ditador conclui que livros de história e romances são *relaciones de hechos imaginarios*, enganações para

aqueles que os leiam. Aos historiadores e romancistas só lhes interessam ser nomeados desta forma. Só lhes interessa o poder de contar as histórias.

O que faremos em seguida é destacar alguns trechos nos quais a crítica à escrita da história salta aos olhos. Estaremos entremeando trechos da historiografia com partes do romance que se referem a um mesmo episódio, para detectar a crítica do romancista. Poderemos até imaginar, em alguns trechos, Roa Bastos ironicamente dizendo: "ei, historiador, o romancista sou eu, eu posso ficcionalizar e exagerar desta forma..." Estes trechos são abundantes no romance.

V. A crítica à escrita da história

Podemos começar com a morte do ditador. Percebemos que ele está morto, entre outras coisas, por causa da data de um ofício, que também é destacado por vários historiadores. Seleccionaremos um, José Antonio Vázquez⁶⁴, pelos motivos que se seguem. Em seu livro, há o recorte e posterior comentário do ofício comentando as exéquias do ditador, enviado para a Junta de governo provisório, pelo comandante de *Villa Franca* (situada no atual departamento do Ñeembucu), Antonio Escobar. Transcreveremos alguns trechos por serem de grande importância na análise da posição de Roa Bastos quanto ao tratamento historiográfico dado em seu romance, e mesmo no entendimento da obra.

"Suplico se me permita hacer un breve detalle del modo como hemos obrado en la celebración del dicho acto:

El día de la víspera se hizo iluminación en la plaza y en todas las casas de esta villa.

El día 18 celebró el padre cura misa cantada solemne por la salud, acierto y felicidad de los individuos que componen este Supremo Gobierno provisorio y único(...)

Se levantó un cúmulo de tres cuerpos. En esse último se colocó una mesa adornada por alhajas, una almohada de seda donde se colocó un bastón y una espada como distintivos do poder soberano. Estaba el cúmulo iluminado con 54 candelas.

Se cantó una vigilia solemne, y en la misa cantada el padre cura predicó la oración fúnebre, exponiendo por tema: que el Excelentísimo Supremo finado Dictador, había desempeñado no solo las obligaciones de un fiel ciudadano, sino también de un fiel padre y soberano de la república. Pero la oración quedó incompleta a causa de no poder contener el llanto en silencio, prorrumpimos en voces descompasadas que no dimos lugar más al predicador, y se apeó.

Nuestras cortas facultades no nos ha permitido consagrar más solemnidad a la memoria del finado dictador"⁶⁵

⁶⁴ José Antonio Vázquez. *El Doctor Francia visto y oído por sus contemporáneos*. Buenos Aires: EUDEBA, 1975.

⁶⁵ *Ibidem*, p.358.

O historiador Vázquez, tendo escrito na década de 1960, enquadra-se ainda nos moldes do revisionismo da historiografia paraguaia⁶⁶, que considera Francia um prócer da independência, que foi injustiçado pelo desastre da guerra da Tríplice Aliança, quando os aliados invadiram Asunción dispostos a destruir, ou a macular a memória do período anterior ao conflito. Neste sentido, constrói uma representação de Francia altamente positiva, através de recortes de documentos que vão sendo sucessivamente comentados. Neste sentido, seus comentários após este ofício, vão ao encontro de uma imagem da população totalmente comovida pela morte do ditador. Um de seus comentários:

*"todo era en rededor, gemidos, sollozos, llantos, lamentos desgarradores. Almas paraguayas en su maxima intensidad. El pronunciamiento, el juicio vivo del Paraguay sobre el dictador Francia. Un juicio que no se volverá a repetir y que en vano se buscará en los libros"*⁶⁷

A instrumentalização feita deste ofício leva a um quadro de tristeza geral. Pranto, soluços, gemidos, quase podemos ver a cena, as pessoas se contorcendo de dor, como que feridas de morte, pela perda do ente querido, que cuidava de tudo e de todos. Na interpretação de Vázquez, todos choravam a morte do pai, do Karai Guasú, o que conduz à hipótese de que mesmo com as limitações impostas pela ditadura, o "povo" o amava e não queria sua morte. Mais ainda, somente quem vivenciou a época poderia ter uma correta imagem do que foi o governo de Francia, imagem esta que foi revelada em seu funeral através das mais profundas expressões de dor. Depois disto, inútil será a procura de juízo positivo sobre o ditador.

O mesmo ofício encontra-se no romance de Roa Bastos. Vejamos:

⁶⁶ Sobre as representações da historiografia paraguaia, elas serão discutidas no segundo capítulo.

⁶⁷ Vázquez, *op. cit.*, p.359.

"Suplico se me permita elevar un breve detalle del modo como hemos obrado en la celebración del acto de las exequias de nuestro Supremo Señor. El día de la víspera se hizo iluminación en la plaza y en todas las casa de esta villa.

El día 18 celebró el padre cura misa cantada solemne por la salud, acierto y felicidad de los individuos que componen el nuevo Gobierno de fatuo provisorio y único.(...)

Se levantó un cúmulo de tres cuerpos revestidos de espejos. Ante él se colocó una mesa cubierta con los albos paños de los altares, que el padre cura cedió en préstamo por la señalada ocasión. Sobre una almohada de raso negro se cruzaban un bastón y una espada, distintivos del Poder Soberano. Estaba el cúmulo iluminado con 84 candelas, una por cada año de vida dEl Supremo Dictador. Muchos, por no decir todos, notaron su aparición entre los reflejos que se multiplicaban sin término a semejanza de su infinita protección paternal.

Se cantó vigilia solemne, y en la misa el padre cura predicó la oración fúnebre, exponiendo por tema: que el excelentísimo Supremo finado dictador, había desempeñado no solo las obligaciones de un fiel ciudadano, sino también de un fiel padre y soberano de la república. Pero la oración quedó incompleta a causa de no poder la multitud ni el padre contener el llanto que, silencioso al principio, reventó en descompasada lamentación. El predicador se apeó del pulpito bañado en lágrimas.

Todo era en rededor gemidos, sollozos, lamentos desgarradores. Muchos se arrancaban los cabellos con gritos de profundo dolor...

Nuestras cortas facultades no nos ha permitido consagrar más solemnidad a la memoria del finado dictador"⁶⁸

As partes que sublinhamos destacam os trechos nos quais Roa Bastos vai tecendo seus comentários dentro do próprio ofício, alterando-o. Podemos perceber que se trata do mesmo ofício, que ambos, historiador e romancista, analisaram, interpretaram e reescreveram à sua maneira. Roa Bastos também se refere ao autor

⁶⁸ YES, p.16-7. Grifo nosso.

do ofício, Antonio Escobar.⁶⁹ No entanto, copiando-o de modo distorcido, acrescentando frases, vai tecendo suas críticas. Primeiramente, ao governo da junta provisória, através da expressão *Gobierno de fatuo*, ao invés de *Gobierno de facto*, como seria de se esperar, ou seja, um governo de fantasia, de mentira, poderíamos mesmo acrescentar. Então, reza-se por este governo de mentira que vem para substituir o Karái Guasú, tão amado e adorado por 'todos', governo este que não foi designado por ele, que a tudo designava, ou seja, um governo usurpador do poder santificado do 'pai' que acabou de morrer. Prosseguindo, Roa Bastos mostra o caráter de figura mítica, de herói, ou quase santo que poderia representar Francia para 'todos': o padre emprestou os panos dos altares para as homenagens fúnebres do Ditador, e, dessa forma, dá um caráter de sublime à cerimônia.

No entanto, Roa Bastos insere espelhos nos estrados, espelhos estes que não estão no ofício original, e aqui dá o tom de sua interpretação, que por vezes chega a um hermetismo exorbitante. Com o espelho, forja a imagem mítica de Francia, o herói, o pai, que mesmo depois de morto estende sua proteção paternal a seus filhos, mesmo em suas próprias exéquias. Muitos, senão todos, enxergaram-no por entre os reflexos dos espelhos, assim como muitos o irão enxergar através dos tempos, em meio aos reflexos das ditaduras. Nesses labirintos de reflexos muitos buscaram através dos tempos sua proteção paternal, seu caráter duro, mas que seria como que um abrigo.

Por outro lado, com os espelhos, sugere a idéia falsa das coisas, mostradas através de reflexos nos espelhos. Reflexos estes que se multiplicavam sem fim. Talvez a multidão não tenha visto Francia. Certamente não viu. O que poderia levar à falsa idéia de que ele era um pai, ou um protetor. O que poderia dar caráter de falso ao que se segue no ofício, de que a multidão sentiu por demais sua morte. Ou seja, de que esta acentuação da dor pela sua morte pode ter sido um produto da historiografia.

⁶⁹ YES, p.18.

Mas, o autor tem que ironizar a instrumentalização da historiografia paraguaia, e o faz, através de sarcástica crítica à obra de Vázquez. Podemos observar que o romancista insere um trecho do historiador no ofício: "*Todo era en rededor gemidos, sollozos, lamentos desgarradores*". E prossegue, inserindo sua crítica: "*Muchos se arrancaban los cabellos con gritos de profundo dolor*". Também o padre desceu do púlpito banhado em lágrimas, além da multidão que se descabelava de tanto padecimento. Bem, já que era para mostrar sofrimento e tristeza, o autor exagera, acrescentando o arrancar de cabelos copioso, os gritos de dor. Mas a tônica está nos espelhos, como um alerta: espelhos podem oferecer uma imagem distorcida, ou uma imagem falsa. Portanto, "atenção, leitores!" é a mensagem do autor.

Ora, como observamos, Vázquez tinha o objetivo de mostrar Francia como um herói, ao passo que Roa Bastos, como romancista, se desobriga disto podendo, através de um mesmo ofício, destacar como pode ser feita a construção de uma imagem, no caso positiva do ditador, de acordo com o interesse de quem a realiza. Neste sentido, a crítica às construções interesseiras, que deveriam mostrar os dois lados da história.

Neste propósito de mostrar a história de mais de um ângulo, comparemos uma outra instrumentalização da historiografia e do romance, baseados em um mesmo documento. O ditador Francia passeava todas as tardes, a cavalo, por Asunción, e após a conspiração do ano 1820, era acompanhado de uma guarda que fazia as pessoas fugirem ao saber de sua chegada. No romance, é em um destes passeios que o Ditador enfrenta uma tormenta e cai do cavalo, possibilitando o surgimento de seu duplo. No entanto, antes da queda, *El Supremo* acredita que viu passar um sacerdote conduzindo um viático que ele pensa que é o padre Lozano⁷⁰, e passa

⁷⁰ Padre Pedro Lozano escreveu a *Histoxia de las revoluciones de la provincia del Paraguay*. No romance, *El Supremo* o descreve como o mais "testarudo calumniador" de José de Antequera, chefe dos comuneros. Para o Ditador ele pretendeu assassinar Antequera pela terceira vez através de sua pena, recompilando embustes, tal como farão com ele (Francia) após sua morte. *YES*, p.42.

a delirar sobre este episódio, relacionando-o com sua queda. Vejamos como Julio César Chaves nos conta esta passagem:

"en un atardecer un sacerdote conducía el viático para un moribundo, acompañado de un grupo de fieles. De súbito los acompañantes huyeron despavoridos y el religioso se encontró completamente solo: en un extremo de la calle aparecía a caballo el Dictador que retornaba de su paseo diario. El cura se arrodillo alzando la hostia, pero el jinete pasó de largo, sin descubrirse siquiera. Sólo cuando se perdió a lo lejos regresaron los temerosos fieles"⁷¹

Este trecho está descrito em Ramón Gil Navarro, *Veinte años en un calabozo*⁷², e Chaves mostra a perspectiva do padre e de seus fiéis, do medo que sentiam ao aproximar *El Supremo*, que parecia nem vê-los, ou mais, parecia desprezá-los, pois nem se descobriu com o padre alçando a hóstia. Chaves não diz nada sobre a guarda que acompanhava o ditador nem do medo que os fiéis sentiam dela, ou do que ela poderia fazer com aqueles que atravessassem o caminho de *El Supremo*. Na sua interpretação é como se surgisse em uma esquina o próprio demônio montado a cavalo, que faz até o sacerdote levantar a hóstia para se proteger. Mas vejamos uma outra possibilidade descoberta pelo romance:

⁷¹ Chaves, *op. cit.*, p.276.

⁷² Ramón Gil Navarro. *Veinte años en un calabozo*, o sea, la desgraciada historia de veinte y tantos argentinos muertos o envejecidos en los calabozos del Paraguay. Rosario: Imprenta del Ferrocarril, 1863. Trata-se de uma interessantíssima história, na qual o autor faz uma espécie de história oral com argentinos que estiveram presos nos porões de Francia e que conseguiram sobreviver ao ditador. O autor foi deputado do Congresso argentino, e inicia a obra destacando a proibidade das pessoas que vão narrar seus sofrimentos, indicando aos leitores seus locais de moradia para que possam consultá-los para confirmar a veracidade dos fatos narrados. É um texto bastante utilizado pelos que escreveram sobre Francia, pois é como que um relato de época, um dos poucos existentes. Sobre a passagem citada, ela é narrada como se segue: "el dictador doblaba una esquina a tiempo que desembocaba en la calle su majestad, acompañando al sacerdote una numerosa concurrencia. Pero toda ella se evaporó como el humo, al ver la guardia del dictador y el sacerdote que conducía el viatico quedó solo. No fué sino despues que paso el dictador, y dando vuelta por otras calles que el acompañamiento se reunió al sacerdote." p.28.

"en un recodo apareció el cura de sobrepelliz y estola. La charanga de la escolta se desvaneció en el rumor de la campanilla que uno de los acólitos agitaba empavorecido ante mí como ante la aparición de un espectro. El moro siguió avanzando al tranco, las orejas vibradoras hacia el campanilleo. Pensé en un complot, tras ese simulacro del viático para un moribundo (...) han previsto todo: atírmame el balazo, luego el viático"⁷³

Como pode-se perceber, as passagens são semelhantes, e certamente baseadas no mesmo documento. No entanto, o romancista a interpreta do ângulo do ditador. Ou seja, alça seus vãos literários a partir de um documento histórico, possibilitando ao leitor apreciar uma passagem de outros ângulos que não somente aquele fornecido pela historiografia, via Julio César Chaves. O Ditador percebe o medo sentido pelas pessoas, como se tivessem visto um espectro. Só que, no seu medo de conspiração, entende nisto uma simulação: devem estar querendo assassiná-lo, e a ironia, já trouxeram até o padre para a benção final.

Um terceiro modo de apresentar sua crítica ao modo de "escrever história" envolve a pretensão à verdade de que estão imbuídos muitos textos de historiografia. Um tema bastante profícuo para esta discussão diz respeito à representação física de Francia. Quais seriam seus caracteres físicos e vestimentas? Seria mestiço? Mulato? Índio? Louro? (louro???) Não ficou nenhum retrato do ditador, somente descrições de viajantes, o que possibilita muitos delírios neste sentido.

De maneira que já se pode antever a utilização realizada pela historiografia destes traços. Por exemplo, com relação à cor de Francia, aqueles interessados em macular sua imagem, e destacá-lo como um tirano demente, afirmam que seu pai era um bandeirante paulista e mulato, e o que teria contribuído para torná-lo tão vingativo seria a recusa de um pedido de casamento justamente por sua cor. Para seus defensores, Francia não tinha nada de mulato, e era descendente das mais nobres famílias *criollas*. Como sabemos,

⁷³ YES, p.61.

ser descendente de africanos ou de índios, na América espanhola no século XIX, poderia dar um caráter de inferioridade à pessoa.⁷⁴

No romance, *El Supremo* pergunta a Patiño como ele o vê, ao que o escrevente responde com a descrição de Robertson, inclusive com as fivelas de ouro. O Ditador retruca que nunca usou fivelas de ouro, nem nada que fosse de ouro. Patiño insiste:

*"Con su perdón, Excelencia, todos le han visto y descrito con este atuendo y figura"*⁷⁵

Ninguém o viu, mas todos repetiram a descrição de Robertson. Esta "verdade" é criticada por Roa Bastos, para quem tanto faz se ele era ou não mulato, ou que usasse ou não fivelas de ouro. Qual a importância deste debate? Em que isto poderia alterar o sentido principal de uma interpretação? Em que a fivela poderia alterar o sentido de seu poder? Através do Ditador, expõe com maestria esta questão tão presente na historiografia:

*"los que se ocuparon del aspecto exterior de mi persona para denigrarme o ensalzarme no han logrado coincidir en la descripción de mis vestimentas. Menos aún en la de mis rasgos físicos. ¡Qué mucho, si yo mismo no me reconozco en el fantasma mulato que me mira! Todos se fijan embrujados en las inexistentes hebillas de oro"*⁷⁶

O autor se refere a todos que contribuíram para fixar a imagem de Francia, tanto os que se dedicaram a destacar seu caráter duro e sombrio como aqueles que o consideram o fundador da nacionalidade guarani. Utilizaram-se de uma dita "verdade" da maneira que melhor lhes pareceu. O Ditador, em seu duplo, pode ver um "fantasma mulato"; entretanto nem mesmo ele se reconhece nesta figura. Então, por que outros que não o viram, que não o conheceram poderiam querer reconhecer? Mais que isto, se

⁷⁴ Basta que recordemos Sarmiento, Alberdi com suas idéias racistas no final do século XIX.

⁷⁵ *YES*, p.100.

⁷⁶ *YES*, p.102.

enfeitiçaram pelas fivelas de ouro dos sapatos, que ele diz que nunca usou. Que diferença poderia fazer para a história se eram de ouro? Mais, como poderiam saber se era de ouro? Roa Bastos parece mostrar a falta de relevância destas "verdades"...E mostrar o que se pode fazer com elas:

*"Me di vuelta, dice a la letra el anglómano, y vi a un caballero vestido de negro con una capa escarlata echada sobre los ombros. Tenía en una mano un mate de plata con una bombilla de oro de descomunales dimensiones (...) bajo el brazo llevaba un libro encuadernado en cuero de vaca con guarniciones de los mismos metales"*⁷⁷

Se todos o descreveram como quiseram, o romancista também se dá este direito, dizendo que está narrando ao "pé da letra" o que disse o comerciante inglês, a quem no romance *El Supremo* chama de *anglómano*. É famosa a passagem do encontro de Robertson com Francia, em meio a uma caçada em terras da chácara do ditador, que quase todos os historiadores repetem. No entanto, Roa Bastos ironicamente distorce o ocorrido, colocando uma bomba de descomunais dimensões, de ouro, o metal que parece enfeitiçar nas mãos do Ditador.

Dentro de sua crítica à escrita da história, um outro elemento é o debate direto com historiadores. Tal como se fosse uma discussão bibliográfica, presente em tantas teses e livros de história. Um belíssimo exemplo é a crítica endereçada a Bartolomé Mitre, o Tácito do Prata. Mitre foi comandante do exército das forças aliadas de 1864 a 1868, e dentre as suas variadas obras, escreveu um livro que é uma biografia do general Manuel Belgrano, personagem ímpar na história da Argentina, e poderíamos mesmo dizer de todo o Prata. No referido trecho do romance o Ditador está narrando os sucessos ocorridos em Takuary, onde, após uma frustrada tentativa de invasão do Paraguai, celebrou-se um armistício entre Manuel Belgrano e Cavañas, chefe das tropas

⁷⁷ YES, p.100.

paraguaias⁷⁸. Roa Bastos descreve este episódio baseado no livro de Mitre, e discutindo com ele:

*Tozudamente insistes, golpeando la contera del bastón-generalísimo sobre las baldosas flojas de la Historia; porfías en que Belgrano fue el verdadero autor de la revolución del Paraguay(...); Ah, Tácito-brigadier! (...) Depositás toda tu fe en los papeles sueltos. En la escritura. En la mala fe"*⁷⁹

Roa Bastos, ou melhor, o Ditador, irrita-se com as considerações de Mitre sobre o Paraguai e sua independência⁸⁰, com suas obras posteriores, com sua confiança em papéis soltos, e reclama que suas dissertações históricas lhe deram fama e dinheiro, apesar de sua má fé. Além disso, também ele invadiu o Paraguai qual se fosse uma terra sem dono, contribuindo para sua aniquilação. Ora, uma figura como Mitre, como muitos de seus contemporâneos, era partidário de teorias racistas para justificar o pequeno desenvolvimento da América, e sugere que o paraguaio era uma raça que não dera certo⁸¹. Portanto, explica-se a ira do Ditador, pois é como se Mitre dissesse que sem ajuda externa jamais os paraguaios teriam se tornado independentes. Roa Bastos tem de ir contra pois, como poderão os paraguaios se inspirarem em algum exemplo, como poderão lutar, se nem mesmo a independência foram capazes de articular sem ajuda externa? (segundo a versão de Mitre).

⁷⁸ Para tentar submeter o Paraguai à Argentina e depor o governador da província foi enviado um exército sob o comando de Belgrano, onde acabou ocorrendo um armistício. Alfred Demersay. *El doctor Francia, dictador del Paraguay*. In: *El Doctor Francia*. Asunción: El Lector, 1996. p.187.

⁷⁹ *YES*, p.119.

⁸⁰ "Los copiosos documentos que nos hemos servido para escribir esta página casi ignorada da vida de Belgrano, prueba que él fué el verdadero autor de la revolución del Paraguay". Bartolomé Mitre. *Historia de Belgrano y de la independencia argentina*. Buenos Aires: Ed. Anaconda, 1950. p.188.

⁸¹ "la sangre indígena había predominado al fin sobre la sangre europea, y la diplomacia teocrática domado sus instintos de libertad". Mitre, *op. cit.*, p.167.

Destas várias formas de se "escrever a história" chegamos a pelo menos uma conclusão. A de que Roa Bastos propõe que, quanto mais distantes estivermos de um acontecimento, no caso, Francia e seu governo, mais este acontecimento se mostra propício ao delírio ficcional. Não é sem razão então a frase do Ditador "*La historia no contemporánea es sospechosa*". Observamos que ele não deixou de se basear em documentos, apesar de realizar uma leitura que, talvez desbordasse ao seu conteúdo meramente de registro. Assim, quando propusemos a comparação entre a abordagem historiográfica e a literária, pudemos atentar que o "sentido" do episódio, acaba sendo o mesmo. Mas que a interpretação de um ou outro pode ser acrítica, recheada de interesses, parcialidades, que constróem um personagem, que foi real, mas obedece a momentos históricos em que estavam inseridos os seus autores (historiadores, romancistas, viajantes e outros).

Dessa forma, retomando a definição de história dada por Roa Bastos anteriormente⁸² podemos então entender o sentido de "estruturas significativas", e percebemos que as crônicas a que o autor se refere podem ser tanto a historiografia como qualquer outra coisa escrita sobre Francia, ou seja, todos os elementos que se unem para a construção de sua memória:

*"Roa Bastos se empeña en enseñarnos que nuestra consciencia de la historia, en el momento en que no hemos participado personalmente en ella o nuestra actuación histórica empieza a alejarse en el tiempo, reviste un carácter arbitrario, queda seducida por las infinitas posibilidades de la ficción"*⁸³

Daqui, podemos dar um salto. Se um evento histórico distante no tempo abre espaço para a imaginação de quem pretende resgatá-lo, e isto não são palavras apenas de romancistas, mas também de historiadores famosos e reconhecidos, chegamos à questão

⁸² A definição encontra-se na página 38 deste capítulo.

⁸³ Peter Turton. Apud Márcia Hoppe Navarro, *op. cit.*, p.246.

de que a linguagem tem um grande poder. Linguagem esta que é a mesma para o romance e para a historiografia.

Senão vejamos, no romance quem faz a releitura de sua história, ou de como ela foi construída é o próprio Ditador. Acompanhemos o seu raciocínio. Ele vai revendo os pontos que sobre ele foi escrito através dos tempos, tecendo seus comentários, discutindo com historiadores, romancistas, e outros. Sempre nos alertando para o perigo que pode haver na construção de uma memória. Que talvez um dado fato narrado não tenha acontecido realmente da forma contada. De que talvez quem narrou se preocupou com os detalhes que não eram os mais importantes. Sempre alertando que os construtores da memória podem ser perigosos. Por que eles têm muitos interesses que não somente o de contar um acontecimento.

Portanto, este poder da linguagem apresenta-se como um dado bastante fecundo para a interpretação deste romance.

*"Las palabras de mando, de autoridad, palabras por encima de las palabras, serán transformadas en palabras de astucia, de mentira. Palabras por debajo de las palabras"*⁸⁴

Obviamente, isto tem profunda ligação com a manutenção da memória. Os detentores do poder da linguagem podem usar sua imaginação. Portanto, têm condições de decidir o que será resgatado e o que não. Controlam o que será esquecido ou não. Manipulam a memória. Dessa forma, o Ditador (ou Roa Bastos) nos alerta para que estejamos atentos aos interesses de quem tem o poder de preservá-la. Para que estejamos atentos às "*palabras por debajo de las palabras*"...

Neste sentido, as palavras de mando poderiam soar como os documentos a serem consultados, diríamos, os "escolhidos", palavras por cima das palavras, de cidadãos, do povo, palavras de mando e de autoridade, aquelas que puderam ser registradas, aquelas palavras que têm o poder, ou o tiveram uma vez. Ou pode se

referir também a Histórias em cima de Histórias, que são recuperadas da memória. Histórias que se contam de variadas formas, referindo-se sempre a um mesmo acontecimento. Mas se são escritas de diversas formas, então produzem sentidos diferentes, comandadas muitas vezes pelo poder atual. Tornam-se então Histórias cheia de astúcia: seu autor por vezes pode ter algum objetivo por baixo destas palavras. Palavras por baixo das palavras. Assim, além das intenções dos autores, podem, conjuntamente, revelar outros e outros sentidos, dependendo do cabedal de cultura e informação de cada qual que as leiam.

Veremos em seguida como Roa Bastos analisa a história de seu país.

⁸⁴ *YES*, p.35.

VI. A história do Paraguai, pelo literato

Estivemos destacando o "escrever a história" para Roa Bastos. Embora com os exemplos que viemos destacando já tenhamos podido perceber como o autor vê a história de seu país, não foram mais que pequenas "pitadas". Quisemos ressaltar principalmente os meandros possíveis para se fazê-lo. As armadilhas e as artimanhas que o autor identifica. Os cuidados que ele acredita que se deve ter. Tendo como foco a história do Paraguai, o autor expande isto para o modo de escrever a história no geral. Assim, chegamos a conclusão sobre o poder que exerce a linguagem, e mais, o poder que têm os detentores da escrita, ou seja aqueles que podem se expressar sobre uma dada realidade principalmente, em um continente de tantos analfabetos. Tudo isto, certamente vai em consonância com a idéia da arma que pode ser a escrita. Quando Carpentier elaborou esta idéia, certamente se referia à luta contra as injustiças no tão maltratado continente latino-americano. Todavia, pudemos observar que os dois lados da moeda podem ser contemplados, tanto a luta pelas injustiças quanto a acentuação destas.

No entanto, Roa Bastos também reivindica o seu direito de contar a história de seu país. De dar a sua interpretação, e mostrar o que para ele faz sentido em todas as "histórias" ou quais seriam as estruturas significativas. O que há de importante filtrando-se todos os interesses envolvidos com a escrita. No entanto, sendo ele um escritor ligado ao seu tempo, a sua visão de mundo obviamente perpassa seu texto. Tentemos então descobrir quais são "*las palabras por debajo de las palabras*" de Augusto Roa Bastos.

Há três elementos que dão sustentação à sua interpretação da história, e embora eles possam ser observados em todo o texto, é na *Circular Perpétua*, onde eles aparecem de forma mais acentuada. Como já ressaltamos, esta é uma das partes do romance na qual o Ditador narra os sucessos e problemas que sua pátria

enfrentou. Embora todo o romance seja perpassado por variada documentação, é aqui onde encontramos mais notas e referências a historiadores, viajantes e outros. Esta circular será enviada aos seus subalternos, para que eles possam conhecer a história de seu país, já que não tiveram tempo de se instruir, na lida diária. O primeiro item a ganhar destaque então, na interpretação de Roa Bastos, é a necessidade de se conhecer a história. Conseqüentemente, a preservação dos documentos, em arquivos e bibliotecas, revela-se de suma importância.

*"Es preciso reflexionar sobre estos grandes hechos que ustedes seguramente ignoran, para valorar en todos sus alcances, la importancia (...) de nuestra causa"*⁸⁵

*"esos documentos, aún los más insignificantes (...) tienen su importancia. Son sagrados puesto que registran circunstanciadamente el nacimiento de la patria, la formación de la republica. Sus muchas vicisitudes. Sus victorias. Sus fracasos. Sus hijos beneméritos. Sus traidores. Su invencible voluntad de sobrevivir"*⁸⁶

Podemos sentir que é quase com pesar que o Ditador fala sobre a invencível vontade de sobreviver do Paraguai. Ele, como um fantasma na trama, pode saber qual será o futuro de sua tão defendida república. Então, precisa contar toda a história, as origens e o destino, para que seus comandados possam valorizar a importância de seu país, para que possam saber de sua luta de morte com as vicissitudes históricas em nome da sobrevivência. Sendo assim, é de grande importância a preservação dos documentos. Neles pode-se encontrar toda esta batalha travada com a história. Este alerta, obviamente, não é endereçado aos historiadores. Todos os profissionais desta área certamente sabem valorizar em todo seu alcance o significado de um documento. Os caminhos do labirinto da história que podem ser abertos com ele. Este aviso vai sim para os leitores em geral, não somente os paraguaios. É como se o autor

⁸⁵ YES, p.37.

dissesse "atentem para o passado", pois a posteridade não nos interessa. Algum dia ela voltará para nos procurar, e então, já será passado também⁸⁷. E atentem como a história pode ser contada de várias formas, de vários ângulos, de várias perspectivas.

Neste sentido, ele pede que paraguaios e outros leitores conheçam o passado, pois o que ocorre no presente tem estreita ligação com ele. Com relação aos paraguaios, em especial, quer que saibam das possibilidades de luta. O quanto já houve de opressão e de rebeldia. O porquê da submissão. A vontade de sobreviver do pequeno país, apesar de tudo que aconteceu em sua história, apesar das guerras e ditaduras. Apesar de Francia...

Já se pode perceber então que o segundo elemento da interpretação de Roa Bastos da história é o movimento e a participação que pode ter o povo. O grande sentido de sua história é a coletividade, o comum frente às vicissitudes históricas. Não é de se estranhar, neste sentido, que o Ditador narra a história paraguaia como se fosse uma pessoa qualquer, um comum, e não o famoso Francia. Como se ele fosse o próprio povo e não um caráter individual. No entanto, seguindo a orientação de Roa Bastos de apresentar a história em suas várias facetas, mostra o movimento, e a inércia de seu povo.

Sendo assim, um dos traços que guia a história contada é a liberdade, e sua luta por ela. A consciência da opressão e o trabalho para livrar-se dela. Desde os *Comuneros*, em 1717, até a Guerra da Tríplice Aliança, a liberdade é como que uma luz a brilhar. Bem distante. Quase sempre nunca atingida, mas sempre buscada...

"José de Antequera se puso a estampar a fuego en la letra, en los hechos(...): los pueblos no abdicán su soberanía (...) Únicamente los pueblos que gustán de la opresión pueden ser oprimidos. Este pueblo no es de esos. Su paciencia no es

⁸⁶ YES, p.29.

⁸⁷ YES, p.38.

*obediencia. Tampoco podeis esperar, señores
opresores, que su paciencia sea eterna*⁸⁸

Não é do nosso interesse discutir a revolução comunera, nem se havia participação efetiva de populares nestes episódios do século XVIII. Ainda menos se ela realmente existia no século XIX, na época francista. Mas Roa Bastos quer que esta participação exista, e mais, que seja forte. Que seu povo não é daqueles que gostam de ser desrespeitados em sua soberania por quem quer que seja, libertadores opressores ou caudilhos mitológicos. E mais, deixa um aviso, de que sua posição de passividade não é porque estejam inertes. Não é porquê não compreendem, pois quando menos se espere, eles podem se rebelar. É esta a esperança, é este o desejo de Roa Bastos.

Quais são, então, *las palabras por debajo de las palabras*? O que fica claro é que para o autor o povo sempre participou e lutou. Neste sentido, se desde a colônia o povo foi forte e aguerrido, por que não na década de 1970, então? Por que se deixava dominar, inerte, por uma ditadura tão longa e destrutiva?

*"Se suele decir que el que se fia del pueblo edifica en la arena. Tal vez, cuando el pueblo no es absolutamente más que arena. Pero aquí no reina esta cábala. Yo lidio no con un pueblo de arena ni de fantasmas, sino con un pueblo de hombres de mil y tantas miserias. ¡Paraguayos, un esfuerzo más si queréis ser definitivamente libres!*⁸⁹

Como um brado de guerra o autor conclama seus conterrâneos à luta, ao esforço, ao sacrifício em nome da liberdade. E mais, tenta convencer a todos que é no povo e somente nele que se deve confiar. A exemplo do povo paraguaio, que após tantas desgraças e tragédias sobreviveu. A duras penas mas resistiu. Então, somente no povo estaria a esperança.

⁸⁸ *YES*, p.39.

⁸⁹ *YES*, p.400.

Assim, não se torna paradoxal estas palavras vindas do Ditador, alguém apontado como o causador dos males paraguaios até os dias atuais. Só vem a confirmar que a construção desta interpretação do ditador está inteiramente imbuída da visão de mundo do autor, qual seja, de alguma forma acreditar que o povo pode ser capaz de lutar contra qualquer tipo de tirania, seja um Francia ou qualquer outro. Neste sentido, o personagem central de sua trama, o velho ditador, pode ser tomado mais como um cidadão paraguaio falando, uma pessoa representativa do povo, do que aquele que foi o detentor de um poder quase absoluto. Dessa forma, o herói, ou o protagonista da trama, pode ser entendido como o povo de um país, mais do que um tirano. O que podemos afirmar sem sombra de dúvida é que quanto mais imersos estivermos na história paraguaia, mas poderemos entender a mensagem do autor.

Mas, levando-se em conta a visão de Roa Bastos, de não mostrar a história como algo fechado, ou seja, somente um aspecto, também ressalta a contrapartida do povo que se deixa levar, que se deixa governar, que aceita tudo passivamente. O povo que é submisso. Há vários trechos ao longo da narrativa nos quais o autor retrata esta situação. Um dos que consideramos bastante significativo é sobre o Tevegó, uma colônia penal construída por Francia na região setentrional do país, para o envio de pessoas do povo, os menos favorecidos que de alguma forma contrariassem as leis do ditador. Mas não somente enviou para lá estes, como inclusive alguns estrangeiros que entraram no país⁹⁰.

⁹⁰ J. R. Rengger & M. Longchamp, *op. cit.*, p.31, cap V, 1ª parte. As prisões de Francia constituem um capítulo especial na história de sua ditadura. Além do Tevegó, Rengger e Longchamp afirmam que havia outros dois tipos de prisão no Paraguai do período, que eram o cárcere público e as prisões do estado. No primeiro havia os presos que cometessem qualquer sorte de delitos, homens e mulheres vivendo em um mesmo edifício, quase todos amontoados, mas que podiam ter comunicação com seus familiares e receber algum socorro. Nas prisões do estado, que se situavam em diferentes quartéis, ficavam os presos políticos, sem comunicação e agrilhoados. Rengger e Longchamp, suíços, tendo ocupado o posto de médicos, puderam visitá-las. p.89 e 90, cap. 3, 2ª parte. Existem outros relatos contando a vida nas prisões. Um dos célebres é o de Mariano Antonio Molas, *Descripcion Historica de la antigua provincia del Paraguay*. Este ensaio, que procura ser de cunho mais geográfico, foi

O Tevegó é descrito no romance em um episódio fantástico, que lembra o real maravilhoso de Carpentier. O amanuense Patiño conta ao Ditador que não se pode mais ultrapassar os limites do presídio, pois tudo lá dentro tornou-se como que pedra de cor cinza, que até mesmo a luz fica cinza ao ultrapassar os limites do povoado, e mesmo as pessoas parecem pedra, sem se moverem

*"si hay gente allá lejos no se sabe si es gente o piedra. Lúnico que si son gentes están ahí sin moverse"*⁹¹

*"se ve que no pueden levantar las manos, el espinazo, la cabeza. Han echado raizes en el suelo(...)para mí esa gente no entiende nada de lo que le pasa, y en verdad que no le pasa nada"*⁹²

Este episódio, apesar de fantástico, pode se referir a vários fatores da história do Paraguai, que de alguma forma têm ligação. Se o autor, ao falar pelas palavras de Patiño está se referindo ao Paraguai da época francista, pode estar condenando o governo do ditador pela questão do isolamento. Somente entravam ou saíam do país pessoas com sua permissão pessoal, seja por quais motivos fossem, ou seja, o próprio país era um presídio. A simples liberdade de locomoção estava restrita, tanto para fora do país, como de uma região a outra. Rengger & Longchamp, dois suíços que estiveram no Paraguai e acabaram trabalhando como médicos para Francia relatam alguns fatos. O isolamento e as prisões, que provocavam a visão de tranqüilidade dentro do país, fez com que

escrito entre 1838 e 1839, quando o autor estava encerrado na prisão, tendo saído somente após a morte do ditador. A obra, foi publicada pela primeira vez em 1868, e é de suma importância para a história paraguaia, pois Molas teve intensa participação na vida política, até ter sido encarcerado por Francia. É natural então, que o seu juízo sobre o ditador não seja dos melhores: "pasarán centenaes de años sin que la naturaleza vuelva a producir un semejante al dictador Francia, mal criado, frenetico y verdugo de los paraguayos" p.88.

⁹¹ YES, p.22.

⁹² YES, p.24.

algumas pessoas se aproximassem para pedir para entrar, sendo que o ditador é quem tinha que dar a permissão⁹³.

Contudo, o que nos parece mais evidente, é a crítica ao povo paraguaio, e por conseguinte a todos os que se submetem a tirania, de se conservarem estáticos muitas vezes. As 'pessoas-pedra', que simplesmente vivem/morrem, sem nenhuma revolta, como se tivessem deitado raízes ao solo, e que não têm forças para a luta contra os males que lhes afligem. Que aceitam o que lhes é dado. Mesmo que a luz já não lhes chegue, como no Tevegó. Continuam com a cabeça abaixada, continuam submissos. Não levantam as mãos para nada, nem para lutar, nem para pedir. Como se fossem pedras ou animais. Aceitam o que lhes é dado. Percebemos desta forma a ira do autor com este tipo de comportamento, que, como podemos interpretar, parece vir de longa data:

*"Los bultos mirándonos lejos; nosotros los veíamos a ellos medio borrados por la humazón. Un decir, ellos desde un tiempo de antes; nosotros desde el tiempo de ahora sin saber se nos veían"*⁹⁴

Nos olham desde um tempo anterior. De um tempo anterior até um tempo posterior, como que uma linha ininterrupta. Desde a conquista, talvez, com esta mesma submissão. Até a ditadura Stroessner. Até quando, parece gritar, irado o autor, vamos esperar que as coisas caíam do "céu", ou das mãos de pessoas que se jactam de serem os melhores, os que podem decidir. Até quando vamos esperar por libertadores liberticidas⁹⁵, sem nos revoltarmos?

⁹³ "el obispo del Alto Perú, en el momento en que el buque en que iba embarcado entraba en el río del Paraguay, recibió la orden de retroceder inmediatamente (...) una beata que iba para fundar una casa de ejercicios espirituales, y un capuchino español, también recibieron la orden de volverse". Rengger & Longchamp, *op. cit.*, p.32. Como se nota, somente podiam entrar pessoas com estrita permissão do ditador, mesmo que fosse 'autoridade', como o bispo.

⁹⁴ *YES*, p.25.

⁹⁵ O autor utiliza esta expressão para definir Bolívar. No entanto, ela pode ser perfeitamente aplicada aos tantos mártires que a América já possuiu, e que num segundo momento de sua luta tornam-se mais tiranos que aqueles que tentaram substituir. *YES*, p.393.

Há um outro episódio em que, de maneira um tanto mais irônica o autor critica a submissão do povo, tentando avaliar se há algo de natural nisso:

*"le he pedido que en las autopsias buscara usted en la región de la nuca algún hueso oculto en su anatomía. Quiero saber por qué mis compatriotas no pueden levantar la cabeza (...) No hay ningún hueso, me dice usted. Debe haber entonces algo peor; algún peso que les voltea la cabeza sobre el pecho"*⁹⁶

Este diálogo se dá entre o Ditador e o médico Rengger, a quem ele pede que descubra por que os paraguaios estão sempre de cabeça baixa. Se há algum osso que não lhes permite levantar a cabeça. Ao saber que não há este osso imaginário, ele conclui que deve ser algo muito mais terrível. Ora, no fato de estar com a cabeça baixa, podemos "ler" a submissão, que faz com que eles aceitem tudo. Que não se disponham a lutar, a levantar a cabeça contra aqueles que se agigantam em sua frente e os dominam, os maltratam, retiram sua liberdade.

Uma interpretação paradoxal, que congregaria as duas anteriores, é a representação do cão do ditador, Sultán. Este, aparece como um fantasma, discutindo com seu dono sobre as suas ações na ditadura. Mais, debate com ele questões de teoria da linguagem. É senso comum que o cachorro é um animal obediente, dócil, respeitoso com relação a seu dono. Bem, poderíamos entender este cão como o sentimento do que há de mais ínfimo da sociedade.

*"Casi podemos decir que comimos en el mismo plato. Mas ahora ni yo como ni tú muerdes. ¿Te has pasado al enemigo tú tambien, después de muerto? No, ex-supremo. Soy perro muy viejo para traicionar mi naturaleza perruna. Tú, el que perseguía a los pasquinistas eres el peor de ellos, atado a la servidumbre voluntaria. No lo quieres admitir porque te lo canta un ex perro, y tú no eres después de todo más que un ex hombre"*⁹⁷

⁹⁶ YES, p.133.

⁹⁷ YES, p.416.

Como podemos observar, da sua perspectiva de ser mais baixo dentro da hierarquia 'suprema', ele faz críticas agudas contra o seu dono, ou ex-dono. Embora esta imagem seja a de um cão, aquele que se pode maltratar e humilhar, e ele sempre se contentará em lambar as botinas de seu dono, ele se rebela. Ele vê o que acontece e compreende os meandros do poder. Se até um cão pode fazê-lo, por que não todo um povo?

Se o autor conclama tanto seu povo à luta, a se rebelar, é porque está sendo tiranizado. O que nos leva ao terceiro elemento da visão de história do autor, que é a ditadura. Este regime tão presente na história deste país, é claro que tem um forte sentido neste texto. Para construir a sua interpretação da ditadura francista o autor se utiliza da "letra desconhecida", para que possa apresentar as várias facetas do regime. Assim, o Ditador mostra os efeitos positivos, enquanto a "letra desconhecida" vem para contestá-lo. Alguns dos fantasmas da trama também têm esta função de discutir com ele seus feitos.

¿De qué me acusan estes anónimos papelarios? ¿De haber dado a este pueblo una Patria libre, independiente, soberana? Lo que es más importante ¿de haberle dado el sentimiento de Patria? ¿De haberla defendido desde su nacimiento contra los embates de sus enemigos de dentro y de fuera? ¿De esto me acusan?⁹⁸

Esta é basicamente a posição do Ditador com relação a seu povo e sua pátria. Ele acredita sempre tê-los defendido, acredita mesmo ter criado a nação. Por isto, não pode admitir os pasquinistas, que não param de criticá-lo, e de acusá-lo destes feitos, que ele considera como sendo positivos. Ou seja, é um lado da história apresentado. Mas, a "letra desconhecida" que interfere nos apontamentos de *El Supremo* mostra-nos esta questão desde outro ângulo.

⁹⁸ *YES*, p.37.

"Dices que no quieres asistir al desastre de tu Patria, que tú mismo le has preparado (...) Creíste que la Patria que ayudaste a nacer, que la Revolución que salió armada de tu cráneo, empezaban-acababan en ti (...) dejaste de creer en Dios, pero tampoco creíste en el pueblo con la verdadera mística de la revolución (...) te convertiste para la gente-muchedumbre en una Gran Oscuridad; en el gran Don-Amo que exige la docilidad a cambio del estomago lleno y la cabeza vacía"⁹⁹

Como podemos perceber, os comentários vão justamente no sentido oposto ao que Francia expôs acima. Ele acreditou em uma revolução, mas a traiu, assim como a seu povo. Para a "letra desconhecida", não importa que Francia fique apontando todas as coisas boas que realizou para sua pátria, porque, ele teria traído a causa da revolução. Se queria ter criado uma grande pátria, soberana, como ele afirma, não deveria ter aterrorizado ao seu povo, não deveria tê-lo isolado, não deveria ter amedrontado sua gente. Quanto ao desastre que Francia mesmo tenha preparado, é unânime na literatura a seu respeito que ele não preparou ninguém para assumir o poder. Na idéia de que este voltaria ao povo, deixou-o acéfalo. Deixou-o como uma pesada chata descendo o rio Paraguai, carregada, mas sem um capitão que pudesse guiá-la. Isto porque ele educou o povo para obedecê-lo.

O que acreditamos, no entanto, é que a grande condenação de Roa Bastos não vai tanto endereçada a Francia. A ele também, afinal, em meados da década de 1970, para um intelectual defender um ditador poderia ser um grande problema. Neste sentido, o livro termina com um clima de inferno, com Francia passeando pelas suas prisões subterrâneas, sem que sequer os presos o reconheçam, nem tampouco os vermes o queiram comer. Ele está condenado a pensar no inferno da absoluta solidão. Da solidão suprema, como diria o próprio, condenado a um esquecimento...

A grande condenação que percebemos é com relação ao poder absoluto. Não somente à ditadura como sistema de governo, mas ao

⁹⁹ *YES*, p.454.

poder que seja exercido por uma só pessoa ou instituição. Aqui estaria o problema. Nisto residiria o erro.

"Si por ahí, como quien no quiere la cosa, encuentra por azar la huella de la especie a que pertenezco, bórrala (...) Surge en todas partes. Se la arranca y vuelve a brotar. Crece. Crece. Se convierte en un árbol inmenso. El gigantesco árbol del Poder Absoluto. Alguien viene con el hacha. Lo derriba. Deja un tendal. Sobre el gran aplastamiento crece outro. No acabará esta especie maligna de la Sola-Persona hasta que la Persona-Muchedumbre suba en derecho de sí a imponer todo su derecho sobre lo torcido y venenoso de la especie humana"¹⁰⁰

Estas palavras são ditas pelo Ditador, conversando com um naturalista. Transforma então a imagem do ditador e da ditadura em elementos da natureza. Espécies de ervas daninhas que surgem por todas as partes, difíceis de serem exterminadas, que crescem e tornam-se a árvore do poder absoluto. A esperança é que somente acabará esta espécie quando o povo puder tomar consciência e assumir a sua posição. O autor certamente está se referindo às dezenas de falsos libertadores que passaram por diversos países da América Latina em todos os tempos, prometendo liberdade e libertação, mas que se converteram em tiranos, como justificativa para a defesa do país. Libertadores que como Francia ascenderam proclamando a justiça, e que se viam como a personificação da própria, mas que não eram entendidos dessa maneira por seu povo. A melhor imagem é a que o próprio romance nos dá: Francia, acariciava tanto os seus "filhinhos", que acabava por sufocá-los¹⁰¹.

Embora o autor conclame o povo a se libertar, e somente veja esperança no momento em que este assumir a sua posição, parece que o autor não tem muitas esperanças de que seu país possa se livrar da espécie maligna de poder absoluto tão cedo. Francia deixou uma marca muito forte, marca esta que será usada por muitos

¹⁰⁰ YES, p.290.

¹⁰¹ YES, p.142.

governantes que se revezarão à frente do governo. Assim, uma passagem simbólica neste sentido:

"la história no acaba el 20 de septiembre de 1840. Podría decirse que comienza"¹⁰²

Como já ressaltamos, 20 de setembro de 1840 é a data de morte do ditador José Gaspar Rodríguez de Francia. Mas a história não acaba simplesmente porque ele morre. Ela começa. A história de submissão, de torturas, de fuzilamentos, de exílios forçados, de opressão da "Sola-Persona" sobre a "Persona-Muchedumbre". Depois de Francia, há uma lista quase interminável de tiranos, tanto no Paraguai, quanto no continente. Pessoas que como diz o próprio Ditador do romance, se crêem seres providenciais de um populacho imaginário¹⁰³, mas que no fundo vivem em um mundo de medo que eles mesmo criaram, e que não corresponde de forma alguma ao país real. Medo de golpes, de traições, de perder o próprio poder.

* * * * *

Tentar sistematizar a obra de Roa Bastos revela-se como uma tarefa de grande dificuldade. Certamente, em uma tarefa deste tipo, muitos fios se perdem pelos caminhos possíveis. Assim, o que estivemos tentado apresentar é um dos possíveis caminhos para entender as sinuosidades desta magnífica interpretação da história paraguaia. O que nos leva a considerar que classificar a obra de Roa Bastos, seja como romance histórico, seja como biografia, pode reduzir seu alcance, pois cria apenas uma possibilidade de rota a ser perseguida. Ela é mais que um simples romance, é um meio de descrever e interpretar a história e a própria identidade paraguaia de forma magnânima. Identidade esta que como afirma o próprio Roa Bastos¹⁰⁴, é difícil de ser definida. Pois o Paraguai é um país atípico em relação aos outros países latino-americanos.

¹⁰² YES, p.81.

¹⁰³ YES, p.23.

¹⁰⁴ Entrevista a Silvia Oroz, em *O Estado de São Paulo*, 05/04/1997. Caderno 2.

Basta dizer que é o único onde o idioma do 'conquistado' - o guarani - permaneceu e foi assimilado pelo 'conquistador' como seu. O problema temporal também é uma constante, pois ao lado das mais avançadas inovações tecnológicas, encontramos artesanato indígena. E isto na região central da capital. Várias épocas superpostas em um mesmo local.

Assim, o autor mostra com sua obra as vicissitudes de seu povo através dos tempos. Não somente da perspectiva dos que sofrem e aceitam tudo passivamente, como podemos encontrar correntemente na literatura e historiografia, mas dos que também se revoltam e lutam. É óbvio então que esta visão de mundo do autor contamine toda a narrativa, por mais complexa que ela possa parecer. Através da perspectiva de uma alma que pode atravessar os tempos, o autor deixa claro a perspectiva temporal arrevesada, para poder reinterpretar a história paraguaia.

Construindo o Ditador como alguém, por um lado todo-poderoso, que pode criar ou re-criar a nação, Roa Bastos adentra também a questão do poder, político e da memória, este último associado à linguagem e à escrita. O Ditador é apenas um meio, uma forma que o autor encontra para penetrar neste emaranhado. A memória tem o poder de apagar quem quiser da história. Pode converter capítulos inteiros da mais importante história em notas. Pode criar capítulos... De vida, ou de *hechos imaginarios*, como diria *El Supremo*. O poder político, por outro lado, pode criar ou destruir povos. Mas poderíamos também associar o poder político àqueles que podem perpetuar a memória, através da palavra. Podendo deturpar, construir, ou destruir a memória da forma que melhor lhe aprouver. Poder de ser um deus em meio aos labirintos dos documentos e aos devaneios da mente.

Iniciamos este capítulo com as palavras de *El Supremo*, que dão este sentido geral. Poderíamos então encerrar este capítulo com as palavras do próprio:

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

"Las formas desaparecen, las palabras quedan,
para significar lo imposible"¹⁰⁵

¹⁰⁵ YES, p.15.

Capítulo dois
A historiografía paraguaya sobre
Francia

"después vendrán los que escribirán
pasquines más voluminosos. Los llamarán
Libros de Historia"

A historiografia paraguaia sobre Francia

O tema da ditadura, regime tão recorrente na América Latina, tem sido exaustivamente estudado pelas mais diferentes disciplinas, quais sejam Política, História, Sociologia. Podemos constatar no capítulo anterior que a Literatura também, como forma de expressão da realidade, tem este tema em pauta. Os literatos hispano-americanos, por estarem inseridos em uma realidade muitas vezes trágica, em um continente com um considerável índice de analfabetos, assumem um papel social de denúncia, sendo esta feita de variadas formas, desde a panfletária, até obras de arte, como as de Roa Bastos, de Alejo Carpentier, de Gabriel García Márquez, de Miguel Ángel Asturias. O interesse temático das obras destes romancistas, além de denunciar, preserva e resgata a memória da ditadura.

Se os literatos assumem este papel, de que forma se comportaria a historiografia hispano-americana? Sabemos que a história e a historiografia também têm suas histórias, e as mudanças que se sucederam ao longo de séculos responderam a cada um dos questionamentos que eram feitos a elas; da metodologia à teoria, da temática aos objetivos. O historiador, tanto quanto o literato, é produto de seu tempo. Certamente é de se esperar que cada um aspire a representar o mundo social da maneira que lhe pareça melhor. Sabemos que os discursos não são de forma alguma totalmente imparciais e podem ser determinados, entre outros, por opção política e romântica. Por outro lado, em se tratando de história, poucos profissionais seriam capazes de tomar o romance de Augusto Roa Bastos como indicação bibliográfica no que tange à história do Paraguai ou à de Francia. As referências seguramente recairiam sobre os historiadores.

O que a historiografia paraguaia apresentou sobre Francia e sua época, que memória foi construída e em que período isto foi realizado é o que analisaremos neste capítulo, através de uma seleção de textos que tratam especificamente do período. De que

forma estes historiadores se posicionaram frente à sua profissão e como interpretaram a realidade de seu país são as questões latentes nas páginas que se seguem.

Para não tornar exaustiva a apresentação da historiografia paraguaia, selecionamos para a construção deste capítulo autores que se situem em grupos opostos de opiniões acerca do ditador. Há que se ressaltar que esta é uma característica marcante destas obras. Além disto, estes autores selecionados acabam sendo quase sempre interlocutores de obras posteriores, e também do romance de Roa Bastos. São os representantes da história oficial.¹

¹ As obras selecionadas são Cecilio Báez. *Ensayo sobre el doctor Francia y la dictadura en Sudamérica*. Asunción: Cromos/Mediterráneo, 1985. 2ª ed; Justo Pastor Benítez. *La vida solitaria del Doctor José Gaspar de Francia, dictador del Paraguay*. Buenos Aires: El Ateneo, 1937; Prudencio de la C. Mendoza. *El doctor Francia en el virreynato del Plata, antecedentes universitarios y políticos del dictador del Paraguay*. Buenos Aires: Talleres Graf. de Porter Mos, 1936; Julio César Chaves. *El Supremo dictador*: biografía de José Gaspar de Francia. Buenos Aires: Editorial Ayacucho, 1946; Guillermo Cabanellas. *El dictador del Paraguay Dr. Francia*. Buenos Aires: Editorial Claridad, 1946. Utilizaremos, para melhor definir os grupos, as expressões detratores e partidários. Dentre os primeiros encontram-se principalmente Chaves e Cabanellas, entre os segundos, Báez, Mendoza e Benítez.

I. O fascínio por Francia e o revisionismo histórico

Francia e o seu Paraguai exercem uma irresistível atração a quem se atreva a estudar um pouco a história da América Latina do século XIX. Avaliando a memória construída sobre o ditador, incluindo aqui desde estudos psiquiátricos até viajantes, desde memorialistas até historiadores, percebemos que sua figura e suas ações despertaram grande interesse. Apresentam-se muitas questões, sendo que uma das mais contundentes certamente é como um pequeno país pôde organizar de maneira tão coesa e forte sua nação em meados do século XIX? Daí parte-se para o seu corolário, quem teria sido o responsável por isto? Uma elite? O povo? Um homem? Descoberto que se trata de um único homem, que de alguma forma esteve à frente dos acontecimentos, fica a pergunta, que tipo de governante era este?

As colônias européias, excetuando-se o Brasil, optaram por tornar-se repúblicas, não sem antes despedaçarem-se em sangrentas batalhas. Uma delas se destaca, e no caso é o nosso referido Paraguai, onde não houve grandes guerras², e um homem assumiu o poder, através de um Congresso, e o manteve por quase três décadas. Não sem conflitos, há que se ressaltar. Mas estes conflitos³, em relação aos de seus vizinhos, pode-se dizer que foram naturais embates por alguns objetivos: poder, liberdade, talvez até pudessemos dizer resistência. Não bastasse esta figura cuja melhor qualificação seria a de enigmática, pelos seus atos a frente do governo e pela sua vida pessoal, este homem figura como

² Há que se destacar que em 1811, a Junta de Buenos Aires, entendendo que o Paraguai tinha propósitos separatistas, decidiu submetê-lo, enviando para isto um exército invasor, comandado por Manuel Belgrano. O Paraguai resistiu, e, nas batalhas em Paraguarí e Tacuary, Belgrano se viu obrigado a capitular e desocupar o Paraguai. Apud: Alfred Demersay. *El doctor Francia, dictador del Paraguay*. In: *El Doctor Francia*. Asunción: El Lector, 1996. p.187.

³ Apenas uma conspiração ocorreu, no ano 1820, cruelmente sufocada por Francia. Apud: Johan Renger. *Ensayo Histórico sobre la Revolución del Paraguay y el governo dictatorial del Doctor Francia*. In: *El Doctor Francia*. Asunción: El Lector, 1996. Parte 1ª, capítulos VIII e X.

o primeiro líder do país independente. Querendo ou não, não deixa de ser uma referência para governos posteriores.

Esta singularidade de Francia fez com que seu isolado país exercesse fascínio até para grandes escritores da época, que, como Carlyle, dedicaram-lhe um local dentre a sua galeria de heróis. Até psiquiatras⁴ estudaram-no, para poder entender o que havia naquela personalidade, para uns doentia, para outros magnânima. Aqui, poderíamos lembrar de Carlos Fuentes, ressaltando o quanto os personagens da história latino-americana, especialmente os ditadores, se prestam à utilização ficcional⁵. Seguindo seu raciocínio, Roa Bastos não poderia ter criado alguém mais singular que Francia.

O ditador paraguaio exerceria este fascínio então, por ter sido o primeiro governo da república? Seguramente esta é uma das explicações plausíveis. O tema da busca das origens de um país tem estado em pauta desde há muito tempo. Historiadores, romancistas e outros profissionais lançaram-se nesta busca, construindo obras primas que forneceram as mais variadas respostas. No caso do Paraguai esta busca de origens certamente tem relações com o fantasma da ditadura, que tantas vezes se concretizou naquele país, numa busca desesperada de respostas para essa situação. Sabemos que desde sua independência, esse país teve pouquíssimos momentos de calma política. Desde a época de Francia convive com ditaduras, sempre bastante largas. (Francia, 1811-1840, Carlos López, 1844-1862, Stroessner, 1954-1989).

Os historiadores paraguaios que trataram sobre Francia situam-se principalmente no período anterior à década de 1950. Houve um número muito grande de publicações neste período, certamente ligado ao movimento revisionista, de que trataremos adiante. Sendo assim, estes historiadores são os representantes do que poderíamos chamar de história oficial. Há que se ressaltar que

⁴ José Maria Ramos Mejia, com a obra *Las Neurosis de los Hombres Célebres en la Historia Argentina*, escrita entre os anos de 1876 e 1878.

⁵ Carlos Fuentes. *Valiente mundo nuevo: épica, utopía y mito en la novela hispanoamericana*. México: Fondo de cultura Económica, 1992. 1ª reimpressão. 1ª ed. em 1990.

a maioria deles teve destacada atuação na vida pública, tendo sido deputados, embaixadores, ministros e até presidentes. Isto não é nenhuma novidade em se tratando de América Latina. Dentro de um contexto de considerável índice de analfabetismo, os intelectuais seriam, em tese, as pessoas mais capacitadas para ditar rumos à nação.

Estes historiadores fazem então parte do grupo de intelectuais responsáveis por desenhar os temas que se apresentam relativos à história paraguaia, que contribuíram para a formação das idéias sobre a nacionalidade, que fizeram biografias dos considerados heróis nacionais, que buscaram documentação para validar suas fronteiras, enfim, que buscaram soluções para seu país. Foram eles que lutaram pela organização de arquivos e pela busca de documentos que haviam se perdido por causa da guerra da Tríplice Aliança⁶, e ainda, que escreveram compêndios para serem utilizados nas escolas⁷. Dessa forma, tiveram destacada influência na formação de gerações e gerações de paraguaios, seja através de seus textos, seja na elaboração de políticas públicas.

Assim como os literatos na década de 1960 e 1970 que se atribuíam um papel de luta com sua arma que era a escrita, estes historiadores, de alguma forma também se sentiam impelidos a produzir a história de seu país. Dentro de um contexto no qual pode-se imaginar grande parte da população alheia, ou marginalizada pelos poderes políticos, estes intelectuais deveriam construir e fixar a memória nacional.

Não há como negar que um dos fatos que marcará duramente a vida e a história paraguaias durante o século XIX, e cujas conseqüências perdurarão por muitos anos é a Guerra da Tríplice

⁶ Durante a guerra da Tríplice Aliança, quando Solano López mudou a capital paraguaia de Asunción para Luque e posteriormente para Piribebuy, levou consigo os documentos do *Archivo Nacional de Asunción*. Quando foi morto, em 1869, estes documentos foram capturados como despojos de guerra e trazidos para o Brasil pelo Visconde do Rio Branco. Na década de 1940 parte deles foi devolvida ao Paraguai, mas a correspondência do ditador Francia ainda se encontra sob a guarda do governo brasileiro. Apud: José Antonio Vázquez. *El Doctor Francia visto y oído por sus contemporáneos*. Buenos Aires: EUDEBA, 1975.

Aliança. Ocorrida entre os anos de 1865-1870, um grande número da população pereceu nos campos de batalha. Mas não somente isto, a perda da guerra impôs ao Paraguai tratados naturalmente desvantajosos, além de favorecer a ascensão ao poder de inimigos de López. Os exilados dos governos anteriores, entre eles os legionários, entraram novamente no país protegidos pelas baionetas da Tríplice Aliança. Após a guerra, a instabilidade política foi uma constante e podemos mesmo aventar a hipótese de que somente foi encontrada novamente, seja por quais meios, na ditadura Stroessner, na década de 1950.

Sendo assim, o período em que estes autores escreveram era de considerável instabilidade. Mas, vejamos mais detalhadamente o contexto em que cada um produziu. Cecilio Báez publicou pela primeira vez sua obra sobre Francia e sobre a ditadura na América Latina em 1910, e pode-se dizer que o Paraguai vivia ainda sob efeito das conseqüências políticas da guerra. A década de 1910 estava terminando, sem muitas esperanças de calmaria e desde o final do conflito, o país vivia imerso em disputas pelo poder. Vale lembrar que depois de terminada a guerra, ele teve em seus governos elementos dos outros países que participaram da Aliança. Além disto, a constituição de 1870 concedia vários privilégios a estrangeiros, como isenção de impostos. O país se abriu ao capital estrangeiro, e muitos bens nacionais foram vendidos para cobrir as dívidas de guerra. Ou seja, o Paraguai passou a conhecer elementos que os seus vizinhos já há muito conheciam⁷. Era um verdadeiro caos político. Basta dizer que somente na década de 1910, oito presidentes estiveram no cargo, sendo todos alçados ao poder e depostos através de golpes.

Báez foi um destes presidentes, tendo estado no cargo no ano de 1905. Nasceu no último ano do governo de Carlos López (1862), e em sua infância, deve ter presenciado os esforços paraguaios com relação à Guerra e à reconstrução do país, bem como

⁷ Principalmente Julio César Chaves e Justo Pastor Benítez.

⁸ Omar Díaz de Arce. El Paraguay contemporáneo. In: *América Latina: Historia de Medio Siglo*. México: Siglo XXI, 1979. pp.332-333.

sentido o impacto que ela teve no desenvolvimento posterior do Paraguai. Aquele país isolado, mas auto-suficiente que Francia idealizara já não existia há muito, e o que restou daqueles tempos, tinha acabado de se esfacelar com a guerra. O rompimento entre aquele passado de privações de Francia e de sonhos megalomaniacos de López se dera com o conflito platino, e as sobras teriam que ser unidas para "virar" de novo uma nação. O que restava seria construir um país, certamente diferente daquele existente antes, dado que quem mandava agora não eram mais aqueles de nacionalismo exacerbado, mas sim, os que eram contrários aos ditadores anteriores, que tinham sido uns expulsos por Francia, outros pela guerra⁹.

Os outros autores que veremos em seguida publicaram no período de 1936 a 1946. De 1935 até 1942, quatro presidentes passaram pelo governo, sendo que dois, o general Franco (1936), e o Dr. Paiva subiram ao poder através de golpes militares. Nova constituição era dada ao país em 1940, substituindo a de 1870, e, neste mesmo ano, o general Estigarribia que havia subido à presidência através de eleição, tem concentrados os poderes em suas mãos, através de uma "auto-dissolução" do Congresso. Morto Estigarribia em acidente aéreo, assume a presidência Higinio Morínigo, cujo governo culminará com o sangrento conflito de 1947, quando muitos paraguaios são exilados, voluntariamente ou não¹⁰. Havia pouco que terminara a guerra do Chaco (1932-1935), o famoso conflito com a Bolívia tendo como "pano de fundo" interesses internacionais. A história do país que fora uma vez independente e cujo curso fora cortado com a guerra da Tríplice Aliança, volta à tona. Vitorioso neste conflito, o exército assume o poder. Surge

⁹ Para o historiador José Antonio Vázquez, partidário de Francia, esta seria uma das finalidades da agressão armada, de substituir o afeto e respeito pelo ditador Francia de seus contemporâneos por outros sentimentos, de ódio, aversão e repugnância. Vázquez, *op.cit.*, p.03.

¹⁰ Cerca de 1/3 da população saiu do país, devido a perseguições dos colorados. *Apud*: Paul H. Lewis. *Paraguay bajo Stroessner*. México: Fondo de Cultura Económica, 1986.

então o movimento *febrerista*, com oficiais nacionalistas tentando levar a cabo um projeto de modernização do país¹¹.

Neste contexto surge o chamado revisionismo histórico, oficializado pela ascensão do exército ao poder, que consistia no resgate de figuras nacionais de destaque, dos heróis paraguaios. Para Guido Rodríguez-Alcalá, o revisionismo histórico latino-americano entendeu Francia como um exemplo, ou uma bandeira na luta contra o imperialismo britânico, e desta forma pôde ser sustentado, ora por partidários da esquerda, ora da direita. Para este autor isto se deu porque a história da guerra da Tríplice Aliança fora feita de forma desfavorável a López. Mais que isto, alguns de seus subordinados, querendo se eximir de responsabilidades, atribuíram a "culpa" do conflito ao terceiro ditador¹². Décadas após, aqueles que não tinham participado da contenda começaram a reivindicar a figura dos ditadores do século XIX, alegando que a história havia sido escrita pelos vencedores, e por isso apresentava uma imagem negativa daqueles governantes. Um monumento representativo deste revisionismo foi erigido no centro da capital paraguaia, nesta época, o *Panteón Nacional de los heróes*, onde, ao lado de *Nuestra Señora de la Asunción*, com uma faixa tricolor no peito em alusão à bandeira nacional, encontram-se monumentos aos "heróis" paraguaios.

Um dos pontífices do revisionismo, nas palavras de Francisco Doratioto, foi Juan O'Leary. Sua família sofreu perseguições durante a guerra da Tríplice Aliança, o que o levou, no início de sua carreira, a denunciar as crueldades de López. No entanto, logo em seguida, transformou o ditador de vilão em vítima, por questões de interesse financeiro.

"O'Leary persistiu em sua militância lopista, o que lhe proporcionou, até sua morte, em 1969 as

¹¹ Omar Díaz de Arce, *op. cit.*, p.348.

¹² Deve-se levar em consideração que isto certamente era de interesse dos governos brasileiro e argentino, destruir, ou tornar completamente negativas as figuras dos ditadores do passado, para que ficasse bem claro que aquele período fora ruim para o país, ou seja, que a guerra havia sido necessária para livrar o país da tirania.

benesses dos governos paraguaios ditatoriais, para os quais o culto à tirania em que se transformou o nacionalismo lopista, constituía fator de legitimação histórica"¹³

Este culto à tirania certamente inclui Francia, o "pai" da pátria. O caso de O'Leary é sintomático também se pensarmos no poder da pena de um escritor. Para a legitimação de governos posteriores e por interesse financeiro, o autor se propôs a recuperar a memória de López, defendendo-o contra qualquer investida. Se até 1969 O'Leary pode receber benefícios pelo resgate da memória de López, que interessava sobremaneira aos governos existentes, outros profissionais podem ter sido beneficiados da mesma forma. Com ajuda financeira para pesquisas, cargos na administração, vantagens políticas, são muitas as possibilidades. Estamos falando de um país no qual o exército acabou de ascender ao poder, e que perdurará por muito tempo (até hoje?) neste posto. Além disso, o general Franco, que se tornou presidente em 1936, era considerado um simpatizante do fascismo, bem como do Estado Novo de Vargas¹⁴. Por que então não resgatar um ditador como Francia, que centralizou totalmente a administração, e mandava da forma que queria? Le Goff pode nos ajudar a entender esta recuperação da memória bem como os interesses nela envolvidos:

"a memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornar-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores"¹⁵

¹³ Francisco Doratioto. "A construção de um mito". In: *Folha de São Paulo*, 09/11/1997. Caderno Mais! (grifo nosso).

¹⁴ Guido Rodriguez Alcalá. "Fascismo e Revisionismo". In: *Folha de São Paulo*, 09/11/1997. Caderno Mais!

¹⁵ Jacques Le Goff. "Memória". In: *Enciclopédia Einaudi*. Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984, p.13.

Esta memória coletiva, pode-se dizer que funcionava como que uma moeda, ou um elemento de troca dentro deste jogo dos grupos que ansiavam pelo domínio da situação. Era necessário que se encontrasse no passado elementos que os justificassem, que dessem legitimidade. Daqui, a necessidade de instrumentalizar o governo de Francia e dizer que ele foi um grande ditador, a necessidade de construir López como uma vítima da guerra, de mostrar o Paraguai como o pequenino esmagado pelos gigantes. E de silenciar todo e qualquer tipo de arbitrariedade realizado no passado por estes ditadores. A guerra podia então, por um lado, desculpar a instabilidade do país, mas por outro mostrar o quão valoroso era o povo, que se atirava atrás das grandes causas da pátria, em nome de ideais. Mostrar o quanto o exército havia lutado pelo país. Seria uma sugestão de que o povo poderia, ou deveria obedecê-lo, agora que ele detinha o poder¹⁶.

De qualquer forma, se O'Leary foi o pontífice, muitos atribuem a "paternidade" do revisionismo histórico a Cecilio Báez, pois em 1888 escreveu um artigo sobre Francia intitulado "*El Dictador Francia: fundador de la nacionalidad paraguaya*". Se aqueles que entraram com as baionetas da Tríplice Aliança pelas ruas de Asunción iniciaram campanha contrária aos López e por conseguinte a Francia, Báez, tal como alude o título de seu artigo, reclama para *El Supremo* a própria criação da nacionalidade guarani. Constrói o ditador do século XIX como "*el personaje más célebre de la historia patria, el tirano más original que se haya conocido en el continente colombiano*"¹⁷. Para ele, "*en una palabra, Francia poseía la inspiración, la clarividencia de las cosas y todas las dotes del genio, unidas la temple de los hombres llamados a cumplir una misión providencial sobre la tierra*"¹⁸. Ou seja, seria o homem ideal para ser recuperado e alçado como um herói.

¹⁶ Voltaremos à questão da memória no terceiro capítulo.

¹⁷ Cecilio Báez. "El dictador Francia; fundador de la nacionalidad paraguaya". In: Cecilio Báez, *op. cit.*, p.291-302.

¹⁸ *Ibidem*, p.302.

Pode-se aventar a hipótese, então, de que boa parte dos escritores desta primeira metade do século XX esteve de alguma forma contaminada pelo revisionismo, ou seja, o contexto favorecia o resgate da figura de Francia e de seu governo. Todavia, isto não significa que neste período também não existissem historiadores que se posicionassem de forma contrária, ou seja, que desqualificassem Francia e seu governo. Assim, muitos o recuperaram para justificar governos ditatoriais, outros para criar um herói para a memória nacional, outros ainda para responsabilizá-lo pelos problemas do país. Julio César Chaves sintetiza este dilema de forma bem clara:

*"si para unos es el constructor del Paraguay independiente, para otros es un despota sombrío, hijo del infierno, responsable por los males que hasta hoy laceran el alma y la carne de la nacionalidad guaraní"*¹⁹

Percebe-se a divisão de opiniões sobre o ditador de forma intensa. Para aqueles que se debruçaram a escrever sobre o ditador não houve "meias medidas". Apaixonadamente os autores defenderam suas posições, condenando peremptoriamente Francia ao inferno, ou elevando-o aos céus, qual se fosse um herói. E é nesta história, oficial, que recaem as buscas para o conhecimento do Paraguai da época.

Como ressaltamos, as fontes para o período são relativamente escassas, o que nos leva a concluir, mesmo antes da análise destas obras, que elas foram compostas baseadas nas mesmas fontes primárias. Após o estudo verificamos que isto se confirma, e sendo assim, todos os historiadores passaram pelos viajantes Rengger e Longchamp, pelos irmãos Robertson, pelas memórias de Mariano Antonio Molas e de Ramón Gil Navarro; utilizaram-se de obras do século XIX, como a de Carlyle, a de Ramos Mejia²⁰, de

¹⁹ Chaves, *op. cit.*, p.15.

²⁰ José Maria Ramos Mejia. *Las Neurosis de los Hombres Célebres en la Historia Argentina*. Buenos Aires: Ed. Científica y Literaria Argentina, 1927. Ramos Mejia, médico, político e literato argentino, dedicou um dos capítulos de sua obra, escrita entre os anos de 1876 e 1878, à

Demersay²¹, e outros. Todos consultaram também a documentação oficial. Obviamente, o destaque dado a esta ou àquela documentação apresenta variações, e descontado o talento para o ofício, mais de uns, menos de outros, percebemos que estas obras envolvem um objetivo *a priori*, que é alçar a figura de Francia, mostrando-o como o fundador da pátria, o próprio criador da nacionalidade guarani, ou então o responsável por males que perdurariam até a época da escrita das obras. Esta dicotomia da historiografia paraguaia poderia ser melhor representada como aqueles que querem mostrar Francia com ares divinais, ou aqueles que querem condená-lo ao eterno fogo do inferno, já que de lá ele seria proveniente.

Seria interessante relembrarmos por um momento do romance de Roa Bastos, no qual na *Nota final del Compilador*, nos é dito que o que acabamos de ler se trata de uma compilação de documentos, sem adição de uma idéia ou palavra sequer que não tenha sido já escrita ou composta por outros²². O romancista certamente está ironizando esta marcante característica da bibliografia francista, qual seja, a sua dualidade. A sensação que se tem ao analisar a historiografia paraguaia deste período é a de que estamos lendo sempre as mesmas obras, ou novas compilações, algumas com mais detalhes, outras com menos. Parece que, de alguma forma, já sabemos qual será a conclusão, basta que saibamos de que "lado" se encontra o historiador, se defende Francia ou o condena por seus atos.

personalidade de Francia. Para o autor o ditador seria um misantropo, de caráter extremamente melancólico, vingativo e inexorável em suas decisões. Por uma suposta doença mental, quando se via atacado por seus sintomas, agia de maneira cruel para aliviar sua dores. Por ser um relato dito científico, onde o autor descreve o caráter de Francia à luz de teorias psiquiátricas, podemos observar sua influência nas obras posteriores sobre o ditador, nas quais se destaca a pergunta sobre sua suposta personalidade doentia. Um de seus juízos sobre o ditador: "*sus secuaces mismo no escapaban a sus escesos cuando los vapores de la melancolía, llena de impulsos y de impacencias, le embargaban los sentidos. La más leve falta, la más vaga sospecha de una tentativa sobre su persona, lo arrojaban mil ansias y transpotres peligrosísimos.*" p.66.

²¹ Alfred Demersay, estudioso francês que chegou ao Paraguai em 1845, tendo publicado sua obra, *El Doctor Francia, dictador del Paraguay*, em 1856 em Paris.

²² Esta citação encontra-se na página 50 do primeiro capítulo.

Tornar-se-ia extremamente enfadonha a leitura se realizássemos a exposição detalhada de cada um destes autores, pelas características que expusemos acima. Por vezes, estas obras apresentam opiniões idênticas sobre dado fato da história paraguaia. Dessa forma, optamos por estabelecer a posição dos grupos, destacando a opinião daqueles que sintetizem de forma mais clara e objetiva a questão. As opiniões dos outros estarão, dessa forma, diluídas no texto. Não deixaremos de ressaltar também as posições que possam ser peculiares com relação ao grupo²³.

²³ Para a realização desta pesquisa, inicialmente nos debruçamos sobre tudo o que encontramos acerca do ditador Francia. Após a análise de todas estas representações, o curso de nosso projeto acabou nos encaminhando para a análise da historiografia francista, e mais especificamente, de historiadores que tivessem sido amplamente utilizados por Roa Bastos e seus contrapontos. No entanto, é rica a gama de profissionais que se envolveram e se dedicaram a estudar o ditador. De qualquer forma, assim como a historiografia, estas representações caracterizam-se pela dicotomia, pois aqueles que desejam defender Francia o fazem de forma ardorosa, os que querem destacar seus pontos negativos o fazem também apaixonadamente. Com relação ao século XIX, como já ressaltamos, as fontes apresentam uma visão bastante negativa, construindo o Paraguai de Francia como o "reino do terror". Os principais responsáveis por esta imagem são os viajantes Johan Rengger e Marcelin Longchamp, e os irmãos Robertson. Os primeiros, médicos suíços, escreveram a obra *Ensayo Histórico sobre la Revolución del Paraguay y el gobierno dictatorial del Doctor Francia*, publicada pela primeira vez em 1827, em Paris; os segundos, comerciantes britânicos, escreveram *Letters on Paraguay* (1838) e *Francia's Reign of Terror* (1839), publicados em Londres (encontram-se sob o título *La Argentina en la época de la revolución*). Outros relatos de época também bastante negativos são as memórias de Mariano Antonio Molas, *Descripcion Historica de la antigua provincia del Paraguay*, escritas entre 1838 e 1839, e publicadas pela primeira vez em 1868 e as compiladas por Ramón Gil Navarro, *Veinte años en un calabozo: o sea, la desgraciada historia de veinte y tantos argentinos muertos o envejecidos en los calabozos del Paraguay*, de 1863. Thomas Carlyle publicou em 1843 *El Doctor Francia*, que apesar de ser baseada nos Robertson e em Rengger apresenta o ditador, como afirma o título, como um herói. Do século XIX é certamente a única obra que defende Francia. Prosseguindo, há a obra de Juan Andrés Gelly, diplomata de Carlos López, que publicou em 1849 no Rio de Janeiro, *El Paraguay, lo que fué, lo que es y lo que será*; Alfred Demersay, um estudioso francês que chegou ao Paraguai em 1845, tendo publicado sua obra, *El Doctor Francia, dictador del Paraguay*, em 1856 em Paris; Ramos Mejia, um médico, político e literato argentino, dedicou um dos capítulos de sua obra *Las Neurosis de los Hombres Célebres en la Historia Argentina*, escrita entre os anos de 1876 e 1878, à personalidade de Francia. À exceção de Carlyle, todas apresentam um quadro bastante negativo da ditadura. Com relação ao século XX, além das obras que selecionamos, há muitas outras. Entre seus detratores, Benjamin Vargas-Peña, com *El Perfil del Tirano*, Guido Rodríguez-Alcalá, com *Justicia Penal de Francia*, publicado em 1997 em Asunción; entre seus partidários

Tendo contextualizado anteriormente o período em que escreveram estes autores, caberia agora alguns detalhes sobre as obras e sobre os próprios historiadores. A obra de Cecilio Báez, *Ensayo sobre el doctor Francia y la dictadura en Sudamérica* (1910) somente após 75 anos de sua primeira edição é que teve uma segunda. No entanto, é referência para quase todos os historiadores que escreveram sobre Francia, e como já ressaltamos, situa-se entre os que reivindicam a figura de Francia como o fundador da pátria. O autor foi presidente do Paraguai em 1905, reitor da *Universidad Nacional de Asunción*, ministro de educação e cultura.

Prudencio de la C. Mendoza, com *El doctor Francia en el virreynato del Plata, antecedentes universitarios y politicos del dictador del Paraguay* (1936) era filiado a academias de história (Buenos Aires e Montevideú). Suas outras obras têm como tema Solano López, José Ingenieros e também o militarismo no Paraguai. Seu texto sobre Francia é o mais belo exemplo de compilação, tal como sugere Roa Bastos. O autor cita até fontes, como atas e memórias através de outros historiadores. Sua obra é quase um panegírico a Francia, que para o autor foi o fundador da república²⁴.

La vida solitaria del Doctor José Gaspar de Francia, dictador del Paraguay, de Justo Pastor Benítez teve apenas uma edição, em 1936. Este autor, defensor de Francia, parece ter escrito sua obra com o objetivo único de contestar a todos que tivessem construído juízos negativos sobre o ditador, como veremos. Suas outras obras giram em torno da formação do povo paraguaio.

A obra de Julio César Chaves sobre Francia representa um grande esforço para superar a dicotomia presente na literatura

encontramos até Rui Barbosa que dedicou-lhe um ensaio, na obra *Francia e Rosas*; Raul de Andrada e Silva, com *Ensaio sobre a ditadura do Paraguai, 1814 - 1840*, publicado em 1878 em São Paulo. Além destas obras mais específicas, quase todas as obras que se referem à guerra da Tríplice Aliança acabam por se remeter ao ditador, bem como outros estudos sobre o Paraguai contemporâneo.

sobre o ditador, tentando não cair na corrente francista ou anti-francista. *El Supremo Dictador* teve três edições até 1958, sendo a 1ª edição em 1942, a 2ª edição em 1946 e a 3ª edição em 1958, o que nos leva a crer que teve boa aceitação. Mesmo enquadrando-se dentro do período revisionista, sua imagem de Francia é bastante diferente daquela construída por seus antecessores. Tem um estilo bastante comedido, e toda sua obra é exaustivamente documentada.

El dictador del Paraguay Dr. Francia, de Guillermo Cabanellas, tal qual a obra de Chaves, é muito bem documentada. No entanto, parece ser a única biografia feita pelo autor. As outras obras tratam de militarismo, revoluções, e direito.

Observemos então, primeiramente, o significado do escrever história para estes autores.

²⁴ Mendoza, *op. cit.*, p.22.

II. A "importância" do indivíduo no movimento da história

Um traço comum que podemos observar nestes autores é a importância dada ao indivíduo, e mais, àquele que foi líder ou que teve destacada atuação em seu momento histórico. Uma das possíveis explicações para o fato seguramente reside na abordagem da história vista da perspectiva dos heróis, sejam estes os vencedores ou os "vencidos gloriosos"²⁵. Estes homens, cuja inspiração seria divina, através de suas ações e decisões seriam os responsáveis pelo movimento da história, e o conhecimento da história universal passaria pelo conhecimento da vida deles. Esta interpretação foi elaborada por Carlyle, que desenvolveu esta tese em conferências proferidas em meados do século XIX, depois reunidas em livro, em 1841²⁶. Assim:

"conforme eu a considero, a história universal, a história de aquilo que o homem tem realizado neste mundo, é no fundo a história dos grandes homens que aqui têm laborado. Eles foram os condutores de homens, estes grandes homens, os modeladores, padrões e, em sentido amplo, criadores de tudo que a massa geral dos homens imaginou fazer ou atingir; todas as coisas que nós vemos efetuadas no mundo são propriamente o resultado material externo, a realização prática e a incorporação dos pensamentos que habitam nos grandes homens mandados ao mundo: a alma de toda a história universal, pode justamente considerar-se, seria a história destes"²⁷

Embora tenha sido elaborada em meados do século XIX, no estudo da historiografia paraguaia, esta tese é perfeitamente

²⁵ Chaves, *op. cit.*, p.18.

²⁶ Thomas Carlyle. *Os heróis*. São Paulo: Melhoramentos, 1963. 2ª ed. Trad. Antônio Ruas. O autor realiza uma classificação destacando os grandes nomes da história mundial. Assim, temos o herói como divindade (Odin); como profeta (Maomé); como poeta (Dante e Shakespeare); como sacerdote (Lutero, Knox); como homem de letras (Johnson, Rousseau); como rei (Cromwell, Napoleão). Poderíamos enquadrar França na parte dos reis, na qual o autor discute também o que ele chama de revolucionarismo moderno.

aplicável. Em todos os historiadores é patente a idéia do "criador", ou do "condutor de homens". Como veremos, os intelectuais de alguma forma acabam por desenhar o todo da população de seu país como uma massa indefinida, que necessitaria deste mencionado condutor, que no caso paraguaio poderia ser Francia. A busca destes autores caminha sempre no sentido de desvendar a vida do líder, do ditador, do homem que foi o ditador, aquele que por sua vontade manipulou os acontecimentos, manobrou tudo à sua volta para que os fatos se dessem de acordo com seu desejo. Ou seja, ele teria controlado o próprio devir histórico.

Embora Carlyle não apresente dados sobre a forma com que estes heróis seriam escolhidos, se por inspiração divina ou qualquer outra maneira, a escolha de Francia pelos historiadores paraguaios certamente reside no fato de ter sido ele o primeiro governante do Paraguai livre, o "fundador" da nação.

Carlyle, além disto, abre espaço para esta interpretação, publicando obra específica sobre Francia²⁸. No sombrio panorama da América do Sul, onde elementos primitivos se digladiavam, ele enxergou apenas um homem digno de figurar entre os grandes de seu tempo. Estes historiadores têm, então, respaldo de um famoso historiador europeu para a escolha de Francia para seus respectivos estudos e sabemos o quanto este respaldo de idéias européias tem sido essencial para o desenvolvimento de nossos pensadores. Por mais que se tente avançar, as formulações exibidas

²⁷ Carlyle, *op. cit.*, p.09.

²⁸ A obra de Thomas Carlyle, *El Doctor Francia*, foi escrita em 1843 baseada nos viajantes que passaram pelo Paraguai, especialmente nos irmãos Robertson e nos suíços Rengger e Longchamp. Tendo como fontes estes dois relatos bastante negativos sobre Francia, o autor traça um retrato muito favorável do ditador paraguaio, entendendo-o como essencial para o país no período em questão, e mais que isto, dentro da própria América do Sul, que, para Carlyle, se afigura como algo obscuro, com libertadores de idéias confusas. Francia teria logrado êxito no Paraguai, tendo sido descrito pelo historiador como uma benção para o país. Algumas definições dele sobre Francia falam por si: "*podríamos definirlo como el inimigo nato de los charlatanes, que por naturaleza tenia odio profundo a la mentira en los hombres o en las cosas, donde quiera que tropezara con ella*"; "*no es acaso una bendición para el Paraguay, el que, en tan tristes circunstancias se apodere de él el unico hombre de verdad que en*

por estrangeiros acabam por difundir-se em nosso continente. Daí que nossa história acabe sempre sendo vista, pelo menos até a época em que estes autores escreveram, desde uma perspectiva de fora. Roberto Fernández Retamar já nos alertava para este fato, de que, desde há muito tempo o pensamento na América Latina sempre esteve atrelado a este problema da dependência²⁹. Vejamos então a formulação específica dos autores.

Cecilio Báez e Justo Pastor Benítez fazem parte do grupo de historiadores que considera Francia o fundador da pátria. Dentro desta perspectiva, realizam considerável esforço no sentido de construir o ditador não somente como um líder, mas como um herói perfeito e sem máculas. Embora suas obras tenham um espaço de quase 30 anos, ambas vão ao encontro da tese de que todos os povos necessitariam de um herói para guiar seus destinos, de um tipo que, sendo superior aos demais, lhe caberiam as decisões para o geral da população. Assim, tal qual o exposto por Carlyle, as

el existe?". Thomas Carlyle. *El Doctor Francia*. Buenos Aires: Anales de la Facultad de Derecho y Ciencias, 1908. p.113.

²⁹ Retamar, para tentar delimitar o âmbito histórico latino-americano propõe que devemos confrontar sua realidade com ela própria, desde uma perspectiva ocidental, que para ele possui definição mais clara. Para o autor, a América foi o primeiro território a ser ocidentalizado metodicamente, e, para Ocidente, ele utiliza a definição de Leopoldo Zea, que seriam os países da Europa e América que teriam realizado os ideais materiais e culturais da modernidade. Retamar propõe então um caminho a ser seguido para este confronto, que seriam os momentos da história latino-americana que, para ele, ofereceram uma possibilidade real de ruptura com a história dita ocidental. O primeiro momento, parece ter sido o das guerras de independência, onde os pensadores latino-americanos se preocuparam com a relação de nossa América com o mundo, pois os países estavam tentando se organizar como nações. Parece que o traço da especificidade latino-americana está presente em todas as questões. Só que, na etapa de organização, que seria final do século XIX, estão aqueles que põe o racismo como uma das grandes causas de não nos tornarmos de fatos ocidentais. Ocidentalizar parece ser trazer europeus, imitá-los, e desprezar os índios e os negros. Civilização, tudo que é europeu, barbárie, as realidades latino-americanas. Para alguns, pensar a América, seria transformá-la em uma sucursal européia. A conclusão de Retamar é que a América caminharia para uma nova independência, baseando-se na revolução cubana, independência esta que nos liberaria de vez deste traço tão marcante de nossa história que seria a dependência metrópole-colônia. O traço marcante deste texto é crítica à dependência de nosso pensamento. Roberto Fernández Retamar. "Nuestra América y el Occidente". In: Leopoldo Zea. *Fuentes de la Cultura Latinoamericana*. México: Fondo de Cultura Económica, 1995. v. 1. pp.155-184.

explicações para a história deveriam ser buscadas perscrutando-se as almas dos grandes homens, já que eles sim teriam tecido a complicada trama histórica.³⁰

"Mas, como la inteligencia escrutadora es patrimonio de los genios, há nacido aquí la teoría de los hombres providenciales, conductores del carro de la humanidad(...) quiere esto decir que las ideas directoras antes se forjan, como el rayo, en las alturas del pensamiento, para descender luego a los llanos de la conciencia popular, donde tienen que fulgurar como verdades y actuar como móviles de la voluntad"³¹

A afirmação acima é uma paráfrase do texto de Carlyle. Através da reflexão dos gênios a história se movimentaria, possibilitando evolução política e social dos povos. Não é de se estranhar então, que Báez inicie sua obra sobre Francia e as ditaduras latino-americanas fazendo breve exposição de autores clássicos³², para chegar até a revolução americana e a revolução francesa, da qual parte para analisar a história deste continente. O gênio, no caso paraguaio, seria Francia, o detentor da inteligência, que lhe possibilitaria conduzir o seu país, determinando o que deveria ser realizado.

Cecilio Báez tem um estilo de exposição muito mais claro e objetivo que seu companheiro Benítez, que é mais afeito a arroubos literários, sem muito talento para a arte. Apesar disto, nesta perspectiva da construção de um herói sem máculas, já se pode antever que os elementos negativos da personalidade de Francia serão diluídos, a ponto de quase não aparecerem, ou os fatos que mostrarem a ditadura como um período sombrio, ganharão as mais árduas defesas. Porque o ditador paraguaio, para estes autores representa aquele que submete a história à sua vontade:

³⁰ Báez, *op. cit.*, p.13.

³¹ *Ibidem*, p.17.

³² Os de Grécia e Roma, e mais Tomás de Aquino, Dante Alighieri, Santo Agostinho, Guttemberg, Colombo, Copérnico, Lutero, Erasmo de Roterdã, Lutero e outros, até chegar ao século das luzes, com Montesquieu, Voltaire, Rousseau. Báez, *op. cit.*, pp.17-36.

"Fué un hombre acontecimiento, tejió la urdidumbre de la historia, con la fatalidad de una fuerza de la naturaleza"³³

Certamente uma afirmação destas deixaria qualquer historiador atual aterrorizado. Como um homem poderia, sozinho, tramar a urdidura da história? E, como pode levar a qualificação de acontecimento? No entanto, seguindo de perto a teoria de Carlyle, para conhecer a história paraguaia, então, dever-se-ia conhecer a vida de Francia, pois o ditador não seria somente um ator, mas o autor da história. Ele a faz, ele a tece, e os demais estão submetidos ao enredo que ele determinar.

Báez agrega a isto que a abordagem desde a perspectiva do herói permitiria que se compreendesse em toda a sua profundidade um personagem do passado, pois poder-se-ia avaliá-lo utilizando a psicologia. Para o autor, neste tipo de interpretação todas as facetas do caráter humano poderiam ser descobertas, já que, mesmo os grandes homens possuiriam um lado bom e um lado mal, assim como todo o gênero humano. Isto porque para o autor, estas grandes personalidades históricas geralmente estariam expostas a um terrível maniqueísmo em sua construção pela historiografia. Apesar desta advertência, o autor acaba realizando justamente o que está criticando, contribuindo para que se acentue ainda mais a dicotomia da historiografia francista. Há que se ressaltar que este autor será interlocutor de quase todas as obras posteriores.

Julio César Chaves e Guillermo Cabanellas situam-se no conjunto de historiadores que criticam duramente Francia e seu governo. São também as obras que mais contém referências de fontes utilizadas, num profundo esforço de comprovar todas as sentenças proferidas. Assim, o ato de escrever a história estaria diretamente ligado à fixação de elementos que dessem subsídios para a história oficial. No caso de Chaves, a simples observação dos títulos de suas obras³⁴ mostra que o autor tem uma predileção

³³ Benítez, *op. cit.*, p.85.

³⁴ A produção de Chaves é copiosa, e a maioria delas tem mais de uma edição, até 1973 que foi o último ano em que encontramos um título seu.

pela escrita de biografias de personagens que tenham tido destacada atuação. Presidente López, general Díaz, San Martín, Bolívar, Francia, não há como negar que o autor credita a indivíduos a atitude, senão total, pelo menos inicial para que os acontecimentos se desenvolvam, ou seja, para que a história ocorra, se movimente. Dessa forma, podemos dizer que sua linha interpretativa passa também pela teoria de Carlyle.

Para Chaves a história pode ser definida como uma aristocracia, e nesta definição podemos observar a sua posição quanto aos atores e autores da história.

*"la historia segun la expresión de uno de sus más profundos filosofos es una aristocracia, no acepta los plebiscitos y tiene amor por los vencidos gloriosos"*³⁵

A história é uma aristocracia. Ou seja, somente aceita em seu seio aqueles que foram grandes e famosos, mesmo que tenham sido vencidos pelas batalhas. De que adiantaria estudar populares, ou coletividades, se quem realmente determina a movimentação dos acontecimentos são os grandes homens? Só não podem ser vencidos pelo esquecimento, pois fazem parte da história oficial³⁶. A história que precisa ser construída para que alguém se lembre com "honra e glória" sobre a formação do passado de seu país. Que houve heróis, muitas vezes vencidos, mas gloriosos. Por que a história se preocupar com as massas, ou com os pobres e oprimidos, se quem realmente realizou os atos e tomou as decisões foram os grandes governantes? Mesmo que algumas vezes tenham saído do povo, representam figuras excepcionais. Pois gente comum não faz história... É apenas levada pelos interesses alheios, é o que parece ressaltar este autor.

Alguns outros de seus títulos: *Castelli: el adalid de mayo*. 2^a ed. em 1957; *El general Díaz*: biografía del vencedor de Curupaity; *Historia de las relaciones entre Buenos Aires y el Paraguay*. 1^a 1938, 2^a em 1959; *El presidente López*: vida y gobierno de don Carlos López. 1955; *San Martín y Bolívar en Guayaquil*. 1950; *Tupac Amaru*. 1973.

³⁵ Chaves, *El Supremo...*, p.18.

Se a história é uma aristocracia, então pode estar fazendo referência ao poder que esta classe privilegiada - os historiadores - tem para monopolizar o passado, fixando, construindo, resgatando do esquecimento aqueles a quem os interesses - políticos - estejam de acordo. Como ressaltamos no capítulo anterior, é o poder da linguagem associado ao poder político.

Um outro traço que caracteriza esta historiografia, e este elemento é válido tanto para os partidários de Francia como para os seus detratores, é a possibilidade de se atingir a verdade através da documentação. Todos concordam que através de reflexão apurada sobre os documentos se pode compreender melhor o período francista e o próprio ditador, pois a história é uma constante evolução. Sendo assim, todos proclamam a utilização de documentos para que se possa apreender corretamente a época em questão.

Chaves é quem expõe esta tese de maneira mais completa. O autor acredita que o historiador não deve fazer julgamentos, como se isto fosse de fato possível, ou como se ele próprio não o fizesse. O historiador deveria - isto sim - apresentar os fatos para que os leitores pudessem chegar às suas próprias conclusões:

*"el historiador no es un juez de raya que deba establecer, inflexiblemente, quién llegó primero y quién segundo; quién fué malo y quién bueno; quién acertó y quién erró (...) Al establecer conclusiones habrá fijado una tesis; sentada la misma tendrá que defenderla, y entonces estará en el campo de la polémica, donde no existe ni puede existir historia científica"*³⁷

Expor os fatos através de documentos, e não concluir se eles foram bons ou ruins, liberaria o leitor para chegar às suas próprias conclusões. Para o autor julgamentos partem da subjetividade do autor e demonstram tendência. Por outro lado, ao se gerar polêmica ou controvérsia em relação a qualquer afirmação

³⁶ Há que se observar que o autor também escreveu compêndios de história paraguaia e americana.

³⁷ Chaves, *op. cit.*, p.19.

que o historiador tenha feito, pode-se estar sugerindo que esta mesma afirmação não é verdadeira. O que nos leva a concluir que a história científica, para este autor, representaria a verdade dos fatos.

De onde Chaves entende que as conclusões devem brotar das páginas dos livros, e que ele não vai finalizar nada, mas apenas apresentar os fatos da forma mais bem documentada possível. Basta que o leitor faça a leitura sem paixão e com inteligência. Desta forma, o historiador não deve realizar juízos de valor, mas sim apresentar os fatos para que outros concluam. O que nos leva a pensar que a história deva ser apenas descritiva.

Este objetivo tão exacerbado de contar a verdade dos fatos, além de ser um estigma do ofício, no caso destes historiadores esconde uma espécie de duelo travado entre os grupos. Eles se acusam mutuamente de distorcer a verdade sobre Francia. Os seus detratores acreditam e dizem que os outros, por razões de partidarismos e interesse constroem um ditador perfeito em todos os seus atos porque, de fato, não consultaram devidamente as fontes. E vice versa. Lembramos que a documentação utilizada por ambos os grupos é basicamente a mesma.

Dessa forma, estes historiadores apresentam propostas que poderiam assustar qualquer leitor desavisado, com relação ao seu intento de esclarecer a vida e obra de Francia. O que não deve ser desconsiderado é que esta é uma historiografia datada que responde a questões do seu contexto específico. E haverá historiografia que não o seja? Assim, todos eles destacam que se deve situar Francia no seu período específico, para a apreensão correta de suas atitudes.

Um exemplo bastante peculiar é Prudencio Mendoza. Partidário ao extremo de Francia, sua tese caminha no sentido de mostrar que até então, 1936, não tinha sido feita nenhuma história científica³⁸ sobre o ditador, que seria sinônimo de uma obra bem documentada. Proclama então que seu trabalho, livre de toda paixão

³⁸ Prudencio de la C. Mendoza, *op. cit.*, p.15.

pessoal, se constituiria nesta obra científica, baseado em documentos e em seu conhecimento pessoal sobre o caráter do paraguaio³⁹. No entanto, o que podemos observar na leitura de sua obra, é que se ele consultou fontes foi na leitura de outros historiadores, pois as cita através de outras obras⁴⁰.

Guillermo Cabanellas também destaca que se deve realizar história sem paixões pessoais, pois desta forma seria possível esclarecer as vacilações da história. Para este autor, a dicotomia existente na historiografia sobre o período somente contribuem para tornar mais lendária a figura de Francia, sem o seu devido julgamento. Ao contrário de Chaves, este autor expõe claramente que a história deve proporcionar um julgamento de personalidades de destaque.

*"Hay que juzgarlo no sólo a través de sus actos, despojandolo de leyendas y acuciando la verdad en cuanto es posible alcanzarla, sino sin apasionamientos absurdos"*⁴¹

Outros autores, como Báez, responsabilizam os historiadores argentinos por terem construído uma imagem negativa sobre o ditador. Ele tem como um dos objetivos de sua obra contestar aos historiadores argentinos. Não podemos esquecer da histórica rivalidade existente entre argentinos e paraguaios, desde a época da independência, quando os primeiros queriam tornar a terra dos segundos província argentina, rivalidade esta que foi alimentada pelo próprio Francia, com seu ódio aos portenhos 'anexionistas', e exacerbada com a Guerra da Tríplice Aliança. O autor chega ao ponto de qualificá-los como falsários, devido ao seu nacionalismo:

"Los escritores del Río de la Plata, que han falsificado toda la historia sud americana, han esbozado su política del punto de vista

³⁹ *Ibidem*, p.21.

⁴⁰ Por exemplo, cita atas da Junta Governativa através de Justo Pastor Benítez, e Mariano Antonio Molas através de Cecilio Báez. *Ibidem*, p.83 e p.89.

⁴¹ Cabanellas, *op. cit.*, p.14.

*argentino, es decir, con un criterio manifiestamente apasionado*⁴²

Em suma, a preocupação declarada destes historiadores pode ser resumida como se segue. O historiador deve tentar desvendar a verdade que foi distorcida pelo partidarismo⁴³, seja este da forma que aparecer, por nacionalidade ou qualquer outro tipo de interesse, seja este político ou não. Isto seria possível através da consulta aos documentos relativos a um dado assunto, no caso, Francia. No entanto, como os grandes acontecimentos seriam planejados pelos grandes homens, o historiador, além de tentar fugir do partidarismo, deve tentar penetrar mais a fundo na personalidade destes homens, que seriam como que os 'motores' da história. Somente assim poderíamos compreender melhor o espírito de épocas passadas.

A possibilidade de atingir a verdade através dos documentos é uma constante, e tem ligações com a interpretação de história tradicional. Neste sentido, embora todos estes historiadores admitam a evolução da história, cada qual quer passar a imagem de que o seu Francia seria o verdadeiro. Dentro da aristocracia que envolveria a história, ressaltada por Chaves, estes profissionais foram também responsáveis pela fixação e manutenção do mito Francia. Vejamos uma afirmação de Benítez, que está em consonância com o que expusemos sobre a busca da verdade em documentos:

*"es más util revisar sus documentos, que releer las injurias acumuladas contra el Dr. Francia durante más de un siglo. Su verdadera defensa es su obra. Su personalidad ofrece interés, porque tiene carácter, porque ofrece rasgos curiosos, es eminente"*⁴⁴

Como ressaltamos, Benítez é partidário de Francia, e tudo que tenha sido dito contra o ditador, para ele, representam

⁴² Báez, *op. cit.*, p.15. Grifo do autor.

⁴³ *Ibidem*, p.15.

⁴⁴ Benítez, *op. cit.*, p.144.

injúrias, que poderiam ser esclarecidas através da acurada análise de documentos. Sua obra parece ter sido escrita para contestar a todos que tenham levantado qualquer dúvida acerca do quanto Francia foi benéfico para o país.⁴⁵ Lembremo-nos agora de nosso romancista, Roa Bastos, em afirmação sobre a elaboração de sua obra, onde ele dizia sobre a dificuldade de resgatar as estruturas significativas⁴⁶.

Ora, Roa Bastos, assim como os historiadores, tem o intento de perceber os documentos de maneira profunda, para que, de alguma forma, se pudesse ler a história francista sem as mais variadas aderências que se foram fixando através dos tempos. Todavia, o romancista, se por um lado brinca com esta característica da historiografia, que instrumentalizou ao seu bel-prazer os documentos, atendendo a interesses, percebemos que ele chama a atenção para a forma como os historiadores construíram o ditador, atendendo muitas vezes a interesses ocultos. Parece que, quando fala da tentativa de limpar os referentes históricos das aderências das crônicas, refere-se a esta historiografia que por vezes abusou do partidarismo na construção do ditador, instrumentalizando as mesmas fontes para compor versões opostas.

O que faremos agora é mostrar mais detidamente como estes historiadores escreveram a história de seu país, utilizando quase sempre as mesmas fontes, porém com conclusões distintas.

⁴⁵ Dúvida das fontes que constróem o período francista como uma época negativa, qualificando os irmãos Robertson de viajantes metidos a sociólogos. *Ibidem*, p.183.

⁴⁶ Esta citação encontra-se na página 38 do primeiro capítulo.

III. A história do Paraguai, pelos historiadores

Os dois primeiros relatos sobre a ditadura perpétua, dos suíços Rengger e Longchamp, e dos irmãos Robertson, apresentam, no geral, uma visão bastante negativa acerca do período francista. Neles fica cristalizada a imagem do Paraguai de Francia como o "Reino do terror", com um louco em seu comando, uma figura que de acordo com o vento que soprava mudava seu ânimo⁴⁷. Esta idéia de "reino do terror", embora seja creditada aos irmãos Robertson já aparece na obra dos suíços:

*"así comenzó el reinado de terror en el Paraguay. El doctor Francia, identificándose con el estado, declaró traidor a la patria a cualquiera que tuviese la osadía de oponerse a su voluntad, o solamente vituperar a sus acciones"*⁴⁸

Os historiadores que fazem parte do grupo dos partidários de Francia, contestam intensamente esta versão, alegando que, por motivos pessoais, estes viajantes, só poderiam ter mostrado o governo de Francia, e ele próprio, desta forma. Afinal, tanto os irmãos Robertson, que estiveram no Paraguai de 1811 a 1815, como os suíços Rengger e Longchamp, que estiveram lá de 1819 a 1825, ficaram no país detidos pelo ditador, e submetidos às suas deliberações.

A simples menção da palavra ditadura carrega consigo toda uma carga de opressão e de supressão de liberdades. Dessa forma, os autores partidários de Francia precisam acentuar que este

⁴⁷ Esta história do vento do norte foi iniciada por Rengger, que afirma em seu relato que este vento alterava o humor do ditador, tornando-o ainda mais agressivo. Deve-se ressaltar que os historiadores utilizaram-se largamente deste fato. Um exemplo: "Un día, sin que la causa haya sido bien determinada, sin duda alguna porque abusara de su confianza o porque el genio del Supremo estuviera cargado como la atmosfera cuando sopla el viento norte, ordenó al jefe de su guardia el fuzilamiento de Pilar". Cabanellas, *op. cit.*, p.216.

⁴⁸ Johan Rengger. *Ensayo Histórico sobre la Revolución del Paraguay y el gobierno dictatorial del Doctor Francia.* In: *El Doctor Francia.* Asunción: El Lector, 1996. p.36.

regime foi largamente utilizado no período pós-independência na América. Assim, o Paraguai não estaria de forma alguma em dissonância com as repúblicas vizinhas. No entanto, de acordo com a linha interpretativa da história que necessita de um herói para possuir movimento, estes autores apresentam Francia como uma figura de caráter ilibado. O ditador paraguaio seria uma pessoa especial, um herói, alguém com pulso e caráter para levar a cabo a concretização da independência paraguaia e a estabilização de suas fronteiras. É composto como um personagem sem igual na história, com uma singularidade que não permite que seja comparado nem com os tiranos da antigüidade, nem com os caudilhos "degoladores" que surgiram na América.

*"todos sus actos lo presentan como un hombre de inteligencia superior y pasiones concentradas, que persigue un objeto único; de ambición elevada e inclinado al mando, no por amor a él, sino por cálculo, de penetración de espíritu y astucia diplomática"*⁴⁹

Se por um lado estes autores precisam acentuar que a ditadura era algo utilizado, e que não foi culpa de Francia simplesmente a instituição de tal regime, por outro precisam singularizar Francia, construindo-o como um personagem diferente dos outros ditadores. Assim, sua ambição de mando, não seria puramente para possui-lo, sem outro objetivo que ter o poder em suas mãos, como tantos outros, mas sim para poder construir, com sua inteligência, algo de melhor para o país.

Dentro da concepção do indivíduo que movimenta a história, o ditador não teria necessitado de colaboradores para impor sua vontade em seu tempo, o que fez de forma individual e firme, já que possuiria uma primazia de ordem espiritual.⁵⁰ Para estes autores, o objetivo maior de Francia era "independizar al Paraguay"⁵¹, sendo que a este fim tudo subordinou.

⁴⁹ Báez, *op. cit.*, p.176.

⁵⁰ Benítez, *op.cit*, p.71.

⁵¹ *Ibidem*, p.134.

"desde las primeras horas actúa como regidor de los acontecimientos. El sol de mayo le sorprendió en las filas de los fundadores de la patria"⁵²

Para os partidários de Francia, se todos pudessem entender os objetivos do ditador, talvez não o condenassem tanto. É como se eles acusassem seus pares de não ter amor ao país.

Ao passo que os partidários do ditador constróem-no como o fundador da pátria, seus detratores utilizam amplamente a imagem do reino de terror, com uma figura maníaca pelo poder, que tudo fazia para tê-lo concentrado em suas mãos: matava, traía, manipulava, prendia. As imagens que são utilizadas para descrever a capital paraguaia apresentam a cidade como um caos, tudo por obra de um tirano, a quem todos acabavam por obedecer, sob pena de acabar em uma prisão, ou pior, de ser fuzilado. Estes autores chegam a afirmar que Francia não é necessário na história paraguaia⁵³, pois apenas representaria uma mácula em tão belas passagens:

"La vida de los hombres de la independencia, que es de escarpados gigantes, de valles y alturas inaccesibles, exige que ese pequeño montículo que es José Gaspar de Francia, sea examinado y, por más tiempo, no se confundán en el mismo homenaje las víctimas con el victimario, al que inmoló vidas en holocausto (...) con quienes fueron sacrificados en su honor"⁵⁴

Esta passagem de Guillermo Cabanellas resume perfeitamente bem a opinião dos detratores de Francia. No seu objetivo de atingir o mais próximo possível a verdade, o autor acredita que todas as críticas que Francia recebeu foram muito mais que justas, pois ele seria um homem sem afetos, que não tinha piedade de ninguém. Um outro ponto que este trecho esclarece, é que os detratores de Francia tendem a ressaltar o heroísmo de todos os

⁵² *Ibidem*, p.50.

⁵³ Cabanellas, *op. cit.*, p.35

⁵⁴ *Ibidem*, p.14.

personagens que tenham sido sacrificados pelo ditador. Assim, há imagens bastante interessantes. Sobre Fulgêncio Yegros, Chaves diz que "os ecos de seus gemidos ressoando na triste noite assuncena, nunca se apagarão dos ouvidos dos paraguaios"⁵⁵; que Pedro Juan Caballero, ao se matar na prisão para evitar a tortura, teria escrito com sangue nas paredes da cela, "versos" para o tirano. É claro que no intuito de condená-lo, estes historiadores certamente relatam os fatos de forma a acentuar a sua crueldade, mostrar o quão malévolos eles seriam. Mas com relação a Caballero, Rengger menciona o fato, e diz que não foi sangue, e sim carvão o utilizado⁵⁶.

Mas, de onde teria surgido este tal de Doutor Francia? Sobre isto, há também muitas dúvidas. Que ele tenha nascido em Asunción, quase todos concordam, mas, sobre seus pais, nem sempre. Alguns dizem que seu pai era um bandeirante paulista. A mãe, a maioria concorda que seria pertencente a uma família da elite⁵⁷. O fato é que este dilema da origem perseguirá o ditador por muito tempo, e muitos, especialmente seus detratores, acreditam que ele tornou-se uma pessoa tão vingativa por alguns fatos que se deram em sua vida por causa deste problema.

Um episódio que é amplamente citado, mas que é tão duvidoso quanto a origem de Francia, refere-se a uma proposta de

⁵⁵ Chaves, *op. cit.*, p.136.

⁵⁶ Rengger registra que Caballero escreveu na prisão: "no ignoro que el suicidio es contrario a la ley de Dios y a la de los hombres, pero el tirano de mi patria no debe saciarse con mi sangre". Rengger, *op. cit.*, p.49.

⁵⁷ Benjamin Vargas-Peña pertence à parcela de historiadores que desejam mostrar o quanto Francia foi terrível para o Paraguai, e é um dos que duvidam sobre quem foi a mãe do ditador. Se a maioria dos outros historiadores afirma que ela era Maria Josefa de Velazco y Yegros, pertencente a família da elite de Asunción, este autor discorda, dizendo que era uma estrangeira de nome Maria Francia Velho, que não tinha linhagem alguma de fidalguia. "Nacido de una pareja de extranjeros prisioneros, mulatos bandeirantes, en Asunción, donde el estamento social cerrado se caracterizaba por su impermeabilidad, fue para José Gaspar Rodríguez de Francia una condenación del destino". Benjamin Vargas-Peña. *El Perfil del Tirano*. Asunción: Ed. Estudios Graf., 1993. p.13. Roa Bastos também "brinca" com esta confusão da historiografia, duvidando de todos. Assim, o Ditador se pergunta: "¿no me atribuyen dos madres, un

casamento que ele, ainda na juventude, teria feito a uma moça de família *criolla*. Teria sido preterido pela dúvida com relação a seu sangue. Segundo repetem os historiadores, teria sido chamado de mulato pelo pai de sua pretendida. A mestiçagem, especialmente se fosse africana, era um dado que maculava o caráter de uma pessoa. Lembremo-nos, no final do século XIX, de Sarmiento, de Alberdi⁵⁸. O fato é que a moça casou-se com um homem de nome Machain. Francia, ao tornar-se ditador, efetuou uma sagaz perseguição tanto à família Zavala y Delgadillo, da qual fazia parte a moça, quanto à família Machain. Acabou inclusive, decretando que a família de Machain era mulata, e que seus descendentes não se casassem mais.⁵⁹

Esta característica de utilizar-se de fatos de difícil comprovação é bastante freqüente nesta historiografia. Os autores não deixam de citar e se perder em divagações, especialmente em episódios sobre a vida pessoal de Francia, que certamente apresenta uma certa dificuldade para a obtenção de dados. No seu intuito de defenderem sua posição sobre o ditador, seja de alçá-lo ou o inverso, acabam por fazer sugestões para lá de duvidosas. Mesmo os autores que citem detalhadamente suas referências, como Chaves e Cabanellas. Enquanto seus detratores sugerem os eventos que poderiam representar uma mácula, os seus partidários,

padre falso, cuatro falsos hermanos, dos fechas de nacimiento, todo lo cual no prueba acaso ciertamente la falsedad del infundio?" YES, p.144.

⁵⁸ Juan Bautista Alberdi, em sua obra *Bases y puntos de partida para la organización política de la Republica Argentina* diz o seguinte: "no conozco persona distinguida de nuestras sociedades que lleve apellido pehuenche o araucano (...) quién casaría a su hermana o a su hija con un infanzón de la Araucania y no mil veces con un zapatero inglés". Apud: Retamar, *op. cit.*, p.168.

⁵⁹ Este fato é bastante referido pela historiografia. "(...) que en lo sucesivo la descendencia de la mulata santafecina Clara de Aguiar y la del mulato Francisco Figueredo, conocido también por santafecino, ambos difuntos, no se casen más. Y para el inviolable cumplimiento de este supremo mandamiento, notifíquese a todos los curas de esta capital, despachando ejemplares (...) a los curas de la campaña". Apud: Jerry Cooney. "El que roba mi buen nombre: la venganza del Dr. Francia". In: Thomas Whigham & Jerry Cooney. *El Paraguay bajo el Dr. Francia*. Asunción: El Lector, 1996. p.170. Clara de Aguiar era avó de Machain. Se era mulata, também é difícil dizer.

ressaltam que estas características não são verdadeiras, são apenas "intriga da oposição":

*"No era mestizo ni mulato, como afirman sus detractores"*⁶⁰

Este trecho de Benítez é sintomático sobre como seus partidários contestam as afirmações que não lhes interessam. Como saber se Francia não era mestiço? Não há um retrato que tenha sobrado dele, não há uma pintura sequer para poder não tomar esta afirmação como uma simples conjectura. Apenas existem descrições, feitas pelos viajantes, principalmente. Mas, para seus partidários que necessitam construir Francia como o fundador da nacionalidade paraguaia, não seria aceitável que ele fosse mestiço. Assim, estes autores, como Benítez, querem afastar o fantasma da mestiçagem do ditador. Uma comprovação que este autor utiliza neste sentido é a própria declaração de Francia de que pertencia às mais distintas famílias do Paraguai⁶¹. Se Francia está tentando provar suas origens, é evidente que vai declarar pertencer às famílias mais distintas da província. E Benítez toma a afirmação como uma declaração confiável.

Com relação à independência, quase todos concordam que os movimentos de libertação no continente têm como explicação a caducidade do poder espanhol e a invasão napoleônica na península ibérica. Dessa forma, já que as colônias pertenciam ao rei e não a Espanha, seu raciocínio é de que ficaram como que sem dono. Isto teria impulsionado as idéias de emancipação⁶².

Francia doutorou-se em Teologia em Córdoba. Tanto partidários como detratores concordam que seu exílio na cidade argentina teria influenciado fortemente a condução posterior do governo⁶³. Foi naquele local onde ele teria tomado contato com as teorias francesas que viriam a influenciar a independência. Além

⁶⁰ Benítez, *op. cit.*, p.24.

⁶¹ Benítez, *op. cit.*, p.23.

⁶² Báez, *op. cit.*, p.95.

⁶³ Chaves, *op. cit.*, p.33.

disto, havia a influência da revolução norte-americana e da de Tupac Amaru. Sugerem ainda que a clausura da vida monástica que levava teria contribuído para o isolamento a que Francia submeteu o país, transformando-o em uma espécie de convento. Mesmo seus detratores acreditam que ele foi um dos responsáveis pela exposição do pensamento revolucionário no Prata⁶⁴.

Os partidários de Francia chamam a independência de revolução, e afirmam que ele foi um dos articuladores e dirigentes dela,⁶⁵ sendo que sua atuação teria sido essencial para a consecução da emancipação. Para Benítez, por exemplo, a revolução implicava em destruir os resquícios coloniais e dar novas instituições aos paraguaios. Ele a divide em três etapas: a fase de promoção, de trama; a fase de realização e a fase de consolidação. Nesta sua classificação poucos são os homens que puderam participar dos três momentos, porque no compasso dos acontecimentos, eles vão caindo, ou se perdendo. Só que obviamente, Francia abarca todos os três períodos, provoca, dirige e consolida⁶⁶ o movimento, pois como um grande herói, sabe avaliar os desenrolar dos fatos, e além de tudo, sua vocação de revolucionário é representada quase como uma força natural⁶⁷:

*"la revolución devoraba a sus propios hijos(...) en esa hoguera que consumía inocentes y culpables, en esa tarea de destrucción de los compañeros de causa, que suele caracterizar al periodo post-revolucionario, sólo subsistió el Dr. Francia"*⁶⁸

Responsabilizando a "fogueira da revolução" por destruir aos outros participantes do movimento, o autor se exime de dizer que quem acabou com todos foi o próprio Francia, o que terminou por deixar quase que totalmente concentrado em suas mãos o poder. A eliminação dos "companheiros de revolução" deu-se principalmente

⁶⁴ *Ibidem*, p.98.

⁶⁵ Báez, *op. cit.*, p.95.

⁶⁶ Benítez, *op. cit.*, p.109.

⁶⁷ *Ibidem*, p.81.

⁶⁸ *Ibidem*, p.81.

após a conspiração ocorrida no ano 1820, a única relatada em seu governo. Os participantes da revolução da independência e membros da elite se viram distanciados do poder e descontentes com o rumo que Francia dava ao governo, que naquele momento já era a ditadura perpétua. Tramaram seu assassinato, que deveria ocorrer em um de seus passeios diários pela cidade. Foram descobertos, por delação, e todos foram presos, supliciados e executados. Esta conspiração redundou em medidas mais duras para que não houvesse possibilidade de novas conspirações⁶⁹.

Uma das medidas que os detratores de Francia atribuem a esta radicalização do regime para evitar novos atos rebeldes foi a reforma da cidade⁷⁰. Para eles, sem o menor sentido de reforma urbana, o ditador determinava de que forma se realizaria a reforma. Para estes autores, o ditador sempre se esforçava para que o traçado das ruas passassem por cima das casas de seus inimigos, que deveriam ser destruídas imediatamente. Já seus partidários reconhecem nisto o grande talento do ditador, que sem ser arquiteto ou algo que o valha, foi capaz de empreender uma reforma urbana e regularizar a cidade. Sobre isto Chaves diz que Asunción tinha um aspecto anti-estético e desolador, com suas ruas traçadas ao acaso. Francia dividiu a cidade em ruas largas e simétricas,⁷¹ mas também atribui traços de vingança a esta reforma, pois as ruas projetadas pelo ditador passariam em cima justamente de casas de pessoas da elite, que tinham se "atravessado" em seu caminho.

A ditadura foi um regime extremamente duro, com a quase total centralização do poder. Francia dividia o poder com alguns poucos homens de sua confiança, aos quais ele chamava delegados,

⁶⁹ Rengger, *op. cit.*, parte 1a., capítulos VIII e X.

⁷⁰ Fulgencio Moreno analisa a história de seu país através da evolução da capital paraguaia. Francia, neste sentido, é mostrado como um demente, que simbolizaria o atraso do Paraguai. Assim nos conta, em sua obra *La ciudad de la Asunción* (Buenos Aires: Libreria J. Suarez, 1926): "comprendió que el rumoroso cortinaje de verduras podía ocultar las ansias de la libertad; creyó percibir entre sus claros el parpadeo incesante de la conspiración abortada". p.249.

⁷¹ Chaves, *op. cit.*, p.265.

estabelecidos em pontos estratégicos do país, os quais ele pessoalmente controlava. Detratores e partidários concordam que o controle chegava aos mínimos centavos e centímetros do país⁷², mas quase todos acreditam também que a ditadura nasceu por causa das guerras de independência, pois devido à confusão das fronteiras, um regime enérgico seria necessário para preservar o país. Assim seria um dado do momento.

Para seus partidários o regime ditatorial teria sido necessário para a conquista da liberdade.⁷³ Era uma necessidade, cuja ausência poderia ter redundado na anexação de territórios por outras províncias. Não podemos nos esquecer, neste sentido, do esforço argentino para a anexação do território paraguaio, contido por Francia. Sem uma ditadura, talvez o Paraguai não tivesse se tornado uma nação, e mais que talvez não possuísse a unidade territorial, nem tivesse a consciência de nacionalidade, proporcionados pelo isolamento francista.

*"la dictadura con que se investía al doctor Francia no importaba la suma del poder público; significaba solamente, como en la antigua Roma, el mando político y militar de la república para preservarla de sus enemigos"*⁷⁴

Além disto, a ditadura teria fortalecido sentimentos vitais, que acabaram por constituir uma nação forte, e também teria tornado o povo homogêneo e apto à luta⁷⁵. Francia, como pode-se observar pela citação acima, tinha como interesse com relação à ditadura somente conservar e desenvolver seu país. Ter-se-ia tornado ditador somente com este intento.

Julio César Chaves qualifica a ditadura francista como um ensaio autárquico. Francia teria tentado converter um país agrícola e exportador em outro que bastasse a si mesmo⁷⁶. Para isto, interferiu na agricultura, para que o país plantasse coisas

⁷² *Ibidem*, p.254.

⁷³ Báez, *op. cit.*, p.255.

⁷⁴ *Ibidem*, p.104.

⁷⁵ Benítez, *op. cit.*, p.219.

⁷⁶ Chaves, *op. cit.*, p.249.

que antes não fazia; criou as estâncias da pátria, onde havia criação de gado, e incentivou também a pequena indústria⁷⁷. No Paraguai de Francia não haveria classes, e o ditador nunca buscou a popularidade; tinha obsessão avassaladora pela soberania nacional, que fez com que encerrasse seu país em um isolamento férreo. Para Chaves, mais que Luiz XIV, Francia podia dizer que ele era o estado.⁷⁸

Dentro desta perspectiva da história vista como o movimento e ação de grandes homens, da possibilidade de ser mostrada como uma aristocracia, tal qual sugerem estes historiadores, há que se pensar de que forma eles representariam o homem comum, ou que papel caberia ao todo da população. Para os partidários de Francia, o povo é mostrado como valoroso. Como as decisões caberiam aos grandes homens o povo teria sabido atender às exigências históricas, se deixando conduzir e apoiando o ditador. Estes autores acabam por justificar a ditadura dizendo que os povos hispano-americanos careceriam de costumes republicanos, e que ainda não estariam cientes do que seria o espírito democrático.⁷⁹

Reconhecem que a ditadura foi um momento difícil, mas que sua "brava" gente soube resistir. Qualquer outro povo poderia ter sucumbido a regime tão severo, mas os paraguaios puderam, ou souberam resistir. Mais que isto, alguns autores, como Benítez, nos fazem crer que eles como que exigiram a ditadura e embora nas classes cultas houvesse resistência, o povo compreendeu a necessidade de um governo forte no período em questão. Segundo este autor não teria havido naquela época manifestações populares de repúdio à ditadura⁸⁰. Francia então, teria governado para o povo (mas não com o povo), pois o sentimento da independência estaria mais próximo deles do que da burguesia colonial⁸¹

⁷⁷ *Ibidem*, p.251.

⁷⁸ *Ibidem*, p.175.

⁷⁹ Baez, *op. cit.*, p.257.

⁸⁰ Benítez, *op. cit.*, p.210.

⁸¹ *Ibidem*, p.134.

*"su subsistencia solo se explica por un fenómeno psicológico, por el predominio del instinto de conservación nacional en el período constitutivo del país(...)el orden implacable primó sobre la libertad"*⁸²

Em decorrência da ordem ter que primar sobre a liberdade, as classes populares o apoiaram. Se houve alguma resistência, esta proveio de classes mais abastadas da capital. Afinal de contas, para estes autores Francia não gostava de privilégios e diferenças sociais, por isso teria instituído um regime tão duro, para que a vida pudesse se modificar, ou quem sabe, melhorar. Para Benítez, uma das conseqüências do governo forte foi plasmar a nacionalidade e nivelar as classes⁸³, o que o leva a sugerir que o governo de Francia foi uma espécie de socialismo, aceito pela população.

Quanto aos seus detratores, Chaves é o mais objetivo quanto ao que estes autores pensam sobre o povo. Para este autor Francia foi eleito ditador porque soube manipular a população do interior, a quem recebia freqüentemente em sua chácara.⁸⁴ Para ele o povo não sabe o que faz, é apenas uma vítima dos acontecimentos, pois é manobrado pela brilhante "mão" de Francia:

*"Así, el pueblo, ese niño inocente que no profundiza ni analiza, consustanciaba injustamente la nacionalidad con la figura del político que la acunara"*⁸⁵

Injustamente concretizava a nacionalidade com a figura de Francia. Mas por que injustamente? Aqui acreditamos que a resposta seja que pessoas incultas, pobres, a maioria certamente mestiça do interior, camponeses, agricultores não deveriam ter participação política, pois não sabem o que fazem. Quem deveria decidir seria a elite. Para estes autores que fazem parte dos detratores do ditador, acabamos por compreender que o problema não é tanto Francia ser o ditador, mas não ter possibilitado a participação da

⁸² *Ibidem*, p.99.

⁸³ *Ibidem*, p.182.

⁸⁴ *Ibidem*, p.118.

elite, que seriam as famílias *criollas*, e mais que isto, tê-las perseguido implacavelmente. Ou talvez isto revele que quem deveria realmente dirigir os rumos da nação seria esta elite.

Os congressos que se realizaram em Assunção na década de 1820 para, primeiramente eleger a ditadura temporal e depois a ditadura perpétua possibilitam esta leitura. Cabanellas ao relatar a disputa pelo poder nesta ocasião, refere-se com desdém aos correligionários de Francia:

*"Tiene ya situados sus peones, personajes de los bajos fondos, de extracción misera, que le secundarán y que el elevará consigo hasta el plano de la historia"*⁸⁵

Para o autor, Francia para ascender ao poder teria se unido a pessoas miseráveis, dos mais baixos níveis, e que não deveriam aparecer na história. É como se elas não "contassem", e pudessem macular as páginas da história subindo ao primeiro plano. Chaves é ainda mais claro a este respeito. Ressalta que, se no primeiro congresso estavam presentes senhoriais figuras de doutores de Córdoba e de Charcas, frades, sacerdotes, militares, ou seja, gente de poder, da elite, no segundo, o que elegeu a ditadura perpétua, a representação democrática é bem mais reduzida.⁸⁷ Por representação democrática o autor parece entender a presença da elite:

*"los hombres poseedores de brillantes apellidos se veían desplazados y arrinconados y despreciados por aquel usurpador. Las funciones de gobierno estaban a cargo de elementos mediocres; todas las vías de ascenso y brillo que ofrece una sociedad estaban obstruidas. La aristocracia paraguaya vivía en absoluta clausura, más cerrada y más irritante que la colonial"*⁸⁸

⁸⁵ *Ibidem*, p.171.

⁸⁶ Cabanellas, *op. cit.*, p.123.

⁸⁷ Chaves, *op. cit.*, p.172.

⁸⁸ *Ibidem*, p.234. Grifo nosso.

Esta passagem é brilhante para deixar claro a posição de Chaves sobre o ditador e sobre quem deveria ser representativo na sociedade. O governo estava nas mãos de um usurpador, que destituiu a elite de seus cargos, colocando gente medíocre nos possíveis postos de mando, tendo nivelado a sociedade com o populacho. Não poderiam ascender nem social nem economicamente, pois o ditador a tudo obstruía.

"Todo por la obra de un solo hombre cuyos halagos no se dirigian sino a las classes inferiores, a la chusma"⁸⁹

Esta afirmação só vem a se somar a anterior, para mostrar o posicionamento de Chaves com relação à sociedade. O representativo é a elite, que é quem poderia participar politicamente, e eram os que faziam resistência a Francia; foi a elite quem mais sofreu com sua ditadura, pois o ditador somente se preocupava com a chusma, com o populacho, que tinha sido o apoio para a ditadura perpétua. E esta parte da sociedade, parece não importar, pois não analisa o que faz, sendo facilmente manobrada.

Em termos de resistência, se Benítez acredita que o povo exigiu a ditadura como afirmamos anteriormente, Chaves ressalta a resistência empreendida pela elite. Vejamos uma passagem significativa neste sentido:

"Ante el vencedor todopoderoso y supremo, cuya palabra es orden y cuya voluntad es ley para sus semejantes, sólo se alza un reducto sagrado: la sociedad asuncena que tiene cuenta corriente de agravios con el mandatario. El bastión de veinte apellidos no acallará su descontento, su rebeldia. Se inicia una sorda querella que durará un lustro y terminará en un mar de sangre y de lagrimas. Los viejos paredones coloniales de la capital de Irala se llenaron de caricaturas grotescas que ridicularizaban al Supremo. A las caricaturas se siguieron los pasquines (...) ciudadanos representativos emigraron al Plata.

⁸⁹ *Ibidem*, p.235.

*Vivas críticas se formulaban a la dictadura y al dictador*⁹⁰

Desta extensa citação, percebemos novamente o destaque dado à elite, que seria, como já ressaltamos, quem fazia resistência ao ditador, na capital. Parece que no interior não havia esta resistência. Outro ponto a se destacar é a questão da própria resistência. Para Chaves ela existia, ao contrário de alguns autores, que fazem parecer que não havia de nenhum tipo. Mas, como podemos observar

Pudemos perceber que um dos motivos mais candentes para estes historiadores escreverem sobre Francia diz respeito ao regime ditatorial. No Paraguai, a história mostra que esta questão está sempre presente. Assim, alguns, mesmo seus partidários, mostram a ditadura francista como uma necessidade da época, que foi profícua e eficiente em seu momento, mas que não mais deveria ocorrer. Báez é um destes, e utiliza-se do próprio documento que elegeu Francia para ditador perpétuo, que termina com as seguintes palavras: "*con calidad de ser sin ejemplar*"⁹¹, para ressaltar que a ditadura não deveria ser um regime utilizado novamente no país.

*"que esa dictadura no serviria de precedente para conferirsele a otro, después de él. Francia queria, pués, que la dictadura en Paraguay concluyese con su persona, comprendiendo que de ese mando se puede abusarse en detrimento de la libertad"*⁹²

A possibilidade de surgirem déspotas e tiranos parece estar sempre presente. Por isto, a história deveria servir como educação para o gênero humano. Deve-se conhecer os sucessos e as vicissitudes que fizeram com que o país cumprisse um dado destino ou caminho.

Outros, necessitam apresentar Francia como o pai da pátria, uma figura sem máculas, para talvez justificar possíveis

⁹⁰ *Ibidem*, p.176.

⁹¹ *Ibidem*, p.177

⁹² *Ibidem*, p.177.

governos ditatoriais futuros. De qualquer forma, estes autores escreveram a história de seu país, que até hoje é utilizada, e mais, os mesmos moldes são utilizados. Basta dizer que até a década de 1980 havia um *Instituto de Investigaciones Históricas Dr. José Gaspar Rodríguez de Francia* cujo objetivo principal parecia ser esclarecer este "fecundo" período da história, defendendo acirradamente o ditador, em artigos que visavam a esclarecer as falsidades na história francista⁹³.

Um outro dado que deve agregar-se a isto é que estes autores seriam as inteligências privilegiadas capazes de proporcionar esta educação. Como ressaltamos no capítulo anterior, é o poder da linguagem associado ao poder político.

Por outro lado, tentando muitas vezes "esclarecer" e talvez destruir as lendas sobre o ditador, os historiadores acabam sendo capturados por elas. O melhor exemplo seria Cabanellas, cujas últimas páginas de sua obra representam um primor neste sentido. Em seu afã de destacar o quão malévolos foi o governo de Francia, afirma que tudo relativo a ele foi destruído pelo tempo. Assim, seu túmulo foi profanado e não se sabe ao certo onde foram parar seus restos mortais, a *Iglesia de la Encarnación*, local onde seu corpo foi sepultado incendiou-se⁹⁴, sua casa foi destruída para a construção de uma praça⁹⁵, muitos documentos relativos a ele se perderam devido ao incêndio que o próprio ateou em seus pertences pouco antes de morrer. Para o historiador, o que sobrou dele foi a sensação de terror pairando sobre a capital paraguaia. Mas, ao final se trai, dizendo que isto também seria uma determinação de além túmulo de Francia:

⁹³ Obviamente, sob efeito da ditadura Stroessner, já que os anuários deste instituto são produzidos pelo *Departamento de Producción de Material Educativo del Ministerio de Educación y Culto*. Um exemplo: "Falsedades en la historia del Dr. José Gaspar de Francia" de R. Antonio Ramos, no qual o historiador contesta dados como a acusação do ditador ser arbitrário. Asunción, 1983.

⁹⁴ "Y hubo quienes consideraron que el incendio tenía por causa el haber contenido el templo el su seno los restos mortales del Supremo". Cabanellas, *op. cit.*, p.390.

⁹⁵ "Hoy es un terreno yermo, en el que con dificultad crece la hierba". *Ibidem*, p. 390.

"Como si el próprio Francia, a través de un esfuerzo ultraterrenal, haya decidido, después de muerto, la suerte de su último y definitivo destino, envolviéndolo en misterio insondable"⁹⁶

Gostaríamos de lembrar que o romancista utiliza-se de todos os dados presentes na historiografia, principalmente, para subverter o escrito pelos próprios historiadores. Assim, até um Francia de além túmulo está sugerido nesta historiografia. Tivemos oportunidade de ver no capítulo anterior que Roa Bastos inicia seu romance com um pasquim que fora pregado à porta da catedral, e que de certa forma, simbolizaria uma resistência, tal como afirmou anteriormente Chaves. Só que os "cidadãos representativos", no caso do romance, são tomados por embusteiros. Prosseguindo no texto, vemos que eles, no futuro, tornar-se-ão historiadores e romancistas. O que afirmamos é que, de alguma forma quase todos os episódios do romance, de alguma forma, estão sugeridos na historiografia. Todavia, Roa Bastos, como romancista, pode se utilizar livremente de qualquer passagem, pois ele não precisa provar que elas são reais, pela própria condição de seu ofício.⁹⁷

⁹⁶ *Ibidem*, p.391.

⁹⁷ Como ressalta Berthold Zilly a literatura poderia conviver melhor com perspectivas contraditórias. Berthold Zilly. "Civilização versus barbárie". In: *Gêneros de fonteira*: cruzamentos entre o histórico e o literário. São Paulo: Xamã, 1997. p.99. Voltaremos a esta questão no terceiro capítulo.

IV. A memória de Francia e a historiografia

Por mais que se possa discutir, a busca de respostas e soluções para o presente em acontecimentos passados é uma constante, e é efetivamente realizada. Por outro lado, são ressaltadas as passagens que respondam a interesses do presente. Destacados historiadores da atualidade, embora possam construir as mais brilhantes teses, preocupam-se e defendem essa idéia. Jacques Le Goff nos alerta para isto, e nos diz que:

"A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro"⁹⁸

Este salvamento do passado proposto por Le Goff tem pelo menos duas implicações. Salvar o passado para que seja memorizado como um bom exemplo. Neste sentido, talvez pudesse ser retomado à guisa de novos erros ou novos acertos; para que seja lembrado e nunca mais se repita. Este resgate da memória, então, é de suma importância. Por outro lado, já se pode antever as disputas pelo direito a construir a memória, a construir o passado de forma que melhor interesse a quem esteja no poder.

Se a abordagem rankeana, ou empiricista foi hegemônica até finais da Segunda Guerra Mundial, poderíamos admitir que nossos historiadores paraguaios seguem esta abordagem. Se é necessária uma classificação, poderíamos situá-los como velhos historiadores narrativos, na acepção de Lawrence Stone⁹⁹, pois seus textos se mostram adequados ao exposto por este historiador, ou seja, eles se preocupam mais com a narrativa que com a análise, embora também a realizem. Podemos encontrar em todos eles a idéia de que a verdade deva ser buscada nos documentos, sem deduções de causas ou

⁹⁸ Le Goff, *op. cit.*, p.47.

⁹⁹ Lawrence Stone. "O Ressurgimento da narrativa: questões sobre uma nova velha história". In: *Revista de História*, nº 2-3, 1991. p.15.

leis, delegando ao leitor o julgamento sobre um dado fato. Mas é óbvio também que todos realizam seus julgamentos.

Acreditamos, no entanto, que o "modelo" de escrita de história tradicional teve variações. Assim, analisando estes textos de paraguaios que escreveram sobre o ditador, pudemos perceber que eles, metodológica e teoricamente, se enquadram nas principais definições, pois trabalham as fontes, têm preocupação em buscá-las, constroem um argumento, têm hipóteses, seja, no caso, para alçar a figura de Francia, ou para desqualificá-la. Ou seja, tentam reconstruir um período passado de sua história, baseados em livros, biografias, documentos de arquivos, para tentar esclarecer determinadas questões. Assim, estão preocupados em delimitar temas de sua história, em oferecer imagens para a memória.

Como pudemos perceber esta história "oficial" constrói duas vertentes, dois caminhos para resgatar Francia. Há os que o constroem como o fundador da nacionalidade paraguaia, e há os que o responsabilizam pelos males paraguaios até os dias de hoje, mas quase sempre utilizando as mesmas fontes. Neste sentido, não podemos afirmar que uma versão seria mais próxima da verdade que outra, mas que elas estavam atendendo a objetivos específicos do momento vivido por seus autores.

Aqui chamamos a atenção para uma outra característica marcante desta historiografia analisada, que no intuito de defenderem arduamente sua posição acerca de Francia, muitas vezes encontramos passagens nas obras destes historiadores dignas de páginas literárias. A vida de Francia, o seu caráter enigmático, como já pudemos ressaltar, se presta muito bem a estes temas. Isto torna-se possível, certamente, porque as fontes primárias são escassas. Mas talvez para tornar a história do ditador mais próxima, às vezes de um herói, outras de um demônio, as lendas acerca de sua vida são exaustivamente destacadas, e, como lendas, é quase impossível a devida comprovação documental. Há muitos episódios duvidosos que alguns autores fazem questão de ressaltar

em afirmações categóricas, contribuindo para a exaltação e manutenção, mais que da memória, de um mito.

Alguns historiadores da atualidade já afirmaram que uma certa dimensão literária da história não é de forma alguma incompatível com seu caráter científico. É fato também que as lacunas documentais deveriam ser preenchidas com imaginação, ou inferências. Com relação a esta historiografia hispano-americana que temos analisado, podemos observar que todas as obras, apesar de terem a pretensão à verdade quase inerente aos textos historiográficos, parecem possuir mais inferência e imaginação do que deveriam, por vezes carregando exageradamente "nas tintas" para melhor acentuarem sua posição acerca do ditador Francia.

• * * * * *

Procuramos não confrontar o dito pelos historiadores ao dito pelas fontes contemporâneas a Francia. Afinal, nosso objetivo não é revelar quem se aproximou mais, quem menos das fontes. Ou, melhor dito, quem teria a narrativa mais "verdadeira" frente às fontes. O mais importante aqui é entender como as narrativas foram montadas e quais objetivos estavam implícitos ao longo do texto. Quais seriam as "*palabras por debajo de las palabras*"¹⁰⁰ destes autores.

Lembre-mos que Roa Bastos, o romancista, escreveu sua obra no exílio. A sua re-interpretação da história oficial, oferecendo a imagem de Francia desde vários ângulos foi feita desde a posição do homem comum. Nossos historiadores, a maioria deles exerceu, em algum momento, um cargo no governo, ou em universidades dentro do Paraguai. Assim, exerceram sua influência por varias gerações de paraguaios, que, de alguma forma, podem ter esperado um herói para resolver os problemas de sua nação. Afinal de contas, isto foi ensinando nas escolas, que houve um único homem forte determinou os rumos da nação quando de seu nascimento.

¹⁰⁰ *YES*, p.35.

Como vimos, Roa Bastos parece ter brincado com a parcialidade romântica destes historiadores. Afinal, Benítez, Chaves e outros eram defensores da história verdadeira, que via nos documentos a resposta para todas as perguntas fatuais, embora tenham construído textos que muitas vezes esquivaram-se deste elemento. Uma parcialidade marcada pela dicotomia concretizada na figura do herói, ou, por outro lado, do anti-herói. Essa "brincadeira" pôde ser vista, ainda no primeiro capítulo, quando comparamos os parágrafos utilizados por Roa Bastos das obras de historiadores, e como ele os inseriu em seu texto, muitas vezes sem um nota sequer, acrescentando frases sarcásticas, com a finalidade de levar o leitor a ver os apodos memorialísticos acerca de Francia. Sendo assim, a memória também tem seu viés de importância nessa análise. Afinal, não podemos nos esquecer do que escreveu Le Goff acerca dos usos da memória, de como ela é utilizada e trabalhada com objetivos dos mais variados, que podem ser exclusivamente acadêmicos, ou até políticos.

Neste sentido, podemos nos perguntar, afinal, qual narrativa é a mais confiável? Ou até provocar: em suma, alguma delas é confiável? Sim, pois vimos o jogo de interesses que envolviam seus escritores... Com certeza, todas elas têm relevância, são ótimas fontes de consulta, mas expõem os perigos do uso da história. Roa Bastos e os historiadores abrem, dessa forma, uma brecha para que possamos avaliar esses perigos e interesses, que na atualidade são cobrados por historiadores e profissionais de outras áreas. Entendê-los à luz das discussões existentes na historiografia atual é o terceiro passo do nosso trabalho.

Para encerrar este capítulo, lembremo-nos, então, das palavras de nosso Ditador ficcional, como uma provocação, e que dará a tônica de nosso último capítulo:

*"Distingan lo ilegítimo de lo legítimo"*¹⁰¹

¹⁰¹ YES, p.269.

Capítulo 3
História e literatura:
irreconciliáveis?

"Distingan lo ilegítimo de lo legítimo"

História e literatura: irreconciliáveis?

Caminhando tranqüilamente pela *calle* Palma, uma das principais ruas do comércio assunceno, após atravessar uma praça, onde algumas índias oferecem artesanato, o viajante depara-se com uma construção que parece uma igreja. Aproximando-se da mesma, perceberá que não se trata de uma igreja, pois ali, bem na entrada, há um soldado de uma das forças armadas paraguaias, vestido com toda a pompa, montando guarda. Adentrando tal lugar esse viajante ainda ficará em dúvida, pois, bem à sua frente, é *Nuestra Señora de la Asunción* quem está em um altar, recebendo-o de "braços abertos".

Dentro do ambiente circular e sinistro, há estátuas de heróis nacionais em toda a volta, sob a proteção vigilante da santa. E bem no centro, dentro de um círculo em um nível mais baixo, que leva o viajante a olhar para um plano inferior, há uma urna funerária, de proporções normais, simbolizando o soldado paraguaio morto em batalha, ladeado por mais duas urnas representando outros heróis. Há também, em toda volta dessa espécie de catacumba, pequenas caixas que contêm as cinzas dos heróis nacionais, segundo informam os guias. Francia está lá, juntamente com Carlos López e o filho. Outros, executados no governo do primeiro ditador, encontram-se lado a lado com seu algoz. Rivais, amigos e inimigos mortais, todos juntos e "unidos" na paz proporcionada pela morte e pela construção da memória.

A sugestão deste local é de que todos foram heróis que ofereceram sua vida em sacrifício em nome de algum ideal superior, que alçasse sua pátria aos mais elevados planos. Os responsáveis pela construção deste "templo" assim queriam que eles fossem abraçados pelas gerações posteriores, e da mesma forma foram apresentados em livros didáticos. O *Panteón Nacional de los Héroes* representa um monumento à memória paraguaia, que deve ser respeitada, pois ali o sentimento é o de sagração de um passado,

no qual religião e mitos se encontram. Como se esta memória fosse sagrada e inquestionável tal qual os mistérios da religião.

Este símbolo foi certamente muito importante para a legitimação do poder político daqueles que ali o "plantaram". É obvio então, que não é qualquer memória que será exposta ou lembrada, mas uma muito bem articulada, que vá ao encontro de interesses determinados. Como ressaltamos no segundo capítulo, o *Panteón* foi erigido pelo governo militar que acabava de ascender ao poder após a Guerra do Chaco, na década de 1930¹. A construção dessa memória e a crítica a essa mesma construção reúnem questões que estivemos analisando até aqui, e neste capítulo estaremos discutindo o encontro entre a história e a literatura como uma possibilidade a mais para se pensar nestas construções.

¹ Lilia Moritz Schwarcz enfatiza esta questão das imagens do poder, destacando que também a monarquia brasileira representou um símbolo fundamental para a conformação da nação brasileira, como um elemento de unidade do território tão imenso. Além disso, a ligação entre a monarquia e a religião também é fundamental. *As barbas do imperador*: D. Pedro II, um monarca nos trópicos. São Paulo: Cia das Letras, 1998. pp.11-23.

I. O encontro entre história e literatura

Quem acompanhou este trabalho até aqui perceberá que não é nosso objetivo escrever uma biografia de Francia ou algo assim. Nem apenas mostrar o quanto é representativo de uma ditadura a obra de Roa Bastos. Ou até acrescentar mais uma representação à já bastante extensa lista existente sobre este ditador. Como ressalta Lilia Moritz Schwarcz² com relação a Pedro II, mas que podemos perfeitamente estender a Francia, personagens históricos de relevante atuação acabam por transformar-se em figuras míticas, o que leva seus estudiosos a uma dificuldade em discernir onde termina o fato e começa a construção do mito. Neste sentido, suas biografias pecam pelo elogio excessivo ou pelo descaso, tal qual as obras que tratam de Francia que pudemos avaliar. Dessa forma, também não desejamos provar se a historiografia é mais "fiel" à história que a literatura ou vice-versa. Nosso objetivo está em mostrar como a literatura e a historiografia que tem por tema o ditador Francia se relacionam.

Nos debates já bastante longos entre história e literatura, alguns autores como Peter Burke³ ressaltam que a dúvida acerca das fronteiras pode ir mais longe do que imaginamos, podendo atingir a Antigüidade Clássica, em que a distinção a ser feita seria entre história e ficção. Segundo Burke, essas fronteiras se diluíram e se fecharam através dos tempos, dependendo somente do critério de verdade de um dado texto e de como uma época aceita mais ou menos estes critérios.

Em nossa época, parece que estas fronteiras tornaram-se novamente fluidas. Principalmente na segunda metade deste século, as discussões parecem estar cada vez mais inflamadas. Com o advento da proclamada pós-modernidade, muita dúvida assalta quem

² Lilia Moritz Schwarcz, *op. cit.*, p.22.

³ Peter Burke. "As fronteiras instáveis entre história e ficção." In: *Gêneros de fronteira: cruzamentos entre o histórico e o literário*. São Paulo: Xamã, 1997. pp.107-114.

quer pretenda estudar história ou literatura. Alguns profissionais das duas disciplinas parecem estar querendo provar que sua área tem mais legitimidade para conhecer o passado que a dos outros. O que deve-se ressaltar, no entanto, é que ambas, história e literatura têm em comum uma intensa procura por novos caminhos. A literatura não quer mais ser apontada apenas como arte e, tal qual a história, busca contato com outros campos do conhecimento para seu desenvolvimento⁴. Por outro lado, em seu universo de "parcerias" a história certamente ocupa um posto de destaque.

Sendo assim, parece que um elemento, que com muitas discussões já se consagrou, seria a utilização da literatura como fonte para a história. No caso da literatura, a história também tem sido buscada cada vez mais pelos romancistas latino americanos e europeus. Afinal, como seria para García Márquez imaginar uma cidade como Macondo, no século XIX, ou parte da Europa medieval no século XVI por Eco, bem como Érico Veríssimo reconstruir a saga da formação das fronteiras do sul sem a utilização de trabalhos de historiografia? Mas, os literatos não se contentaram somente com o resultado da pesquisa de outros, partiram para sua própria pesquisa e aproximaram-se do ofício de historiador, no entanto, despreocupados com as metodologias acadêmicas que amarram parte da imaginação. Como ressaltava Marisa Lajolo⁵, seria difícil pensar em Canudos sem Euclides da Cunha, bem como, seria impossível desatrelar a poesia de Castro Alves do movimento abolicionista.

Nosso último capítulo terminou com uma instigante citação do ditador do romance *Yo el Supremo*. "Distingan lo ilegítimo de lo legítimo" nos propõe o personagem da ficção. Ao fazer esta afirmação, na trama do romance, o Ditador está se referindo a uma parada que ele está assistindo, juntamente com representantes dos países vizinhos, Brasil e Argentina, na qual desfilam elementos

⁴ Francisco Iglésias. "Apresentação". In: Leticia Mallard (et al.) *História da Literatura: ensaios*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1994. pp.07-13.

⁵ Marisa Lajolo. "Literatura e história da literatura: senhoras muito intrigantes". In: Leticia Mallard (et al.), *op. cit.*, pp.21-36.

pertencentes tanto à história colonial paraguaia como outros contemporâneos de França.

*"les ofrezco el despliegue de la parada que cubre dos primeras décadas de la república, incluida la última década de la colonia. Distingan lo ilegítimo de lo legítimo (...) ;Pásmense zonzos! Vean los límites. Las líneas divisorias de las aguas. El lado de aquí y el lado de allá de lo real"*⁶

Em um ambiente de fantasia, várias épocas são superpostas, estando lado a lado tanto os cavaleiros que lutaram em Takuary e Paraguari como pessoas que foram fuziladas pelo ditador no ano 1821, como Fulgencio Yegros⁷. Em um episódio descrito em uma peça de literatura eventos históricos reais são misturados e transformados em uma parte da ficção. Perderiam a sua legitimidade como elementos históricos quando passados ao território da literatura?⁸

Acreditamos que o enigma proposto pelo ditador do romance, longe de referir-se apenas às circunstâncias do desfile, aplica-se muito bem ao debate sobre história e literatura no caso paraguaio. Se o Ditador passa todo o tempo tentando nos alertar para os perigos das construções da memória, este pode ser bem mais que um aviso. Distingam o ilegítimo do legítimo, o falso do verdadeiro, naquele desfile, é o que o Ditador cobra de seus assistentes,

⁶ YES, p.269.

⁷ YES, p.223.

⁸ Existem critérios na literatura que nomeiam e definem quando um dado evento histórico passa a categoria do romance. Walter Mignolo apresenta-nos duas classificações, sendo uma de John Woods cujos principais critérios são enunciados constitutivos de entidades não-existentes e enunciados ficcionalizadores de entidades existentes, em que o primeiro refere-se a elementos que não existiam antes de aparecerem na ficção e o segundo refere-se a personagens reais antes da ficção, como é o caso de figuras históricas; Mignolo apresenta-nos ainda a classificação de Terence Parsons, que são entidades nativas e entidades migrantes, em que o primeiro refere-se a elementos da ficção que não conhecíamos antes e o segundo a elementos que já reconhecíamos antes da ficção, como é o caso de personagens históricos. *Apud*: Walter D. Mignolo. "Lógica das diferenças e política das semelhanças: da literatura que parece história ou antropologia e vice-versa". In: CHIAPPINI, Lígia e AGUIAR, Flávio

referindo-se aos representantes de diversos períodos da história paraguaia desfilando em conjunto. Parece que Roa Bastos está perguntando aos leitores qual a "verdade maior", a dele ou a dos historiadores que ele utilizou. Mas, o que fica em nossa mente é o apelo que o personagem parece fazer: solucionem o enigma, o romance pode ser uma forma legítima de se contar uma história, ou esta função somente pode ser exercida pela historiografia? O que o romance pode oferecer que a história não pode?

Esta questão é bastante presente nos intensos debates e questionamentos que a história sofreu e sofre ao longo do tempo e está relacionada diretamente à questão da verdade. Somente os historiadores têm direito a conhecer o passado? Somente a história pode aproximar-nos de um evento distante no tempo de forma mais verdadeira?

Embora os debates sobre a história e suas histórias sejam de longa data, como bem ressaltou Burke, na historiografia européia e norte americana mais recente, as décadas de 1960, 1970 e 1980 foram palcos de intensos e acalorados debates sobre os desenvolvimentos da historiografia. Questionamentos sobre os rumos que a história estaria tomando, sobre a intensa fragmentação que a história sofria, com o advento de outros campos de pesquisa, sobre os desenvolvimentos de outras áreas das ciências humanas e qual deveria ser a participação da história. Além disto, se novas teorias de outros ramos das ciências humanas poderiam oferecer novas formas de avaliação para os estudos históricos, ou que tipo de contribuição o conhecimento histórico poderia oferecer. Estes debates inserem-se em uma busca por respostas acerca das mudanças da historiografia, que, estando ligada ao tempo atual, carece de novas explicações e novas teorias que possam atender à realidade, que é dinâmica.

Como já ressaltamos, o mote deste debate parece ser a questão da verdade que a história poderia oferecer aos seus leitores. Mas, esta verdade está estreitamente ligada à questão da

objetividade dentro da disciplina, o que poderia conformá-la como uma ciência, ou uma arte, dependendo do grau deste critério de objetividade.

No caso europeu, poderíamos lembrar de Roger Chartier⁹ explicitando de que forma se deu o desenvolvimento da história cultural francesa, como uma espécie de revide ao assédio de outras disciplinas, querendo ocupar o posto da história dentro da academia. Chartier destaca que nas décadas de 1960 e 1970 a história, que era institucionalmente dominante na academia, estava intelectualmente ameaçada por outras disciplinas, dentro de um jogo político que ansiava pelo poder dentro das universidades. Para o autor as outras disciplinas tentaram desqualificar a história neste embate, principalmente em seu empirismo, forçando-a a buscar soluções, que no caso em questão, foi a de utilizar conceitos já consagrados em outras ciências, sem deixar de lado conceitos que haviam fortalecido a disciplina e voltar à inspiração dos Annales, de estudar mentalidades, que havia ficado de lado por causa da exploração talvez excessiva do social.

No caso dos Estados Unidos, poderíamos destacar a historiadora Joan Scott, que revela simpatias pelo pós-estruturalismo devido à necessidade, segundo ela, de uma epistemologia mais radical para o estudo do movimento de mulheres. Scott afirma que a necessidade de examinar categorias como homem e mulher, classe, cidadão, trabalho, do ponto de vista da discriminação e da desigualdade, se mostrou difícil dentro da história social. Esta epistemologia mais radical a autora encontrou no pós-estruturalismo, principalmente ligado a Jacques Derrida e a Michel Foucault, com a relativização do estatuto do saber e a vinculação do saber ao poder¹⁰.

EDUSP, 1993. p.125-6.

⁹ Roger Chartier. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1987.

¹⁰ Joan W. Scott. "Prefácio a *Gender and Politics of History*." In: *Cadernos Pagu*, (3), 1994. Publicação do Núcleo de Estudos de Gênero - UNICAMP, Campinas - SP.

O que podemos detectar é que todos estes debates, envolvam literatura ou outra ciência, têm total vinculação política, seja na academia, seja relacionado aos grupos dominantes, e não diz respeito apenas a idéias mais nobres como o desenvolvimento da disciplina. Se por um lado a busca de teorias que possam explicar melhor os novos problemas que se colocam dentro da realidade dinâmica em que vivemos, e que as antigas teorias poderiam não mais explicar é uma constante, por outro o prestígio dentro da academia parece ser também muito importante. As lutas pela dominação dentro dos departamentos de história, ou de forma mais geral, dentro dos institutos de ciências humanas, é muito forte.

Nosso interesse neste debate obviamente diz respeito à participação da literatura. Ressaltamos anteriormente que o uso da literatura como fonte tem sido bastante freqüente. Mas não que isto tenha sido feito sem questionamentos. Historiadores mais tradicionais bradam que literatura não pode ser fonte, outros, que já perceberam o devido sentido e os esclarecimentos e delícias que a literatura pode proporcionar, esforçam-se para encontrar elementos para uma justificativa. Assim, dentro do debate da disciplina história, em meio a questionamentos da importância do autor, do contexto, de possibilidades de novas fontes, de novas abordagens para melhor responder aos questionamentos da realidade atual, pergunta-se, e a literatura, como pode nos auxiliar?

Para Ginzburg a história, apesar da impossibilidade de experimentação, elaborou critérios de cientificidade fundados sobre a noção de prova. Dessa forma, a investigação de eventos documentalmente imprecisos repousaria não na dicotomia verdade e invenção, mas sim em uma integração entre realidades e possibilidades¹¹. Neste sentido, a idéia de ficção na história seria afastada.

Outro item destacado por Ginzburg refere-se às narrações em geral e às narrações historiográficas. Para o autor, o

¹¹ Carlo Ginzburg. "Provas e possibilidades à margem de "Il Ritorno de Martin Guerre"". In: Carlo Ginzburg. *A Micro História e outros ensaios*. Lisboa: Difel, s.d. p.183.

interesse dos historiadores por temas e formas de exposição antes consagrados aos romancistas, significa um desafio no domínio do conhecimento da realidade e não um retorno da história narrativa.¹² O autor lembra que até pouco tempo a grande maioria dos historiadores acreditava serem incompatíveis a história com um caráter científico e a sua dimensão literária. Entretanto, este debate continua acentuado como temos destacado. Historiadores têm muita desconfiança com relação a textos que demonstrem uma narrativa mais requintada, pois poderia levar a questionamentos acerca de uma fidelidade do texto em relação às suas fontes.

O que podemos constatar, no entanto, é que não há incompatibilidade entre a cientificidade da história e a escrita com uma narrativa mais rebuscada. Em outras palavras, a história continua sendo história, e sua dimensão literária pode aproximá-la da literatura, mas não vai torná-la uma invenção, porque ela tem pressupostos que a regem que não são os mesmos da literatura.

Esta questão da narrativa suscita muitos problemas àqueles que defendem a história como uma ciência. De acordo com Gilles Gaston Granger¹³, a linguagem condiciona todo o conhecimento objetivo. Por conta desta falta de uma linguagem científica (linguagem matemática), tentada já algumas vezes na história, pelos marxistas por exemplo (através de conceitos não-matemáticos e de modelos), a disciplina acaba sendo questionada acerca de sua objetividade. Querendo ou não, o veículo formal de ambas, história e literatura é a narrativa. E é aqui que se encontram os maiores problemas.

Fortemente calcado na questão da linguagem e em suas teorias, temos um outro momento de questionamento da historiografia, que apareceu sob diversos nomes, quais sejam pós-modernismo, pós-estruturalismo, *linguistic turn*. Se anteriormente havia uma busca por certa verdade, sempre invisível, mas que poderia ser definida, ou aproximada, para os teóricos da pós-

¹² *Ibidem*, p.194.

¹³ Gilles Gaston Granger. *Filosofia do Estilo*. São Paulo: Perspectiva, Ed. da USP, 1974. p.137.

modernidade isto seria impossível, pois não existiria um real a ser buscado, já que o que existiria seria um simulacro, ou melhor dizendo, cada aproximação de um dado texto dependeria grandemente da subjetividade do leitor. Para estes autores, a importância do texto assume limites não imaginados anteriormente.

Elegemos David Harlan para ilustrar o debate que alguns autores chamam de retorno da literatura.¹⁴ Para o autor, após a época em que historiadores acreditavam na cientificidade da sua disciplina, com o desenvolvimento das teorias da linguagem e da crítica literária, essa confiança se viu abalada. A confiança em um passado fixo e determinável se esfacelou. Harlan destaca que, ao sistema lingüístico de Saussure, fixo e determinável, se opôs um sistema mais dinâmico. No sistema lingüístico de Saussure, a linguagem constitui e articula a realidade. Assim, o signo seria a união de uma palavra e a idéia por ele representada, ou seja, significado e significante estariam unidos. A este sistema foi contraposto o de Pierce, no qual significado e significante não estão ligados, apontando para outros significantes. Neste sentido, a crença de que a narrativa histórica seria algo fixo e determinável tal como pudemos destacar anteriormente foi posta em xeque.

Uma outra questão é o desenvolvimento da crítica literária, que para Harlan, abalou principalmente o ramo da história intelectual, com a mudança na narrativa. Esta, que antes era tomada como fixa e determinável, se viu comprometida com a noção de que significado e significante não estão unidos, mas sim, que os significados podem remeter a outros significantes, só dependendo de quem leia a narrativa. Ou seja, a narrativa pode ter variados significados, e desta forma, o autor da narrativa não teria importância alguma. Dessa forma, para os pós-estruturalistas o modelo da linguagem tem seu autor ausente, um público desconhecido e um texto com variadas significações. Ou seja, o

¹⁴ David Harlan. "Intellectual History and the return of literature". In: *American Historical Review*. V.94, nº 3, jun. 1989. Trad.: José Antônio Vasconcelos, doutorando em História Social, IFCH - UNICAMP.

autor já não teria mais importância, e decorrente disto, o texto com um significado determinado também, pois ele se remeteria a outros variados textos. Ele estaria em uma rede intertextual.

Mas parece que o grande destaque do chamado pós-modernismo - se não, o mais criticado - foi o norte-americano Hayden White. Embora seu trabalho tenha mais ou menos três décadas, até hoje ainda surgem acaloradas discussões envolvendo suas posições. Para este autor, a história se encontraria em um dilema sobre ser arte ou ciência, e que os profissionais da historiografia se comportariam de maneira ambígua, respondendo que a história estaria em um plano intermediário entre as duas. Esta estratégia, para White, significaria se esquivar das críticas tanto de literatos como de cientistas sociais, já que a história não se submete aos modelos críticos nem da arte nem da ciência. Para o autor, o historiador não estaria apto para ter os objetivos do cientista, nem teria a inventividade do artista, o que o levaria a minar ambos os campos¹⁵.

"Como se pode dizer, então, que o historiador profissional está especificamente qualificado para definir as perguntas acerca do registro histórico e por si só é capaz de determinar quando foram dadas as respostas adequadas às questões assim colocadas?"¹⁶

Como o historiador se julga no direito de fazer as melhores questões, aquelas que possibilitem de fato o conhecimento do passado ou uma melhor aproximação a ele, se nem consegue se definir acerca de sua disciplina, se ela é de fato ciência, ou é arte? Como pode-se perceber, White, além de tudo, critica a própria formação do historiador, questionando sua abordagem do passado. White proclama também que a história ainda viveria no século XIX, pois este teria sido o momento em que a ciência e a arte estavam unidas para entender as experiências da revolução

¹⁵ Hayden White. "O Fardo da história". In: *Trópicos do Discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. São Paulo: Edusp, 1994.

¹⁶ *Ibidem*, p.53.

francesa. Só que para o autor, enquanto artistas e cientistas reviram suas posições, os historiadores continuaram com as mesmas concepções de arte e ciência desde então.

Para historiadores do "outro" grupo, como Ginzburg, a prova, ou a evidência, levam-nos para algo que aconteceu no passado. No caso do historiador pós-modernista, a evidência levaria a outras interpretações, não a uma possibilidade de verdade. Parece que, a grosso modo, a questão é de se o real de fato existe, ou melhor, se o historiador estaria capacitado a encontrá-lo. Como percebe-se, está bastante calcada na questão da linguagem, ou melhor, de sua filosofia, e também na crítica literária. Os textos apontariam para as possibilidades do presente, e não para o seu contexto histórico ou para as intenções de seu autor. Lembrando que, para White, o tão caro e necessário contexto para os historiadores sociais é produto da capacidade fictícia dos autores que estudaram os documentos históricos¹⁷. Dessa forma, as possibilidades de conhecer o passado ficariam mais difíceis, pois cada obra produzida sobre este passado seria mais uma interpretação a ser considerada. Assim, uma possibilidade de real.

A forma que White expõe o problema reduz o conhecimento histórico a algo desnecessário e sem importância, pois se a história nem é a arte nem é ciência, que coisa seria então? Mais que isto, historiador poderia ser qualquer um, pois para White, a qualificação necessária para "fazer história" não é nada que qualquer um com uma certa dose de boa vontade não o faça.

Mas, mesmo historiadores mais tradicionais, como ressaltou Ginzburg, têm uma certa desconfiança com a narrativa mais rebuscada, dizendo que ela se pareceria com um romance. Natalie Davis nos dá algumas sugestões sobre a história que se pareceria romance, ou que pareceria ter invenção demais na Introdução de seu

¹⁷ Hayden White. "O texto histórico como artefato literário". In: Hayden White, *op. cit.*, p.106.

livro *O Retorno de Martin Guerre*¹⁸. Tendo sido roteirista de um filme realizado na França, *Le Retour de Martin Guerre*, como historiadora, não ficou satisfeita com os resultados do trabalho, pois naquela forma de representação - o cinema - , apesar de realizado cuidadosamente, baseado em fontes, o filme não deixava espaço para dúvidas, para o "talvez" a que o historiador sempre recorre quando as evidências não são suficientes. Propiciava uma versão única e fechada. Percebendo as lacunas apresentadas pela obra cinematográfica, foi em busca de reconstruir a trajetória de Martin Guerre, que resultou no referido livro. Vejamos uma das afirmações de Davis, que deixaria qualquer historiador tradicional nervoso, e por outro lado abre espaço para outros profissionais questionarem a objetividade da história:

"o que aqui ofereço é, em parte, uma invenção minha, mas uma invenção construída pela atenta escuta das vozes do passado"¹⁹

Invenção? Mas isto não seria prerrogativa da literatura, já que os textos historiográficos tem uma certa pretensão à verdade? Porque, com relação a ouvir vozes do passado, os literatos também o fazem. Sabemos, além disso, que a idéia de verdade a ser atingida a muito que está estremecida. O que se obtém são versões, obviamente levando em consideração os critérios da história. O historiador profissional deveria discutir as metodologias e as fontes utilizadas, no sentido de desenvolver a história como uma possibilidade de conhecimento da realidade de forma mais concreta. No entanto, outros profissionais acusam os historiadores de que sua metodologia e formas de explicação tornariam a história uma disciplina que somente estuda o passado, sem se preocupar com os acontecimentos presentes, ou sem ter nenhuma ligação com estes. Outros, destacam que as novas teorias

¹⁸ Natalie Zemon Davis. *O retorno de Martin Guerre*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

¹⁹ *Ibidem*, p.21.

estariam acabando com a figura do autor, a objetividade e as possibilidades de se fazer história profissionalmente.

Joan Scott destaca que o debate sobre a utilização de técnicas associadas a textos, que sempre pareceu mais próximo da literatura no estudo da história, não deve deixar de lado implicações sobre a diferença entre as disciplinas. A autora acredita que as disciplinas história e literatura definem suas especialidades pelo contraste com os objetos de pesquisa e os métodos de interpretação da outra. E posições como texto-contexto, ficção e verdade, arte e ciência estruturam estas disciplinas. As diferenças existentes poderiam representar obstáculos ao trabalho interdisciplinar²⁰ apenas para aqueles que são aferrados aos seus métodos, pois a metodologia de uma disciplina pode servir para outras avaliações dentro da outra disciplina. Assim, a história e a literatura podem ser definidas como campos distintos de saber, cada qual com suas metodologias próprias.

Passemos então a uma melhor definição de rumos. Por que se proclamaria tanto a semelhança muitas vezes apresentada pela literatura e pela história se elas fossem de fato semelhantes? É o que questiona um profissional da literatura, Walter Mignolo. Para este autor qualquer pessoa que seja educada na tradição ocidental, mesmo não sendo especialista em discurso, literatura e outros, seria capaz de distinguir entre literatura e história, ou melhor estaria apta a diferenciar e compreender as duas disciplinas. Ressalta ainda que, quando esta pessoa se depara com textos literários e historiográficos que desafiam as diferenças, é necessário que elas sejam reconhecidas.

"se não prevalecesse a diferença entre 'literatura' e 'história', qual seria o motivo para enfatizar a semelhança, se fossem, de fato, aceitas como semelhantes?"²¹

²⁰ Joan Scott, *op. cit.*, p.22.

²¹ Walter Mignolo, *op. cit.*, p.116.

Parece óbvia a afirmação do autor, mas, é importante a atenção a este ponto, pois a análise do debate entre a literatura e a história tem pressupostos políticos que as fundam. Mignolo fornece ainda algumas convenções, no domínio da linguagem, que permitem diferenciar a literatura e a história, que são os conceitos de ficcionalidade e de veracidade²². Segundo o autor a convenção da ficcionalidade não é uma condição necessária da literatura, ao passo que a convenção de veracidade é necessária ao discurso historiográfico. Sendo assim, poderíamos filiar um dado texto seja à literatura seja à história, obedecendo a estes critérios.

Mas o romance tem como uma de suas características como gênero discursivo a imitação de qualquer discurso imaginável²³. O romancista pode mudar do discurso antropológico para o sociológico ou historiográfico da maneira que for conveniente ao seu texto e objetivos. Daqui entendemos que o autor aponte um caminho no qual se possa entender a semelhança de um romance com uma obra historiográfica. Não é porque a obra literária pretenda ser história, mas sim porque ela pode imitar o discurso da história em sua composição. É o que acontece com o romance que utilizamos em nossa pesquisa, *Yo el Supremo*. Roa Bastos pode não pretender ser

²² Walter Mignolo define da forma que se segue estas convenções. Convenção de veracidade: "a linguagem é empregada segundo a convenção de veracidade *V*, quando todo membro *M*, de uma comunidade lingüística *Cm*, ao desempenhar uma ação lingüística *AL*, espera que os outros membros de *Cm*, envolvidos em *AL*, reajam de acordo a *V* e aceitem: primeiro, que o falante se compromete com o 'dito' pelo discurso e que assume a instância de enunciação que o sustenta (por isso, o falante pode mentir ou estar exposto à desconfiança do ouvinte); e, segundo, que o enunciante espera que seu discurso seja interpretado mediante uma relação 'extensional' com os objetos, entidades e acontecimentos dos quais fala (por isso o falante fica exposto ao erro)"; convenção de ficcionalidade: "a linguagem é empregada conforme a convenção de ficcionalidade *F*, quando todo membro *M*, de uma comunidade lingüística *Cm*, ao desempenhar uma ação lingüística *AL*, espera que os outros membros de *Cm*, envolvidos em *AL*, reajam de acordo com *F* e aceitem: primeiro, que o falante não se compromete com a verdade do 'dito' pelo discurso (por isso, o falante não está exposto à mentira); e, segundo, não espera que seu discurso seja interpretado mediante uma relação 'extensional' com os objetos, entidades e acontecimentos dos quais fala (por isso o enunciante não está exposto ao erro)". Walter Mignolo, *op. cit.* p.123.

²³ Bakhtin, *Apud*: Walter Mignolo, *op. cit.*, p.131.

mais "verdadeiro" que a história, mas pode elaborar um discurso parecido.

Assim, mesmo que possamos nos perguntar o que seria *Yo el Supremo*, de acordo com Mignolo, não há como não filiá-lo à literatura, ainda que isto se dê por deficiência, pois, dadas as alternativas possíveis nos marcos discursivos vigentes, não como classificá-lo senão como romance.

O modo proposto para abordagem do romance no primeiro capítulo deixa claro que nossa avaliação se encontra distanciada das idéias dos pós-modernistas. O texto e o seu autor têm uma ligação crucial para as interpretações expostas, tanto no caso do romance como da historiografia. Seria impossível separá-los de seus contextos para perscrutar os possíveis objetivos. Como ressaltou Sidney Chalhoub, historiadores sociais devem ser "profanadores"²⁴. Assim, tomando um romance como um fato social ele necessita ser datado, as intenções de seu autor têm de ser pesquisadas, bem como o contexto em que o romance foi produzido e a situação de seu autor na época, para assim poder tomá-lo como uma possibilidade de interpretação para um dado período. Percebendo suas redes de ligações podemos tornar inteligível um dado evento histórico. Mesmo que este romance, tal como *Yo el Supremo*, não seja uma fonte para a época, tal como as obras de Machado de Assis, ou Joaquim Manuel de Macedo²⁵.

Mas, não estivemos apenas em busca de referenciais na realidade, como seria o caso de uma história tradicional, para que se pudesse confirmar através de outros textos a veracidade de um dado fato no romance. Admitimos que o romance tem outras características para sua avaliação estética que foge aos nossos

²⁴ "Diante dos poetas do Olimpo das letras, não passamos com chapéu à mão, curvando-nos respeitosamente. Chapéu à banda, passamos gingando. Por obrigação de ofício, historiadores sociais são profanadores." Sidney Chalhoub & Leonardo Affonso de Miranda Pereira (orgs.) *A história contada: capítulos de história social da literatura*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998. p.07.

²⁵ Na obra *A história contada* as sugestões de trabalhos historiográficos tendo a literatura como fonte são variadas. Assim, encontramos Jorge amado, José de Alencar, Mário de Andrade e outros.

objetivos, que talvez possibilitem sua avaliação apenas textual. Seria por estas características que ele perduraria através do tempo como representativo de um dado evento histórico, ao contrário de obras de historiografia, como, por exemplo, a Guerra de Canudos representada por Euclides da Cunha? Talvez sim, ou quem sabe seja pelas características diferentes das duas disciplinas.

No caso paraguaio que estudamos, o romance se apresenta como uma forma de conhecimento bastante profícua. A história de Francia, sempre apresentada a partir da história oficial se reduzia à dicotomia do bem e do mal que o ditador poderia ter representado. O romance, ao trazer o ditador para a ficção, pôde torná-lo mais próximo do comum, das pessoas, brincando com o mito, com o todo-poderoso, que segundo as representações correntes na historiografia e também em memórias, era aquele que fazia e desfazia de acordo com seu humor, e que tinha poder de vida e de morte sobre todo o país. A idéia de que sua casa era um ambiente sombrio e de que havia castigo para quem para dentro dela olhasse, por exemplo, convertem Francia em algo além do humano.

A obra literária, por outro lado, situa-nos em várias perspectivas, mas principalmente do ponto de vista do ditador. Passeamos dentro de sua casa, sentimos seus achaques e suas dores, sofremos com seu corpo, já bastante velho e decadente, com sua gota e outros problemas de sanidade física e mental. Acompanhamos seu tortuoso pensamento, de dentro, e todos os seus delírios e dúvidas. Ou seja, parece uma figura bem próxima do humano. Sentimos suas mazelas, desilusões, problemas existenciais. É aquele que odeia, ama, sofre, ao contrário do que apresenta a história oficial: ou seus sentimentos são nobilíssimos, sendo tudo que faz em nome da pátria, ou é o tirano sem alma ou coração.

Sendo assim, Francia aparece desde uma outra perspectiva. Obviamente, sempre existirão aqueles que questionarão se aquele personagem representado na ficção é de fato Francia, o ditador paraguaio do século XIX. Não temos a pretensão de achar que Roa Bastos é um historiador, e que quis construir um personagem mais verídico do que aquele das obras de historiografia. Como afirmamos

anteriormente, o romance, como um gênero discursivo, pode imitar qualquer discurso possível, e neste caso o discurso imitado é o historiográfico.

Apesar de ser uma obra que suscita a dúvida, seguindo Mignolo, não há como não situá-lo dentro da categoria romance. Mas ele tem elementos que provocam muitas suspeitas acerca das intenções do autor. Assim, é um romance com notas de rodapé, nas quais o que se encontra, na maioria das vezes, são trechos de historiadores que escreveram a história de Francia. Estas notas estão presentes como a confirmar aquilo que o romancista escreve. Há que se destacar que as citações nem sempre são completas, mas com algum esforço o leitor interessado consegue desvendar a maioria delas. O que remete a um segundo ponto, que é o leitor conhecer a historiografia e memórias sobre aquele personagem histórico, o qual não se diz o nome, mas rapidamente se pode concluir que se trata de Francia, um dos ditadores paraguaios do século XIX. Aqui encontramos então nova justificativa para aqueles que duvidam ser baseado em Francia o romance.

Um outro ponto de dúvida é o narrador, que se nomeia compilador, como se não estivesse acrescentando uma única palavra além do que está escrito ou do que conseguiu com sua pesquisa sobre *El Supremo*. Alguns recursos ele utiliza para que o leitor acredite nisto. Já no início da obra nos alerta que Francia, na velhice, fazia anotações sobre sua vida nos livros de caixa, que eram os livros de contabilidade do governo. E mais, que ateou fogo à sua documentação pouco antes de morrer, o que possibilita ao compilador parar em meio à narração, mudando de assunto, dizendo que a página estava queimada. Além disto, existem as pesquisas de historiadores ao final do romance acerca dos restos mortais de Francia, e também uma nota final afirmando que nenhuma palavra foi dita sem que existisse um detalhe de real. Um romance feito para confundir. Uma obra literária que de alguma forma transgride a dita fronteira entre a literatura e a história, ainda que seja através do sarcasmo, da ironia.

"*Yo el Supremo*, romance?" foi um dos subtítulos de nosso primeiro capítulo. Na ocasião, nosso objetivo era suscitar a dúvida, que de fato assalta o leitor no primeiro contato com esta obra. Nossa intenção ao descrever a trama do livro era instigar o leitor a pensar que aquilo poderia enquadrar-se perfeitamente bem como um relato historiográfico. Que talvez pudesse ser alguma outra coisa além de romance, tal a sua estrutura e sua trama. Mas, como pudemos observar através das asserções de Walter Mignolo expostas anteriormente, seus elementos só permitem enquadrá-lo como literatura. O fato de por vezes parecer um relato historiográfico, ou um testemunho, pode ser solucionado perfeitamente dentro de sua categoria discursiva, que permite a imitação de qualquer discurso.

Antes de avançar um pouco mais, caberia retomar um pouco a historiografia que estudamos no segundo capítulo. É óbvio que é uma historiografia datada, como todas são. Nossos historiadores têm um objetivo aparente muito claro, qual seja, construir uma representação de Francia e de sua ditadura. Cada um desses historiadores, como pudemos observar, leu as mesmas fontes, selecionou o que melhor interessava aos seus objetivos e escreveu seu trabalho. Todos acabam por querer conhecer a "infância" do Paraguai, e a época de seu primeiro governante para entender a sua própria. Ou resgatam este período para proporcionar exemplos, seja para seu próprio tempo, ou para o futuro. A ditadura como marca da política paraguaia parece estar em todos esses escritos. Assim, a de Francia é mostrada como aquela que tornou o país independente, podendo despontar como uma das nações de maior desenvolvimento na América Latina do início do século XIX, ou como a mais terrível e sanguinolenta deste nosso continente. O que encontramos, de qualquer forma, é o historiador que sempre se preocupa com a realidade do seu tempo, procurando caminhos, resgatando memórias.

Mas, como pudemos observar nesta historiografia, o revisionismo histórico empreendido após a guerra do Chaco teve uma importante atuação na recuperação dos temas a serem estudados. Voltando ao início deste capítulo, no qual falávamos do *Panteón*

Nacional de los Héroes, ele representa um monumento oferecido à população como um altar aos deuses mortos, misturado ao elemento religioso, que é outra forte questão em um país de maioria católica. O revisionismo é muitas vezes o caminho utilizado pelos poderosos para fazerem valer seus atos. Assim, a inauguração do *Pantéon*, o sincretismo religioso com a padroeira da capital e o resgate historiográfico apontam para o momento político do país, e podem representar uma utopia sobre o passado e sobre o futuro, e iludem, com um futuro promissor como fora o passado.

A falta de trabalhos historiográficos recentes sobre Francia dentro de seu próprio país nos leva a essas obras quando buscamos saber sobre o ditador. São os trabalhos clássicos sobre ele, como já pudemos ressaltar. Existem alguns mais recentes, porém imbuídos desta mesma filosofia dicotômica. Certamente, a longuíssima ditadura Stroessner influenciou esta ausência de estudos mais completos acerca do primeiro líder do país independente. Sabemos de todo aparato repressivo que cerca umaum regime destes, e temos o exemplo da obra de Juan Andrés Gelly, *El Paraguay, lo que fue, lo que es y lo que será* com a cópia de um decreto de Stroessner permitindo a publicação do livro como uma "obra útil". Ou seja, tudo, ou quase tudo deveria passar pelo crivo da censura.

Podemos divagar um pouco então. Talvez para os paraguaios que não puderam ou não quiseram sair do país fosse mais fácil, ou a melhor forma para obter postos importantes em termos profissionais, agradar a quem estivesse no poder. Certamente que este motivo pode existir, no entanto, parece ser muito pouco. Pode ser também uma estratégia de sobrevivência. Mas, quando pensamos no *Instituto de Investigaciones Históricas Dr. José Gaspar Rodríguez de Francia*, onde um dos objetivos principais é instruir a população sobre o "glorioso" passado paraguaio²⁶ percebemos que a idéia da recuperação dos grandes heróis como que se entranha, e

²⁶ Anuário do *Instituto de Investigaciones Históricas Dr. José Gaspar Rodríguez de Francia*. Asunción, ano V, n.º 5, 1983.

acaba até por parecer natural. É a fixação e manutenção do mito do passado representado como melhor do que o presente.

Mas, se perguntará o leitor: pode uma historiografia datada como esta paraguaia sobre o ditador, produzida na sua maioria na primeira metade do século XX ser comparada com um romance bem mais recente, da década de 1970? Obviamente que sim, pois ambas acabam por relacionarem-se dentro do contexto de história e memória. Ambas são parte da memória construída sobre o ditador Francia e seu período. A historiografia então, acabou por alimentar esta obra literária de alguma forma, seja em fontes, seja em possibilidades de novas interpretações. E a obra literária vem a alimentar também a memória sobre este personagem. Sendo assim, através delas há a possibilidade de conhecimento de vários Francia. São caminhos de aproximação de um passado, e através de cada um deles, o ditador poderá parecer diferente.

O que pode, então, oferecer o romance que a historiografia não pode? Analisando-o, pudemos constatar que ele está fortemente calcado em pesquisas, o que já demonstramos principalmente no primeiro capítulo. Este romance em especial, toma por base um personagem histórico real, com acontecimentos históricos reais e os recria na ficção. Embora o enredo seja de ficção, todos os personagens que aparecem vez ou outra ou freqüentemente no romance têm existência real, comprovada por documentos. Todos eles são mencionados na historiografia. Até mesmo o cachorro do ditador e todos os fantasmas que dialogam com ele. Parece que o único personagem verdadeiramente fictício na trama é o Compilador (será fictício mesmo?).

Contudo, apenas tentar provar que o autor descreve um mesmo acontecimento que os historiadores ou memorialistas já descreveram, não seria uma forma interessante de encarar a literatura nem ofereceria nada de novo. De que adianta constatar através da obra literária que Pedro Juan Caballero suicidou-se em sua cela para não ser fuzilado pelo ditador, ou que as prisões da ditadura perpétua eram verdadeiros infernos? Isto pode ser encontrado em algum livro que trate do período, ou nas memórias

dos viajantes. Apenas reconhecer que um evento que está descrito no romance ocorreu de fato não representa nenhum tipo de avanço em relação à compreensão de um dado tema.

Gostaríamos, no entanto, de ressaltar um detalhe. Esta busca de referenciais na realidade pode levar um leitor mais interessado, e que desconheça o assunto, a uma pesquisa em obras de memorialistas ou historiadores. A cada busca nestas obras de um dado evento ou personagem o leitor acabará por conhecer outros eventos que o cercaram. Ou perceberá que aquilo não foi bem do jeito que o autor contou, que o romance contou de uma outra forma, e descobrirá uma outra mensagem. Ou seja, perceberá que a história pode ser contada de várias formas.

Pudemos constatar no primeiro capítulo, através de vários exemplos, como um acontecimento pode ser retratado de diferentes formas pela obra literária e pelas obras de historiografia. Por outro lado, a historiografia de Francia, ao contrário de apresentar possibilidades, peca pelo excessivo destaque na bondade ou maldade de Francia. Sendo assim, há outra versão apresentada pela obra literária.

Como já ressaltamos anteriormente, a literatura nos aproxima mais de Francia, nos mostra o ditador de uma forma que a historiografia não. Além de estarmos junto de Francia, dentro de seu próprio pensamento, podemos participar dos eventos, podemos assistir aos seus passeios, podemos acompanhar os fuzilamentos e paradas militares, bem como suas ordens e loucuras, e dessa forma, conseguimos elaborar nossas próprias opiniões acerca de dado tema. Francia é o ditador que manda, mas por outro lado parece também representar o seu povo que sofre e é marginalizado. Ele próprio encarna o paraguaio que sente as desgraças de sua pátria na alma.

Mas por que a literatura poderia oferecer uma outra versão que a história não? E esta outra versão da literatura teria validade? Quanto a isto certamente, pois também é uma forma legítima de representação da realidade. Não há como distinguir o legítimo do ilegítimo. O que acontece é que a literatura tem mais liberdade para construir os seus temas pelos próprios pressupostos

da disciplina. A literatura não tem obrigação de buscar a verdade, nem necessita ser objetiva, pode inventar, pode criar personagens, pode ressuscitar fantasmas, pode brincar com eles. Zila Bernd ressalta que somente um texto desqualificado a priori como verídico, como é o caso da literatura, pode conter verdades que nenhum outro texto dito científico poderia afirmar²⁷. Ou seja, sob o escudo da literatura o autor pode tocar em pontos nevrálgicos em uma sociedade que o historiador ou outro cientista social não poderia. Sendo assim podemos afirmar que ao romance é possível oferecer uma versão que ainda não se escreveu na história, ou pode até antecipar temas.

No caso dos romances que têm por tema a ditadura, esta questão ressaltada por Bernd certamente é uma constante. Basta lembrar que esta variante do romance surgiu aqui nesta América impregnada das mais terríveis e sangrentas ditaduras. Se pensarmos nas dezenas de romances deste tipo, muitas vezes panfletários e inflamados, mas que puderam contar ao mundo e às pessoas que aqueles terríveis fatos ocorriam, que puderam registrar aqueles acontecimentos. Ou mais, que puderam oferecer versões que outros meios não puderam. Basta lembrar dos momentos de censura pelos quais passaram os países sob estes regimes. No caso do Paraguai então, Stroessner esteve no poder por mais de trinta anos, e além disto, a tradição ditatorial do país vem desde sua conformação em república.

Uma outra questão a se ressaltar e que certamente propicia liberdade maior aos literatos é muitas vezes eles escreveram desde o exílio. Roa Bastos, por exemplo, escreveu quase toda sua obra fora de seu país, inclusive *Yo el Supremo*. Distantes de seus países, os literatos estavam distantes também da repressão. Quanto aos historiadores que analisamos, todos escreveram, à exceção de Cabanellas, de dentro do Paraguai, e mais, todos ocuparam cargos de destaque no governo.

²⁷ Zila Bernd. (sem título). In: *Gêneros de fronteira, op.cit.*, pp.288-291.

Certamente os textos mais respeitados, com credibilidade na academia quando o tema é a história de Francia e do Paraguai são os historiadores da primeira década do século XX. Poucos se arriscarão a tirar uma citação de *Yo el Supremo*, ou dizer "segundo Roa Bastos". Mas não podemos subestimar a versão literária, pois em um país com larga tradição de ditadura, foi um romancista, dentro de toda uma geração latino americana de escritores que se lançou em busca de suas raízes, que ofereceu uma versão mais trabalhada e renovada. Mesmo que exigindo do leitor exegese, logo paciência e dedicação, em cada uma de suas páginas.

Se a obra literária propicia-nos uma outra versão, e considerando-se que a versão oferecida pela historiografia seria a oficial, no caso do Paraguai, podemos dizer que o romance pode mostrar o lado não oficial da história. Mario González²⁸ ressalta que a possibilidade dos romancistas de terem livre trânsito pela temporalidade, permite que eles possam realizar uma ampla análise do processo histórico, que muitas vezes os historiadores não conseguem.

Qual seria, então, nosso diálogo com a literatura? Como pôde-se acompanhar, nem a história se configura em uma instância uniforme, nem tampouco a literatura, que também sofre seus questionamentos. Uma questão a ser destacada é se os profissionais de literatura ficariam satisfeitos com o encaminhamento que damos à literatura, de que ela estaria sempre comprometida com a realidade. No caso deste romance e deste período não há como negar ou minimizar este comprometimento, e não é isto que torna a literatura menos imaginativa como querem alguns. Nosso diálogo se dá principalmente na possibilidade de reconhecermos uma nova versão para um tema na obra literária.

Um dado que chama bastante a atenção é que a história deste continente, cheia de mitos e personagens fantásticos parece oferecer uma via a mais neste caminho da discussão entre a literatura e a história. Como bem registrou Fuentes, como pode a

literatura ganhar a "partida" da história na América Latina? Por que, ainda a questão, a possibilidade de o romance fornecer uma outra versão, ou melhor, uma versão não-oficial?

A relação entre história e literatura na América Hispânica parece ser mais profunda do que imaginar se o autor é ou não importante no contexto, ou se a avaliação será feita desde uma perspectiva econômica ou social. Podemos partir do fato que este continente é novíssimo do ponto de vista da cultura ocidental, e que tem uma história fantástica. Basta que nos lembremos da conquista, realizada com toda a violência, três troncos raciais que se misturaram, o conquistador vindo de fora, enfrentando resistência sim, mas acabando por impor o seu sistema, que, funcionando ou não, é o que temos até hoje.

Sendo assim, parece que a idéia de colônia sempre existiu, sempre pairou em nossa história, e perdura até hoje, quando podemos assistir às mais grotescas manifestações de comemoração de nosso "descobrimento". Parte-se do pressuposto que tudo que havia aqui antes da chegada do europeu não tem valor, ou adquire valor a partir do que "eles" deixam que tenha valor. Nas manifestações culturais que sejam diferentes, o rótulo de exótico sempre tem lugar. De onde observamos que nossa história sempre foi avaliada de uma perspectiva européia - até quando "descobrimos" as minorias, os índios, os negros, isto veio de fora.

Não estamos de forma alguma desconsiderando os avanços da historiografia nacional, principalmente em termos de história social. As recentes abordagens retiram do obscurantismo principalmente as chamadas minorias, ou talvez fosse mais adequado o termo marginalizados, que por décadas foram deixados em um segundo plano, ou mesmo esquecidos, em nome de uma história que sempre privilegiava os detentores do poder. Índios, negros, mulheres puderam ser "descobertos" e valorizados em diversas medidas. Mas, mesmo aqui, a literatura pôde, por vezes antecipar alguns temas. Lembremo-nos de Lima Barreto, ou do próprio Machado,

²⁸ Mario González. (Sem título). In: *Gêneros de Fronteira, op. cit.*, pp.

com suas contundentes interpretações da sociedade brasileira do século XIX e XX.

No entanto, no caso da historiografia paraguaia ela parece não ter tido tanto avanço. Por diversos fatores, certamente, mas um deles pode ter sido a permanência de um regime ditatorial. A história do herói, a história do indivíduo ainda está presente, como vimos com a historiografia de França e seu período. O que acontece, então? Parece que quando um evento se revela fora de padrões, suas arestas são aparadas para que possa caber no "modelo", e tornar a história inteligível segundo padrões europeus ou norte-americanos. Os contrastes, as contradições, os desvios são padronizados, e o que não se enquadra ganha o caráter de monstruoso, de excepcional.

A literatura, neste sentido, seria muito mais capaz de realizar a interpretação e mesmo a fixação da história, pois neste sentido, ela pode, por suas próprias características, aceitar o que parece fantasia em suas páginas. Berthold Zilly, fazendo uma comparação entre *Os Sertões* e *Facundo* ressalta que:

"a solução para ambos consiste na utilização de recursos literários e até ficcionais, uma vez que a literatura ficcional pode conviver melhor com pontos de vista contraditórios, com o ambíguo, o lacunar, o misterioso, o inexplicável, estando dispensada da rigorosa obrigação ao raciocínio coerente, sistemático e lógico"²⁹

Não estamos desconsiderando que também a literatura deve muito às suas vertentes européias. Entretanto, ela parece ter conseguido desvencilhar-se, seja por quais maneiras, desta tutela do "ex-conquistador". Sendo assim, por suas próprias características ela conseguiria, muitas vezes, retratar melhor uma história com elementos que por vezes parecem fantásticos, ou inacreditáveis.

210-214.

²⁹ Berthold Zilly. "Civilização versus barbárie. Um confronto entre *Facundo* (1845) de Sarmiento e *Os Sertões* (1902) de Euclides da Cunha". In: *Gêneros de Fronteira*, op. cit., p.99.

Dessa forma, quando se lê algo como um presidente querendo canonizar sua mãe em páginas literárias, logo o real maravilhoso de Carpentier vem à cabeça, ou então se pensará, é uma metáfora que o autor utilizou para representar um poder sem limites. Quando se vê que o fato é real, será dito, só neste continente monstruoso, onde nada funciona, e à imitação do estrangeiro, estes estereótipos de homens poderosos abusam. Nossos ditadores são sempre apontados como caricaturas. E por quê? Porque para os padrões europeus são caricaturas, são pobres, fantoches mal articulados.

Como imaginar que o presidente da Bolívia (Peñaranda), em um conflito de impacto internacional como a guerra do Chaco poderia ser um semi-analfabeto? Se pensarmos no general Melgarejo então, aí que parecerá pura fantasia. Isto só pode ser coisa de literatura? Por que não pode ser da história? Carpentier apresenta uma definição, através de um de seus romances no qual ele também constrói um ditador, de que aqui o cartesiano não funciona, nunca o "discurso do método", mas sim o "recurso do método"³⁰. Voltando a Zilly, a literatura poderia apreender melhor o "inexplicável" da história do continente, que dentro da historiografia deveria ter explicações coerentes. Ou seja, a literatura poderia apreender melhor os "recursos", ainda que pudesse apresentar os "discursos". Parece então que, enquanto a história continental for encarada desta forma, a literatura cumprirá melhor a função de representar variados temas, no sentido de poder tratá-los forma mais livre e original. Não devemos nos esquecer também que a literatura pode oferecer também o ponto de vista oficial, reafirmando posições já consagradas.

Entendemos que um dos objetivos de Roa Bastos neste romance, como analisamos no primeiro capítulo foi de enfatizar acerca das construções da memória sobre um dado personagem, no caso Francia. Roa Bastos nos mostra de que forma ela pode ser fixada, e dos cuidados que se deve ter para avaliar um dado tema.

Além disso, somos informados sobre as várias possibilidades de interpretação que podem existir. Temos inclusive a sensação de que nada do que foi escrito sobre o ditador pode conter algum elemento de verdade, dados os interesses envolvidos. Por outro lado, ele resgata Francia, construindo-o à sua maneira, o que não significa também que seja verossímil.

Sabemos que qualquer interpretação de um personagem ou evento histórico pode ser a-crítica, recheada de interesses, parcialidades, que constróem um personagem obedecendo a momentos históricos em que estavam inseridos os seus autores (historiadores, romancistas, viajantes etc.). No segundo capítulo, nos perguntávamos qual narrativa seria mais confiável, ou se de fato existia alguma que poderia ser confiável. Ressaltamos os perigos que poderia haver em construções com objetivos os mais diversos possíveis. Relembremos algumas palavras de *El Supremo* acerca das histórias que se contaram sobre ele:

"después vendrán los que escribirán pasquines más voluminosos. Los llamarán Libros de Historia, novelas, relaciones de hechos imaginarios adobados al gusto del momento o de sus intereses"³⁰

El Supremo chama a todos, historiadores e romancistas, de profetas do passado, como se tudo produzido sobre Francia merecesse desconfiança. Pois bem, mas, para a memória de um personagem, isto teria tanta importância assim? Estivemos buscando alguns elementos tanto na história social quanto em alguns autores do chamado pós modernismo para tentar entender o relacionamento entre a história e a literatura. Pudemos observar que o grande debate gira sempre em torno da questão da objetividade da história e de como ela teria o direito de conhecer o passado.

História e literatura podem ter pontos de interseção em um dado tema estudado, ou mesmo na busca de alguns documentos; mas

³⁰ Alejo Carpentier. *O Recurso do Método*. Rio de Janeiro; Marco Zero, 1984.

³¹ *YES*, p.38

cada qual tem a sua metodologia e epistemologia próprias, pois são disciplinas diferentes. O simples fato de querer torná-las semelhantes, por si só já admite a diferença. Além disso, ambas são formas legítimas de representação da realidade, apesar de diferirem quanto às suas abordagens. No caso especial da literatura e história hispano-americana mais ainda. Vale ressaltar ainda que a literatura pode se aproveitar com mais liberdade do discurso de outras ciências, como por exemplo o discurso historiográfico. Porque o romance tem liberdade para utilizar dentro da ficção, o discurso que lhe parecer melhor. O que de forma alguma lhe retira o caráter de interpretação de uma realidade. Digamos que o romance pode descrever com mais liberdade situações que a história por vezes não pode por limitações políticas, por exemplo.

O que nos leva a afirmar que o encontro mais profícuo entre literatura e história sobre um personagem ou evento histórico é quando se unem para constituir a memória dele. Como ressaltou Le Goff:

"a memória coletiva não é somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder"³²

O autor ressalta ainda que esta memória também seria um elemento da identidade de um dado povo ou sociedade. Ora, isto leva os detentores do poder a ansiar por um controle desta memória, permitindo aparecer apenas o que seja possível para a legitimação de seu poder. Haja visto o *Panteón* que ressaltamos, onde religião e heróis nacionais se misturam, como em um culto. A possibilidade que se revela então, para a historiografia e para a literatura é oferecer elementos para que se conheça o passado, ambas mostrando, a primeira, a versão oficial, a outra ressaltando a possibilidade de outras versões.

Le Goff chama historiadores, jornalistas e outros de profissionais científicos da memória:

"cabe, com efeito, aos profissionais científicos da memória, historiadores, antropólogos, jornalistas, sociólogos, fazer da luta pela democratização da memória social, um dos imperativos prioritários da sua objetividade científica"³³

Acreditamos que faltou acrescentar literatos. Mas é claro que quando o historiador fala sobre objetividade científica, admite que a possibilidade de construção de uma dada memória somente teria lugar dentro de parâmetros ditos científicos. Como já pudemos ressaltar, a questão da objetividade científica é tão questionada, e a possibilidade de atingir uma verdade também, que podemos certamente incluir nesta luta pela democratização da memória os literatos. Estes também contribuem para a construção, fixação e manutenção dela. E quando Le Goff fala em democratização da memória, parece-nos que o romancista acaba por democratizá-la mais. No caso de Francia e da historiografia paraguaia, o romance certamente se constitui em um meio mais democrático. Não é necessário destrinchar o texto, não é necessário que se faça a sua exegese, para que se leia, saiba quem é Francia, ou quem foi Francia, seus principais atos e coisas assim. Alguém que não seja um especialista vai ficar discutindo se é verídico o que Roa Bastos escreveu? Ficaré apenas em sua lembrança que o romance *Yo el Supremo* se refere a Francia, que ele foi ditador, que cometeu crueldades e que fez algumas coisas boas para o país também. Sem precisar saber que são aquelas referências ao pé de página. Não estamos de forma alguma menosprezando a história, o fato é que neste caso o romancista foi quem ofereceu a versão mais bem acabada, bem como alertou para todas as construções realizadas.

O romance é então, também, um caminho de resgatar e preservar a memória, não só no Paraguai como em boa parte da América Latina. Embora Roa Bastos diga que é autor de relatos

³² Jacques Le Goff. *História e Memória*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1984. p. 476.

³³ Le Goff, *op. cit.*, p.477.

imaginários, escritor de ficções, isto de fato não importa para a memória de Francia. Afirma que escreveu um mito literário baseado na enigmática figura do ditador, pois não quer correr o risco de distorcer a história. Pois bem, mas a versão oferecida não só aponta caminhos como revela outras perspectivas ignoradas. Sendo assim, um importante elemento para a memória do ditador. Se, como afirma Le goff os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores³⁴, onde poderíamos procurar entender estes silêncios se não no romance.

Yo el Supremo talvez não acrescente nada em termos da historiografia do personagem, dado que é um romance, e talvez nem seja objetivo do autor. Mas, em termos da memória de Francia acrescenta e muito, pois nos mostra o Ditador como alguém próximo, com todas as limitações de um ser humano.

Neste sentido, quando Le Goff ressalta que todos devem trabalhar para que a memória possa mostrar caminhos para a libertação e não para a servidão dos homens³⁵, atentamos para a força que têm nas mãos as pessoas que são detentoras do poder da escrita. Lembremo-nos novamente de nosso continente com uma grande parcela de analfabetos, e de nossa riquíssima história, cheia de contradições e de episódios tão inacreditáveis que por vezes parecem escapar da porção do real, e na qual várias temporalidades convivem em um mesmo espaço.

Le Goff parece ressaltar que é preciso ter cuidado com os caminhos de resgate da memória. Assim, história e literatura unidas podem descortinar mistérios muitas vezes manipulados pelos detentores do poder, que decidem o que será resgatado e o que não. Que controlam o que será esquecido ou não. Dessa forma, é preciso muita atenção aos interesses de quem tem o poder de preservar a memória. É preciso estar sempre atento às "*Palabras por debajo de las palabras*".

³⁴ Jacques Le Goff. "Memória". In: *Enciclopédia Einaudi*. Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984, p.13.

³⁵ *Ibidem*, p.477.

Considerações finais

"A la tarde siguiente, desde la azotea del Cuartel del Hospital por el catalejo encañonado hacia el Chaco, vi avanzar una nube de extraña forma...;Langosta! Pensé en la doble cosecha del año perdida (...) Cuando me di cuenta estaba cayendo una manga de golondrinas que volaban a la deriva, enloquecidamente. Ciegas las aves. Los balazos del agua de la tormenta les habían reventado los ojos (...) La azotea se llenó en seguida de esas avecitas desojadas que me miraban a través de las gotas de sangre en sus cuencas vacías. Aleteaban un instante y rodaban muertas. Salí de ahí a zancadas, sobre el crujipío de los huesitos³⁶"

Os pássaros, na tradição guarani, representam o dom da visão da terra, ou seja, teriam uma capacidade de enxergar privilegiada³⁷. Mas como ressalta o Ditador na citação acima, estes pássaros voam sem rumo. No entanto, ainda assim, vêm morrer aos seus pés. Mesmo cegas, olham para ele através das gotas de sangue em seus olhos vazios. Olham através do sofrimento, ou através do nada para o seu ditador. Olham, para aquele que parece ser a sua defesa ou que irá livrá-los do perigo. Mas olham sem ver. E morrem se batendo, em desespero, junto dele. Como não enxergam, é como se viessem morrer aos pés daquele que as maltrata, que as caça. E ainda têm seus corpos pisoteados, profanados.

Se fossem homens, poderíamos imaginar nesta imagem dolorosa de pássaros sem olhos sendo pisoteados aqueles que fiam-se em líderes que de tempos em tempos aparecem por esta América. Sem o conhecimento de seu passado, de sua história, sem o "dom da visão", acabam por atirar-se aos pés de seus algozes, julgando-os salvadores. Acabam sendo abatidos, mesmo estando prostrados. Como

³⁶ *Yes*, p.424.

³⁷ Silvia Inés Cárcamo. *Busca das origens e história: estudo sobre a narrativa de Augusto Roa Bastos*. Dissertação (mestrado), UFRJ, Rio de Janeiro, 1984. p.79.

se tivessem também os buracos de seus olhos vazios. Têm apenas seus "ossinhos" pisoteados como redenção.

* * * * *

A ditadura é uma constante no cenário político da América Latina nos séculos XIX e XX. No decurso dos anos, a população deste continente viu, através dos mais diferentes perfis e nomes, variações do tema, que deve ser considerado como um fator muito importante quando se pensa na escrita da história de um dado povo. Aqueles que são detentores do poder político têm interesse em mostrar a história e seus personagens de forma a alcançar uma dada legitimidade frente a seu país. Neste sentido, certamente manipulam a história de forma que fique registrado aquilo que é de seu interesse. Não podemos então nos esquecer dos "silêncios" da história, mencionados por Le Goff, que em um regime de restrições como é o caso da ditadura, pode ser mais difícil de serem trazidos à tona.

Exemplos desta manipulação da memória pelos detentores do poder, no caso do Paraguai, são o revisionismo histórico paraguaio, e o *Panteón Nacional de los Héroes*. Não devemos esquecer também da ativa participação de intelectuais no poder, como é o caso da maioria dos historiadores que estudamos. No intuito de criar uma dada imagem para o país, eles construíram histórias que, se por um lado respondiam ao momento vivido por eles e ao tipo de trabalho que pretendiam implementar, seja no governo ou em escolas, por outro tornaram-se a história oficial.

É de se imaginar, então, que a história das tragédias das pessoas comuns fique um pouco distante deste primeiro plano, a não ser quando envolvidas em episódios de grandiosidade épica, como é o caso da guerra da Tríplice Aliança, narrada geralmente qual uma epopéia. A própria morte do líder Solano López ganha ares de romance, no qual ele *muere con su patria*, e traz à cena histórica o obscuro soldado que o matou.

Através do percurso que realizamos neste estudo, com a obra da literatura paraguaia *Yo el Supremo* e com historiografia

paraguaia relativa ao mesmo personagem tratado no referido romance, pudemos vislumbrar o encontro possível entre as duas disciplinas, através de um mesmo tema, e assim, compreender os caminhos oferecidos por uma e pela outra.

Em um primeiro momento percebemos a necessidade de, assim como outros documentos históricos, contextualizar a obra literária, que possui pelo menos duas temporalidades, quais sejam, a da época de sua gênese (década de 1970) e a de *El Supremo*, ou seja, a primeira metade do século XIX. Observamos que a obra de Roa Bastos, embora não seja contemporânea ao período tratado, revelou-se como uma importante interpretação da história paraguaia. Mas, ao contrário de buscar referenciais na realidade, pudemos observar que a obra pôde apresentar uma nova visão acerca do personagem Francia, muitas vezes divergente da versão oficial da história. A obra literária, por poder desdenhar da pretensão à verdade das obras da historiografia pela sua própria condição de literatura, pode apresentar outras versões.

Pudemos conhecer também as variadas interpretações oferecidas pela historiografia para constatar que ela está fortemente imbuída de uma filosofia dicotômica, construindo Francia ora como um herói sem máculas, ora como um tirano impiedoso. Esta historiografia certamente está norteada por objetivos políticos muito claros, já que a maioria destes autores esteve de alguma forma, ligada ao poder político, ocupando cargos de destaque dentro do governo e sociedade paraguaias. Há que se ressaltar que seus autores certamente respondiam a questões presentes em seu momento. Mas, mesmo assim, é uma historiografia que deixa um pouco a desejar com relação à abordagem do tema.

Percebe-se que a questão da memória percorre a obra de Roa Bastos do começo ao final, com o Ditador chamando a todos nós, historiadores e romancistas, de profetas do passado. O romancista resgatou a memória deste esquecido ditador, bem como de eventos da história paraguaia, e também deu sua versão para a luta de seus conterrâneos. Mas, além disto, não somente forneceu uma outra interpretação como alertou para o perigo das construções

realizadas, satirizando historiadores e memorialistas. E mostrando como não é necessariamente crucial saber como aconteceram os fatos. O que importaria seria o seu sentido. Esta outra versão oferecida pela obra literária certamente contemplará àqueles a quem a história oficial não deu voz.

Parece ser este um grande sentido para a literatura paraguaia e também da latino-americana. A possibilidade de narrar eventos estando desvincilhada da obrigação à veracidade deixa a literatura com um leque de opções bem maior. Além disso, no caso da América Latina a relação entre as duas disciplinas parece ser muito mais entranhada do que normalmente se imagina, pois nossa história é extremamente rica, com muitos contrastes, contradições, e episódios insólitos, que por vezes parecem caber melhor em um romance do que em uma obra de caráter mais científico. Uma história na qual várias temporalidades estão presentes, e onde conquistados e conquistadores aprenderam, de alguma forma, a conviver.

No caso paraguaio, em especial, o idioma do conquistado, o guarani, vive lado a lado com o espanhol, mas há uma grande parte da população que ignora o idioma de origem européia. A literatura, neste caso, seria mais eficiente para representar a linguagem do povo e o seu modo de ver o mundo. Pois o idioma dos meios cultos é o do "conquistador", mas a literatura poderia apreender de melhor forma o modo de falar da gente comum. Certamente, será difícil encontrar uma obra da historiografia que seja escrita em guarani. Por outro lado, na literatura isto é possível, e o próprio Roa Bastos escreveu poesias neste idioma.

O romance, em tantas oportunidades na literatura latino-americana, mostra a história dos marginalizados através de personagens que representam os próprios, ou que convivem com eles. Lembremo-nos do pequeno Ernesto de *Los Ríos Profundos*³⁸, que sente o duelo na alma, de ter sido criado por índios, falar o quíchua, sentir-se um deles e ter de viver a cultura do "espanhol",

presenciando os abusos contra seus irmãos; ou de Chiru Caré, de *O tempo e o vento*³⁹, que adorou ser Voluntário da Pátria, pois fora a primeira vez em que ele andou completamente vestido, como "gente". Ou tantos outros personagens que já citamos no correr do texto como os de *Cem Anos de Solidão*, ou do próprio Roa Bastos, em *Hijo de hombre*.

Mas, em *Yo el Supremo*, é extraordinária a forma com que o autor realiza este intento. Através de personagem central da história paraguaia, que foi líder e dominou seu povo por quase 30 anos, como é o caso do ditador Francia, Roa Bastos nos conta a história dos marginalizados, de seu povo submisso e sofrido por vezes, mas que luta e se rebela por outras. Pela alma de um de seus mais famosos líderes, sua história é trazida à tona, contada e re-contada, discutida e analisada. Este é um dos pontos essenciais da obra, o resgate da memória de seu povo, do coletivo, como Francia parece representar muitas vezes. Mas por outro lado é também o resgate de seu ditador, mostrando-o em suas mais variadas facetas.

Roa Bastos, assim como mostra o seu povo ora submisso, ora aguerrido, com relação a Francia, por vezes acolhe a idéia do herói construída pela historiografia, por outras rompe com ela, para mostrar que ele é isto tudo: herói e vilão. Se a historiografia se perdeu em versões que tendiam para o "bem" ou para o "mal", a literatura pôde resolver este duelo, mostrando, de cada ângulo que se observe o ditador, uma perspectiva diferente.

Longe de querermos dar a vitória à literatura, no caso paraguaio ela pode apresentar-nos uma nova versão. Da citação distingam o legítimo do ilegítimo, pudemos observar que não há como questionar a ilegitimidade. Apenas queremos ressaltar que no caso da literatura paraguaia e desta obra em especial, ela pôde apresentar a história, e até antecipar temas que a historiografia, por quais motivos fossem ainda não havia podido.

³⁸ José Maria Arguedas. *Los Ríos Profundos*. Madrid: Alianza Editorial, 1994.

³⁹ Érico Veríssimo. *O tempo e o Vento*. São Paulo: Globo, 1995.

O que é obviamente também uma sugestão para a análise de outros tantos períodos históricos de países da América Latina, todos eles com rica literatura, mas, de certa forma, pouco explorada por aqui. História e literatura, aliadas, poderão proporcionar descobertas surpreendentes sobre os mistérios desta América.

Bibliografia

I. Artigos

- Anuário do Instituto de Investigaciones Históricas Dr. José Gaspar Rodríguez de Francia.* Asunción, ano V, nº 5, 1983.
- BÁEZ, Cecilio. "El dictador Francia; fundador de la nacionalidad paraguaya". In: BÁEZ, Cecilio. *Ensayo sobre el doctor Francia y la dictadura en Sud-América.* Asunción: Cromos/Mediterráneo, 1985. 2ª ed.
- BERND, Zila. (Sem título). In: *Gêneros de fronteira: cruzamentos entre o histórico e o literário.* São Paulo: Xamã, 1997.
- BRUIT, Héctor H.. "Crônica de um Massacre - uma greve operário-camponesa contra a United Fruit Co". In: *Revista Brasileira de História.* São Paulo: Ed. Marco Zero, 1985. v.5, nº 10.
- BURKE, Peter. "As fronteiras instáveis entre história e ficção." In: *Gêneros de fronteira: cruzamentos entre o histórico e o literário.* São Paulo: Xamã, 1997.
- CÂNDIDO, Antônio. "Literatura e subdesenvolvimento". In: *Argumento: revista mensal de cultura.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1973. ano 1, nº1.
- DÍAZ DE ARCE, Omar. "El Paraguay contemporáneo". In: González Casanova (org.). *América Latina: Historia de Medio Siglo.* México: Siglo XXI, 1979.
- DORATIOTO, Francisco. "A construção de um mito". In: *Folha de São Paulo*, 09/11/1997. Caderno Mais!.
- GINZBURG, Carlo. "Provas e possibilidades à margem de "Il Ritorno de Martin Guerre"". In: GINZBURG, Carlo. *A Micro História e outros ensaios.* Lisboa: Difel, s.d.
- GONZÁLEZ, Mario. (Sem título). In: *Gêneros de fronteira: cruzamentos entre o histórico e o literário.* São Paulo: Xamã, 1997.
- HARLAN, David. "Intellectual History and the return of literature". In: *American Historical Review.* v.94, nº

- 3, jun. 1989. Trad.: José Antônio Vasconcelos, doutorando em História Social, IFCH - UNICAMP.
- HOBSBAWM, Eric J. "O ressurgimento da narrativa: alguns comentários." In: *Revista de História*, nº 2-3, 1991.
- IGLÉSIAS, Francisco. "Apresentação". In: MALLARD, Letícia (et al.) *História da Literatura: ensaios*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1994.
- LACAPRA, Dominick. "História e o romance". *RH Revista de História*. Campinas, Unicamp, nºs 2 e 3, 1991.
- LAJOLO, Marisa. "Literatura e história da literatura: senhoras muito intrigantes". In: MALLARD, Letícia (et al.) *História da Literatura: ensaios*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1994.
- MARTINEZ, Miguel & CASTELLANOS, Jorge. "El dictador hispanoamericano como personaje literario". In: *Latin American Research Review*. 1981, v.XVI.
- MARTÍNEZ, Thomas Eloy. "The day I met Carlos Fuentes". Texto publicado na Internet, no dia 13/06/97, retirado de *New York Times Special Features*, 1996.
- MIGNOLO, Walter. "Lógica das diferenças e política das semelhanças: da literatura que parece história ou antropologia e vice-versa". In: CHIAPPINI, Lígia e AGUIAR, Flávio Wolf de (orgs.). *Literatura e História na América Latina*. São Paulo: EDUSP, 1993.
- MORAÑA, Mabel. "Documentalismo y ficción: Testimonio y narrativa testimonial hispanoamericana en el siglo XX." In: PIZARRO, Ana (org.). *América Latina: Literatura, Palavra e Cultura*. São Paulo: Memorial da América Latina, Campinas: UNICAMP, 1995. v.3.
- RAMOS, R. Antonio. "Falsedades en la historia del Dr. José Gaspar de Francia". In: *Anuário do Instituto de Investigaciones Históricas Dr. José Gaspar Rodríguez de Francia*. Asunción, ano V, nº 5, 1983.
- RETAMAR, Roberto Fernández. "Nuestra América y el Occidente". In: Leopoldo Zea (comp.). *Fuentes de la Cultura Latinoamericana*. México: Fondo de Cultura Económica, 1995. v. 1.
- ROA BASTOS, Augusto. "Imagen y perspectiva de la narrativa latinoamericana". In: ZEA, Leopoldo (comp.). *Fuentes de la cultura latinoamericana*. México: Fondo de Cultura Económica, 1993. v. 3.

RODRÍGUEZ-ALCALÁ, Guido. "Fascismo e Revisionismo". In: *Folha de São Paulo*, 09/11/1997. Caderno Mais!

RUFINELLI, Jorge. "Después de la ruptura, la ficción". In: PIZARRO, Ana (org.). *América Latina: Literatura, Palabra e Cultura*. São Paulo: Memorial da América Latina, Campinas: UNICAMP, 1995. v.3.

SCOTT, Joan W. "Prefácio a *Gender and Politics of History*." In: *Cadernos Pagu*, (3), 1994. Publicação do Núcleo de Estudos de Gênero - UNICAMP, Campinas - SP.

STONE, Lawrence. "O Ressurgimento da narrativa: questões sobre uma nova velha história". In: *Revista de História*, nº 2-3, 1991.

ZILLY, Berthold. "Civilização versus barbárie. Um confronto entre *Facundo*(1845) de Sarmiento e *Os Sertões* (1902) de Euclides da Cunha". In: *Gêneros de fronteira: cruzamentos entre o histórico e o literário*. São Paulo: Xamã, 1997.

II. Livros

ANDRADA E SILVA, Raul de. *Ensaio sobre a ditadura do Paraguai, 1814 - 1840*. São Paulo: Museu Paulista, 1978. Série Ensaio, v. 3.

ASTÚRIAS, Miguel Ángel. *O Senhor Presidente*. São Paulo: Brasiliense, 1967.

BÁEZ, Cecilio. *Ensayo sobre el doctor Francia y la dictadura en Sud-América*. Asunción: Cromos/Mediterráneo, 1985.

BARBOSA, Rui. *Francia e Rosas*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1952. Extraído das *Cartas de Inglaterra*.

BARRETT, Rafael. *El dolor paraguayo*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1978. Introdução de Augusto Roa Bastos.

BENÍTEZ, Justo Pastor. *La vida solitaria del Doctor José Gaspar de Francia, dictador del Paraguay*. Buenos Aires: El Ateneo, 1937.

BURKE, Peter (org.). *A Escrita da História*. São Paulo: Ed. da Universidade Estadual Paulista, 1992.

- CABANELLAS, Guillermo. *El dictador del Paraguay Dr. Francia*. Buenos Aires: Editorial Claridad, 1946.
- CARDOZO, Efraim. *Historiografia Paraguaia: Paraguay indígena, español y jesuita*. México: Instituto Panamericano de Geografía e Historia, 1959.
- CARLYLE, Thomas. *El Doctor Francia*. Buenos Aires: Anales de la Facultad de Derecho y Ciencias, 1908.
- _____. *Os heróis*. São Paulo: Melhoramentos, 1963. Trad. Antônio Ruas.
- CARPENTIER Alejo. *Literatura e Consciência Política na América Latina*. São Paulo: Global, s.d.
- _____. *O Recurso do Método*. Rio de Janeiro; Marco Zero, 1984.
- CHALHOUB, Sidney & PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (orgs.). *A história contada: capítulos de história social da literatura*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1987.
- CHAVES, Julio César. *El Supremo Dictador: biografía de José Gaspar de Francia*. Buenos Aires: Editorial Ayacucho, 1946.
- CHIAPPINI, Lúgia e AGUIAR, Flávio Wolf de (orgs.). *Literatura e História na América Latina*. São Paulo: EDUSP, 1993.
- DAVIS, Natalie Zemon. *O retorno de Martin Guerre*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- DEMERSAY, Alfred. *El doctor Francia, dictador del Paraguay*. In: *El Doctor Francia*. Asunción: El Lector, 1996.
- ECO, Umberto. *Pós-escrito a O Nome da Rosa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- FERNANDEZ MORENO, César (coord.). *América Latina em sua literatura*. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- FUENTES, Carlos. *Valiente mundo nuevo: épica, utopía y mito en la novela hispanoamericana*. México: Fondo de cultura Económica, 1992.
- GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. *Cem anos de solidão*. Rio de Janeiro: Record, 1996.

- _____. *O general em seu labirinto.* Rio de Janeiro: Record, sd.
- _____. *O outono do patriarca.* Rio de Janeiro: Record, s.d.
- GRANGER, Gilles Gaston. *Filosofia do Estilo.* São Paulo: Perspectiva, Ed. da USP, 1974.
- GELLY, Juan Andrés. *El Paraguay, lo que fue, lo que es y lo que será.* Asunción, Ed. El Lector, 1986.
- Gêneros de fronteira: cruzamentos entre o histórico e o literário.* São Paulo: Xamã, 1997.
- GINZBURG, Carlo. *A Micro História e outros ensaios.* Lisboa: Difel, s.d.
- GONZÁLEZ CASANOVA, Pablo (org.). *América Latina: Historia de Medio Siglo.* México: Siglo XXI, 1979.
- JOSEF, Bella. *História da literatura hispano-americana.* Rio de Janeiro: F. Alves, Brasília: INL, 1982.
- _____. *Romance hispano-americano.* São Paulo: Ática, 1986.
- JOSET, Jacques. *A literatura hispano-americana.* São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória.* Campinas: Ed. da UNICAMP, 1984.
- LEWIS, Paul H. *Paraguay bajo Stroessner.* México: Fondo de Cultura Económica, 1986.
- LORENZ, Günter W.. *Diálogo com a América Latina: panorama de uma literatura do futuro.* São Paulo: EPU, 1973
- MALLARD, Letícia (et al.) *História da Literatura: ensaios.* Campinas: Ed. da Unicamp, 1994.
- MARTINEZ, Olga Aida. *Figuras literárias hispanoamericanas.* México; B. Costa-Amic, sd.
- MENDOZA, Prudencio de la C. *El doctor Francia en el virreynato del Plata, antecedentes universitarios y políticos del dictador del Paraguay.* Buenos Aires: Talleres Graf. de Porter Mos, 1936.
- MENTON, Seymour. *La nueva novela histórica de la América Latina, 1979-1992.* México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

- MIGNOLO, Walter. *Teoría del texto e interpretación de textos*. México: UNAM, 1986.
- MITRE, Bartolomé. *Historia de Belgrano y de la independencia argentina*. Buenos Aires: Ed. Anaconda, 1950.
- MOLAS, Mariano Antonio. *Descripción Histórica de la antigua provincia del Paraguay*. Asunción: Nizza, 1957.
- MORENO, Fulgencio. *La ciudad de la Asunción*. Buenos Aires: Librería J. Suarez, 1926
- NAVARRO Ramón Gil. *Veinte años en un calabozo, o sea, la desgraciada historia de veinte y tantos argentinos muertos o envejecidos en los calabozos del Paraguay*. Rosário: Imprenta del Ferrocarril, 1863.
- PIZARRO, Ana (org.). *América Latina: Literatura, Palabra e Cultura*. São Paulo: Memorial da América Latina, Campinas: UNICAMP, 1995. v.3.
- RAMOS MEJIA, José Maria, com a obra *Las Neurosis de los Hombres Célebres en la Historia Argentina*. Buenos Aires: Ed. Científica y Literaria Argentina, 1927.
- RENGGER, Johan. & LONGCHAMP, Marcelin. *Ensayo sobre la Revolución del Paraguay y el gobierno dictatorial del Doctor Francia*. In: *El Doctor Francia*. Asunción: El Lector, 1996.
- ROA BASTOS, Augusto. *Antología Personal*. México: Editorial Nueva Imagen, 1980. Prólogo de Rubén Bareiro Saguier.
- _____. *Hijo de hombre*. Madrid: Espasa Calpe, 1993. Prólogo de Adriana J. Bergero.
- _____. *Lucha hasta el alba*. Asunción: Ed.Arte Nuevo, 1979.
- _____. *Yo el Supremo*. Espanha, Siglo XXI, 1982. 3ª ed. Espanha.
- ROBERTSON, J. P. & ROBERTSON, G. P. *La Argentina en la época de la revolución*. Buenos Aires: L.J. Rosso, s.d.
- _____. *Cartas de Sud-América: episodios, historia, vida y costumbres (1810-1817)*. Buenos Aires: Emecé, 1950.
- RODRÍGUEZ-ALCALÁ, Guido. *Justicia Penal de Francia*. Asunción: RP Ediciones, 1997.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Cia das Letras, 1998

- VARGAS-PENÑA, Benjamin. *El Perfil del Tirano*. Asunción: Ed. Estudios Graf., 1993.
- VÁZQUEZ, José Antonio. *El Doctor Francia visto y oído por sus contemporáneos*. Buenos Aires: EUDEBA, 1975.
- WATT, Ian. *A Ascensão do Romance*. São Paulo: Cia das Letras, 1990.
- WHIGHAM, Thomas & COONEY, Jerry. *El Paraguay bajo el Dr. Francia: ensayos sobre la sociedad patrimonial*. Asunción: El Lector, 1996.
- WHITE, Hayden. *Trópicos do Discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. São Paulo: Edusp, 1994.
- ZEA, Leopoldo (comp.). *Fuentes de la Cultura Latinoamericana*. México: Fondo de Cultura Económica, 1995. v. 1 e v.3.

III. Teses

- CÁRCAMO, Silvia Inés. *Busca das origens e história: estudo sobre a narrativa de Augusto Roa Bastos*. Dissertação (mestrado), Rio de Janeiro, UFRJ, 1984.
- NASCIMENTO, Jorge Luiz do. *A história e a ficção: os discursos complementados em El Arpa y la sombra, de Alejo Carpentier, e Los perros del Paraíso, de Abel Posse*. Dissertação (mestrado), Rio de Janeiro, UFRJ, 1993.
- NAVARRO, Márcia Hoppe. *Aspects of power and history in the dictator novels by Alejo Carpentier, Augusto Roa Bastos and Gabriel García Márquez*. Tese (doutorado), Londres, University of London, 1985.
- TEIXEIRA, Livia Maria de Freitas Reis. *O Senhor Presidente e o perfil do autoritarismo na literatura hispano-americana*. Dissertação (mestrado), Rio de Janeiro, UFRJ, 1984.